



ELLIOT ALLAGASH

DIÁRIO DE UM EX-PERDEDOR

SIMON RICH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ELLIOT ALLAGASH

DIÁRIO DE UM EX-PERDEDOR



SIMON RICH

Tradução: Marcelo Barbão

 Planeta

Copyright © 2012 by Simon Rich
Título original: Elliot Allagash

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

R384e

Rich, Simon

Elliot Allagash / Simon Rich ; tradução Marcelo Barbão. - São Paulo : Planeta, 2012.

272p.

Tradução de: Elliot Allagash

ISBN 978-85-7665-909-9

1. Ficção americana. I. Barbão, Marcelo. II. Título.

12-2021. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

30.03.12 04.04.12 034347

Parada Livre

Meus pais sempre ficaram do meu lado quando eu era criança, não importava quanto eu estivesse errado. Quando esmaguei meu Sega Genesis novinho durante um ataque de raiva, eles culpavam o *Sonic* por me deixar nervoso. Quando perdi meu passaporte no aeroporto, eles se culpavam por deixar o documento comigo. Desse modo, quando contei o que Elliot tinha feito comigo, fiquei bastante surpreso com a reação deles.

– Talvez tenha sido um acidente – disse meu pai. – Acidentes acontecem o tempo todo.

– Não acho que foi um acidente – respondi.

– Tem certeza de que não imaginou a coisa toda? – perguntou minha mãe. – Você tem uma imaginação incrível... talvez tenha sido isso?

Lutei para resistir ao elogio.

– Não – respondi. – Não foi minha imaginação. Realmente aconteceu.

Era noite de Banco Imobiliário. Apesar de meu pai ter tirado um sete, ele ainda não tinha mexido seu carrinho. Ficou parado ali, no quadrado errado, abandonado. Em algum momento, os dois se levantaram e foram até a cozinha.

– Mãe? Pai?

Eles não responderam, mas eu podia ouvi-los murmurando entre si do outro lado da porta.

– Ele me empurrou pela escada – eu contei pelo que pareceu ser a centésima vez naquela noite. – Ele me empurrou, de propósito, na frente de um monte de gente. Foi muito louco.

No final, os dois voltaram para a mesa. Percebi que meu pai estava segurando uma cerveja. Só tinha visto meu pai beber em casamentos e enterros, por isso fiquei um pouco chocado. Os dois hesitaram por um momento, um esperando que o outro começasse a falar.

– A questão com o Elliot – disse minha mãe, finalmente – é que ele é diferente da maioria dos outros meninos.

Eu senti uma súbita onda de culpa.

– Ah, nossa – falei. – Ele é retardado?

– Não – respondeu meu pai. – Não exatamente.

– O que ele tem, então? – perguntei. – O que ele tem de diferente?

Minha mãe limpou a garganta.

– Ele é rico – foi o que ela disse.

Meu pai assentiu.

– Ele é *muito* rico.

Quando olho para os últimos cinco anos da minha vida, que foram dominados por Elliot Allagash em quase todos os sentidos, não posso deixar de pensar em como é estranho que tenhamos chegado a nos conhecer. Quando entrou na minha escola, com um colete branco e mocassins, Elliot já tinha vivido em sete cidades, incluindo Londres, Bruxelas e Zurique. O pai dele, Terry, gostava de mudar de casa regularmente, por capricho. A única razão

pela qual se mudara com a família para Nova York, de acordo com Elliot, era que seu fabricante favorito de luvas abrisse uma loja na Madison Avenue. A escolha de Glendale Academy tinha sido bem menos arbitrária: era a única escola particular da costa leste que aceitaria Elliot. Enquanto tinha vivido nessas sete cidades, ele fora expulso de mais de uma dúzia de escolas top de linha. Só Glendale, com seu ginásio dilapidado e laboratório de química datado, estava suficientemente desesperada, em termos financeiros, para fazer vista grossa ao histórico dele. Quando conheci Elliot, seus problemas incluíam vandalismo, faltas, violência gratuita, uso de drogas, contratação de um impostor para realização de uma prova e chantagem.

Ele tinha treze anos.

É estranho que tenhamos nos encontrado. Mas é ainda mais estranho que ele tenha se tornado meu melhor amigo.

Glendale era uma escola pequena e estava diminuindo a cada ano. As três mesas grandes na cantina podiam acomodar uns sessenta estudantes, mas havia somente quarenta e um na minha classe de oitavo ano. Quando almoçávamos, os vinte mais populares se sentavam-se à mesa do fundo e os outros vinte seguintes se espremiavam na mesa do meio. Eu me sentava na terceira mesa.

Tenho certeza de que poderia forçar minha entrada na mesa do meio – eu já tinha conseguido fazer isso colocando a bandeja de lado. Mas a verdade é que eu *gostava* da terceira mesa. Era espaçosa, silenciosa e, para mim, bem localizada. A maioria dos estudantes tratava a hora do almoço como uma atividade social. Mas

eu preferia pensar no almoço como um tipo de concurso, cujo objetivo era beber o máximo de leite achocolatado possível. Eu não considerava o almoço um sucesso a menos que tivesse consumido pelo menos cinco caixinhas. Se eu me sentasse em qualquer outro lugar da cantina, isso se tornaria um sonho impossível. Mas ao me posicionar a uns três metros da mulher que nos servia e trabalhar em conjunto com ela, conseguia cumprir a meta quase todo dia.

Uma tarde, estava trabalhando na caixinha número três quando percebi que Elliot estava sentado bem ao meu lado. Ele não tinha comida na sua frente, apenas um grande caderno preto.

Não vira Elliot desde que ele tinha, inexplicavelmente, me empurrado na escada quatro dias antes, na sua primeira manhã em Glendale. Assumi que ele tinha sentado perto de mim para pedir desculpas. Mas quando já estava tomando a quinta caixinha, era evidente que ele não tinha nenhuma intenção de se desculpar. Ele não olhou na minha direção nenhuma vez durante a refeição. Em vez disso, só olhava para seu caderno, riscando as páginas com uma caneta-tinteiro de ponta fina. Sentou-se ao meu lado no dia seguinte, e no outro, sempre fazendo o mesmo. Ele nunca falava comigo, nem me olhava. Só ficava ali sentado, escrevendo. Às vezes, arrancava um pedaço de papel de seu caderno, amassava e jogava no chão. E também, de vez em quando, estalava os dedos antes de anotar algo com um floreio. Pensei em perguntar no que ele estava trabalhando, mas parecia algo importante e não quis interromper. Só anos depois pensei que talvez ele não estivesse trabalhando em nada. Tudo aquilo – a escrita, os amassados e os estalos – era a forma de Elliot dizer olá.

Sempre que havia uma altercação física entre dois estudantes, os dois eram castigados, não importava quem tinha começado. A regra parecia injusta para mim, mas eu não via nenhum motivo para discutir com os professores. E, além disso, não me importava com o castigo. Durava somente uma hora e a sra. Pearl, a bibliotecária idosa que nos supervisionava, deixava que pegássemos duas balas de sua tigela no começo de cada sessão. A escola parecia lotada e claustrofóbica, mas o castigo era normalmente vazio, exceto por mim, a sra. Pearl e algum dos garotos que tinha me atacado durante a semana. Era um ambiente pacífico e, às vezes, durante as semanas estressantes, eu realmente queria ser castigado.

Ocasionalmente, a sra. Pearl nos fazia completar Formulários de Castigo, mas eu sabia, por experiência, que ninguém os lia, então nunca perdia muito tempo com eles.

Nome: Seymour

Série: 8^a

Infração: Briga

Descreva o que aconteceu: Eu estava parado ao lado do meu armário, cantarolando uma música do rádio, quando Lance se aproximou e começou a brigar comigo.

O que você aprendeu com essa experiência? Aparentemente, cantarolar é uma das coisas que faz Lance ficar doido e querer brigar.

O que você poderia ter feito de diferente? Nada.

O que você vai modificar em seu comportamento? Vou tentar não cantarolar perto do Lance.

Havia várias coisas boas no castigo: o silêncio, o doce. Mas a melhor parte era que Jéssica estava lá. Durante a semana escolar, eu mal a via. Ela estava sempre cercada por um monte de garotos, que a seguiam de uma aula para outra e bloqueavam minha visão. Mas durante o castigo, eles não estavam, e eu tinha a oportunidade de observá-la de perto.

Jéssica recebia o castigo por violar de forma flagrante as regras de vestimenta, muitas vezes, de várias formas, todas chocantes. Suas roupas eram tão obviamente impróprias para a escola que já era rotina os professores a obrigarem a se trocar e colocar as roupas de ginástica antes mesmo do começo das aulas. Se ela afirmava que não tinha roupas de ginástica com ela, os professores iam até o setor de Achados e Perdidos e a cobriam com o que pudessem encontrar. Eles faziam isso com a urgência de um bombeiro lutando para extinguir uma labareda.

Era incrível para mim como a vida de alguém poderia mudar em poucos meses. Na sétima série, Jéssica era tímida, uma garota nervosa, a quem os professores sempre pediam que “falasse mais alto”. Porém, no verão, tudo nela ficou maior. De alguma forma, ela tinha experimentado todos os efeitos positivos da puberdade e nenhum dos negativos. Seu rosto tinha ganhado ângulos sem sucumbir à acne. Ela desabrochava vários centímetros, mas seus dentes continuaram perfeitamente retos. E apesar de certas partes de seu corpo terem inchado bastante, ela não tinha engordado. Seu corpo havia se tornado tão obscenamente proporcional que até os professores tinham dificuldade em interagir com ela. Eles gaguejavam e, às vezes, ela é que tinha de pedir a *eles* que “falassem mais alto”.

Jéssica nunca usava mochila nem carregava qualquer objeto que sugerisse que estudava em nossa escola. No começo de cada classe,

alguns meninos se juntavam ao redor de sua mesa e emprestavam tudo que ela iria precisar nos quarenta e cinco minutos seguintes. Eu às vezes ouvia as garotas chamando-a de “esnobe”, mas elas não a conheciam tão bem quanto eu. Jéssica era uma pessoa normal, como todo mundo. Claro, às vezes ela fazia besteira e usava tops tubinho ou brilho no rosto. Mas quem nunca usou as roupas erradas? Eu usei. Em duas ocasiões, acidentalmente fui para a escola com a calça do pijama. Era muito diferente?

E, além disso, mesmo se *estivesse* quebrando as regras de propósito, quem poderia culpá-la? Eu nunca conhecera uma pessoa como Jéssica, mas havia lido muitas revistas dos X-Men e achava que elas tinham me dado uma sólida referência. Na minha mente, Jéssica era como uma nova super-heroína que só recentemente tinha descoberto seus poderes mutantes. E ela precisava de uma fantasia irada. É a primeira coisa a ser feita quando se é transformado num super-herói.

Apesar de muitos meses terem se passado, eu ainda me lembrava de nossa primeira conversa. Estávamos sentados no castigo, no começo do ano escolar, quando ela, repentinamente, veio até mim e sorriu.

– Eu troco minha bala por um lápis – ela falou.

– Está bem – respondi.

Foi a conversa mais longa que já tivemos, e eu sempre a repasso na minha cabeça.

Desde aquele dia, sempre andei com lápis extras no castigo, caso ela precisasse de um. Visto por esse ângulo, nosso relacionamento era bastante superficial: eu, a cada semana, trocava um lápis por duas balas. Mas havia mais coisas acontecendo do que uma simples transação econômica. Eu daria lápis de graça para Jéssica, mesmo se não houvesse nenhuma bala envolvida. E gostava de pensar que

ela também daria suas balas para mim, mesmo se eu não tivesse nenhum lápis para oferecer.

A gente não se conhecia muito bem, mas ela sempre agradecia falando meu nome.

– Obrigada, Seymour! – ela dizia. Ou: – Muito obrigada, Seymour!

E eu respondia:

– De nada, sempre às ordens!

Era um dos pontos altos da minha semana – junto com as balas, claro.

Eu exibia meu sortimento de lápis sobre a mesa, para que Jéssica escolhesse o que queria quando Elliot apareceu para cumprir seu castigo por me empurrar na escada. Apesar de sentarmos juntos todo dia na hora do almoço, durante aquela semana, não tínhamos falado um com o outro. Ele estava quinze minutos atrasado para o castigo, mesmo assim caminhava muito devagar.

– Parece que alguém precisa de um relógio! – disse a sra. Pearl.

Elliot não respondeu. Percebi que ele usava um relógio bem grande e cheio de recursos.

– Bem, você ainda vai ganhar um doce – ela disse, oferecendo a cestinha.

Elliot a ignorou e se sentou no fundo.

– Não quer doce? – perguntou a sra. Pearl. – Vamos lá, todos os meninos gostam de doce!

Elliot olhou para o Formulário de Castigo em cima de sua mesa. Depois de um longo suspiro, ele o pegou e ficou segurando no ar, com o dedão e o indicador, como se fosse lixo. Assim que a sra. Pearl se virou, ele largou o papel, que caiu no chão. Pegou, então, seu caderno e começou a escrever.

Havia quatro estudantes de castigo naquele dia: eu, Jéssica, Elliot e Lance. Lance não atacara ninguém especificamente naquela semana, mas tinha ficado de castigo mesmo assim por “violência em geral”. Estava rabiscando um raio nas margens de seu Formulário de Castigo, quando a ponta de seu lápis se quebrou. Ele deu um gemido.

Eu sorri quando Lance começou a mexer na sua mochila, procurando em vão por um apontador. Obviamente, ele podia me vencer em várias categorias: era mais forte, mais engraçado, mais popular, não se assustava tanto com barulhos etc. Mas quando se tratava de eficiência na preparação para a aula, eu poderia ensinar algo a ele. Havia um motivo pelo qual Jéssica pedia lápis *para mim* toda semana. Porque, quando era preciso, ela sabia com quem podia contar. E não só pelos lápis: borrachas, fita adesiva e tudo de que precisasse.

Jéssica agarrou alguns lápis da minha mesa e cruzou correndo a sala.

– Ei, Lance – ela sussurrou. – Precisa de um lápis?

Ela mostrou todos para que ele pudesse escolher. Lance ficou olhando um tempo, sorrindo.

– Posso pegar dois?

Jéssica assentiu e Lance puxou os dois de que tinha gostado mais.

– Obrigado, Jess – ele agradeceu.

Ela evitou olhar para ele, embaraçada.

– Sem problemas! – ela respondeu. – Sempre que precisar!

Ela jogou o resto dos lápis na minha mesa, voltou para sua carteira e ficou olhando absorta enquanto Lance terminava de desenhar.

Alguns dos meus lápis rolaram para o chão e quando eu me inclinei para pegá-los, percebi que Elliot olhava para mim. Ele ficou me observando durante o resto do castigo, mesmo quando destampou sua caneta e virou uma nova página de seu caderno.

Meus pais raramente me perguntavam como estava a escola. Não é que não estivessem interessados: é que havia muito em jogo. Glendale não era especialmente deslumbrante pelos padrões de Manhattan. Custava bastante menos do que as escolas ao redor do Central Park e as colinas de Riverdale. Mas ainda era uma escola cara – a mais cara que meus pais podiam pagar. Eles nunca falavam de dinheiro perto de mim, mas nosso apartamento não era muito grande, e se eu ficasse acordado até tarde, podia ouvi-los conversando sobre suas dificuldades financeiras através da parede do quarto, apesar do tom baixo que eles reservavam para aquele assunto. Usavam uma porcentagem importante da renda deles para me mandar a Glendale, e acho que estavam aterrorizados, em segredo, de que o investimento não desse resultados.

Se meus pais me contassem que a mensalidade custava cem dólares ou um milhão de dólares, provavelmente eu acreditaria neles. Dinheiro não significava nada para mim enquanto não se convertesse em doces. Meu pai recentemente tinha começado a me dar cinco dólares por semana, para me ensinar o valor do dinheiro, mas a nota de cinco dólares que ele me entregava toda semana poderia muito bem ser um vale com as palavras “vale um saco médio de balas”, porque era a única coisa que eu queria comprar. Quando tentei visualizar a quantidade de dinheiro que estava

desperdiçando ao estudar em Glendale, eu me imaginava nadando numa sala *cheia* de balas, como o Tio Patinhas, pegando as balas e jogando-as sobre a minha cabeça. Parecia muito obsceno.

Às vezes, no jantar, quando meus pais me perguntavam se eu estava feliz na escola, sentia a necessidade de contar tudo. Como eu era o único estudante no segundo ano de francês com quem o professor precisava falar em inglês. Como alguém tinha, de forma sarcástica, me indicado para presidente da classe numa reunião com a escola inteira e todo mundo tinha rido por tanto tempo e de forma tão intensa que o diretor teve que bater algum tipo de martelo, que eu nunca tinha visto antes, para que parassem. Como eu fingira minhas últimas quatro febres, só para ter uma desculpa para ficar em casa e evitar tudo aquilo. Mas eu não queria que pensassem que era ingrato. E, além disso, tinha a sensação de que já sabiam de todos esses problemas, apesar de eu nunca falar sobre eles. Nunca faziam muitas perguntas. Se eu falasse que a prova de natação tinha sido "normal", com "nada de estranho", eles acreditavam e permitiam que eu mudasse de assunto. E quando eu falava que tinha febre, eles nunca consultavam o termômetro. Simplesmente apertavam meu ombro, levavam a televisão até meu quarto e me desejavam melhoras.

Os padrões deles eram incredivelmente baixos. Eles me cumprimentavam por Cs e penduravam Bs na porta da geladeira. Se eu conseguisse um A em algo, eles imediatamente ligavam para minha avó, mesmo se fosse tarde e ela estivesse doente.

– Não! – ela exclamava. – Não posso acreditar nisso! Eu *não* acredito!

– É verdade! – dizia minha mãe. – Seymour, conte pra ela.

– É verdade – eu murmurava.

E aí ela começava a gritar, *realmente* gritar, como na vez em que ganhou um cruzeiro pelo Mediterrâneo em nossa rifa anual na sinagoga. Eu apreciava o apoio; mas às vezes preferia que eles fossem um pouco mais exigentes.

Uma semana havia se passado desde que Elliot me empurrara na escada; ele ainda não tinha falado comigo. Continuava a se sentar ao meu lado no almoço, rabiscando em seu caderno e de vez em quando olhando de forma estranha para mim.

Eu fazia o máximo para ignorá-lo. Tínhamos um teste de vocabulário de francês depois do almoço e eu estava determinado a mudar. Estava memorizando nomes de animais em francês quando senti um tapa forte no meu ombro esquerdo. Quando olhei, Elliot me encarava. Era a primeira vez que nossos olhares se cruzavam, e eu fiquei espantado, pois ele parecia muito cansado. Seu rosto era liso e perfeito, mas as olheiras eram escuras e profundas. Ele parecia ao mesmo tempo jovem e velho.

– Qual é sua? – ele perguntou.

Só quando ele começou a falar foi que percebi que nunca tinha ouvido sua voz antes. Era aguda e rítmica, mas também estranhamente fleumática. Ele parecia uma senhora britânica que fumou a vida toda.

– O que você quer dizer? – perguntei.

– O sinal já vai tocar – ele falou, sufocando a tosse. – E você só tomou dois leites achocolatados. Desse jeito, você nunca vai terminar as cinco caixinhas que acha necessário para aguentar cada período.

Eu forcei uma risada.

– Nem sempre bebo tanto assim.

– Bebe, sim – ele afirmou, virando as páginas de seu caderno. –

Na verdade, é comum beber seis.

Seus olhos se abriram repentinamente.

– Numa ocasião... você bebeu *sete*.

Olhei para meu colo.

– Achei que ninguém reparava nisso.

– E? – ele continuou. – Qual é o problema? Está doente?

– Não... só nervoso, acho. Sabe, por causa do teste de francês.

Ele arrancou o livro das minhas mãos.

– Por que você está olhando a página de animais? O teste é sobre profissões.

– Quando o professor falou isso?

– Ele não falou, mas é óbvio.

– Do que você está falando?

Ele virou a mão e ficou examinando, sem pressa, sua cutícula.

– O sr. Hendricks nunca escreve seus testes. Ele é muito ingênuo.

Sempre copia direto do livro.

– E daí?

– E daí que só há nove testes de vocabulário neste capítulo. E já fizemos os outros oito na classe. Só falta um.

Ele folheou o livro aberto até a página de “Ocupações” e me devolveu. Não podia acreditar. Restavam apenas cinco minutos de almoço e eu havia negligenciado a única página que importava.

– Como você descobriu tudo isso? – perguntei.

– Raciocínio básico.

Comecei a estudar a página, mas, a essa altura, eu já estava mais interessado no estranho caderno de Elliot.

– No que você está trabalhando? – perguntei.

– Não é da sua conta – ele respondeu.

– Ah, desculpe.

Voltei para o meu livro. *O fazendeiro, o empresário, o cozi...*

– É uma pesquisa – disse Elliot. – Estou fazendo uma pesquisa.

– Ah, é mesmo? Sobre o quê?

– Infelizmente, não posso contar.

Ele olhou para mim por um tempo, em silêncio, até ter certeza de que eu não ia pressioná-lo por mais informações. Aí recomeçou a falar:

– Meu pai doou uma quantidade razoável de dinheiro para este horrível lugar e parece que serei forçado a ficar aqui por bastante tempo. Estou estudando a escola para fazer com que meu tempo seja o menos doloroso possível.

Ele folheou seu caderno e me mostrou alguns dos diagramas que tinha feito. Um mostrava a frequência e a duração dos treinamentos contra incêndio. Outro classificava os professores por antiguidade. Havia mapas detalhados da escola, incluindo a sala da caldeira e os túneis de manutenção, e alguns poucos códigos aleatórios que pareciam combinações de cadeados.

– O que é isso? – perguntei, apontando uma lista de nomes de estudantes.

– É um índice de *status* – ele explicou. – Estou tentando classificar a posição de todo mundo. Está vendo? Este é você, no final.

– Está *muito* errado – eu retruquei.

– Você acha que deveria estar mais no alto?

– Não... essa parte está certa. Mas o resto precisa de modificações. Tipo, o Lance deveria estar mais no alto. Você nem o colocou entre os cinco primeiros.

Elliot assentiu lentamente.

– Que mais? – ele perguntou.

Olhei a lista de Elliot. Percebi que ele não tinha se colocado em nenhuma posição.

– Bom, provavelmente você deveria colocar Jéssica mais no alto – falei. – E o final está errado também. Algumas dessas pessoas têm muitos amigos.

Ele me entregou sua caneta.

– Arruma aí – exigiu.

Eu peguei a caneta, achando tudo meio estranho.

– Certo... Mas, Elliot, posso perguntar algo?

– O quê?

– Por que você me empurrou na escada?

Elliot deu de ombros.

– Por diversão – ele respondeu. – E para pesquisar. Queria saber qual castigo receberia.

– Mas por que você decidiu *me* empurrar?

– Para ter uma experiência padrão, eu precisava cometer um crime genérico. Abusar de você parece ser uma ofensa bem comum por aqui.

– Acho que isso faz sentido.

– Agora vou fazer uma pergunta *a você* – continuou Elliot. – Por que é tão impopular nesta escola?

Eu sabia por seu tom de voz que não havia nenhuma malícia no comentário. Ele estava realmente curioso.

– Você tem tanto dinheiro quanto os outros. Está um pouco gordo, mas não demais. Na verdade, alguns de seus colegas é que estão realmente obesos.

Apontou para eles.

– Então – ele continuou. – O que é?

Eu pensava na minha impopularidade quase o tempo todo, mas nunca tinha realmente conversado com alguém sobre isso.

– Muitas razões – respondi.

– Por exemplo.

– Bom, por exemplo... Não sou muito bom em esportes. Principalmente basquete.

Os olhos de Elliot se abriram.

– *Status* é determinado por *atletismo* aqui?

Eu assenti.

– É algo muito importante.

– Então aquele menino negro que está sempre pulando para tocar as coisas no alto...

– Chris.

– Tanto faz. Aquele menino é considerado importante? Apesar de ser evidente que está aqui graças a uma bolsa de estudos?

– As pessoas não prestam muita atenção em coisas como dinheiro em Glendale – expliquei. – Tem mais a ver se você é legal, se é bom em esportes e se as pessoas acham que você é esnobe. Coisas assim.

– É isso o que você realmente acha?

Elliot fechou os olhos e massageou as têmporas, como se conversar comigo o tivesse deixado exausto. Seu cabelo loiro liso, para ser honesto, quase branco, caiu sobre suas mãos. Ele o jogou para trás, abriu os olhos e apontou para mim.

– Alguém já te contou que o dinheiro manda? Que nada mais no mundo é importante?

Eu balancei a cabeça, assombrado.

– Eu poderia te comprar toda a popularidade nessa escola – ele falou. – Com um pouco de pesquisa e alguns investimentos bem

posicionados, poderia transformá-lo em *rei*. Admirado pelas garotas, respeitado pelos meninos, temido por todos.

Ri, nervoso.

– O que eu teria de fazer?

Elliot riu.

– Tudo que eu mandar.

Quando conto às pessoas histórias sobre Elliot, elas sempre fazem a mesma pergunta: por que ele devotou tanto tempo e esforço para melhorar sua vida se você era praticamente um estranho para ele, se tinham acabado de se conhecer? É uma boa pergunta. E só posso tentar responder falando sobre videogames.

Antes de conhecer Elliot, eu jogava *um monte* de videogames todo dia depois da escola. E apesar de não gostar de jogar basquete na vida real, fiquei louco quando meus pais me deram *NBA Live 96*. O jogo era único na época porque permitia que eu me transformasse em “técnico” de uma equipe. Dava para fazer trocas e jogar toda uma temporada contra outros times, todos controlados pelo computador. Coloquei no “Fácil”, porque era a primeira vez que eu jogava. E escolhi o Sacramento Kings, pois gostava do uniforme do time – roxo e negro, com uma listra prateada.

O computador sugeria uma formação inicial baseada nos cinco melhores jogadores na vida real. Mas eu decidi usar meu *status* de técnico para misturar as coisas. Mitch Richmond, uma estrela, foi colocado na defesa. Mas isso era o que todo mundo esperava! Decidi tirá-lo da formação e substituí-lo por Derrick Phelps, um jogador da reserva que só tinha jogado em três partidas oficiais durante toda a

sua carreira profissional. Assim que fiz a mudança, uma linha de texto em vermelho apareceu na tela:

Você tem certeza de que quer substituir MITCH RICHMOND por DERRICK PHELPS?

Hesitei por um momento, consciente de que tinha feito uma decisão pouco ortodoxa. Mas depois fiquei bravo. Quem era o computador para me dizer quem eu podia ou não colocar na minha formação inicial? Eu era o técnico do Sacramento Kings! Rancoroso, apertei o botão "Iniciar", e, em poucos segundos, Derrick Phelps entrava em quadra. Ganhei a bola, passei para ele e imediatamente fiz com que arremessasse da linha de três metros. Foi um arremesso horrível, quase nem tocou o aro, e o outro time pegou o rebote com facilidade. Será que eu tinha cometido um erro? Decidi pedir tempo e dar uma olhada melhor nas estatísticas de Derrick na temporada anterior:

Partidas Jogadas: 3

Total de Minutos: 5

Pontos por Jogo: 0,0

Não eram muito encorajadoras, especialmente quando comparadas aos números de Mitch Richmond no mesmo ano:

Partidas Jogadas: 82

Total de Minutos: 3.172

Pontos por Jogo: 22,8

Coloquei Mitch Richmond de volta por algumas jogadas. Ele imediatamente roubou uma bola e fez um passe para o centro, mesmo sem olhar. A plateia ficou doida, mas os gritos me deixaram gelado. Era muito fácil dominar o jogo com o Mitch Richmond. Claro,

eu podia jogar seguindo as regras e deixá-lo carregar meu time até a vitória do campeonato. Ou eu podia virar o mundo do basquete de ponta-cabeça e criar uma nova lenda do zero. Uma lenda chamada Derrick Phelps. Pedi outro tempo e coloquei-o de volta no jogo.

No final do terceiro tempo, Phelps tinha acertado quase setenta arremessos de três metros. Ele estava programado para errar a maioria dos tiros. Mas ainda conseguiu fazer sessenta e seis pontos e com o jogo no modo "Fácil", era tudo que eu precisava para chegar à vitória.

Em três semanas jogando religiosamente toda tarde depois da escola, eu tinha levado meu Sacramento Kings ao Campeonato Mundial. Nesse momento, Derrick Phelps tinha quebrado todos os recordes importantes na história da NBA. Ele terminou a temporada com uma média de oitenta pontos por jogo. E nunca perdia um único minuto da ação, não importava se estivesse muito cansado.

Toda noite, deitado na cama, eu me imaginava dentro do jogo, numa entrevista coletiva como técnico do meu Sacramento Kings eletrônico.

– Onde você descobriu esse garoto? O Derrick? Ele é o próximo Michael Jordan!

– Ele é *melhor* do que Jordan – eu respondia. – Ele está fazendo coisas nesta liga que nunca foram feitas antes. Coisas que nunca tinham sido sonhadas.

– Você tem algum problema com seu registro de arremessos? Ontem à noite, ele tentou trinta e sete arremessos de três pontos, incluindo nove no campo de defesa. Não é a marca de um jogador egoísta?

– Ouça-me bem – eu dizia, bravo, apontando para o repórter imaginário. – Phelps trouxe mais fãs a essa liga do que qualquer

outro jogador na história. Se ele quer arremessar da linha de três pontos metros, acho que ele *ganhou* esse direito.

Quando encontrei Derrick Phelps, ele era um jogador inexperiente sem nenhum respeito dentro da liga. Em apenas uma temporada, eu o transformara na maior estrela que esse esporte já tinha conhecido. Ele era minha maior conquista.

Nunca contei nada disso para Elliot, mas acho que ele teria entendido. Claro, Elliot nunca jogou videogames. Ele não precisava.

Eu sabia que a proposta de Elliot era absurda. Popularidade não é algo que pode ser comprado, como um par de tênis. Demorava *anos* para ser adquirida, ou se você fosse a Jéssica, um verão fisicamente intenso. Era divertido imaginar como era ser popular: sentar-me para almoçar onde eu quisesse, jogar videogame com outro ser humano, cantarolar sem medo de violência. Mas eram fantasias, e meus anos em Glendale tinham me ensinado a não me basear nelas.

Além disso, minha situação não era tão ruim quanto Elliot tinha sugerido. Claro que eu não era tão popular, no sentido tradicional, mas as pessoas ainda me respeitavam. Na verdade, eu tinha acabado de ser convidado para o evento social mais importante do ano: o aniversário de Lance. O convite tinha chegado uns dias atrasado, e eu havia passado todo o fim de semana em pânico, convencido de que era uma das poucas pessoas que tinha sido ignorada. Mas, no final, minha mãe me mostrou o cartão vermelho brilhante, assinado pelo próprio Lance. As coisas não podiam estar tão ruins, certo? Eu tinha sido "cordialmente convidado" para a "Festa na Piscina de Lance Cooper". Talvez ele tivesse se lembrado

de mim depois. Mas quem se importava? Lance me *queria* na festa. E isso já era bom o suficiente para mim.

Eu tinha medo do evento. Não aparecia diante dos meus colegas de classe em roupa de banho desde a prova de natação da sétima série. E a lembrança daquele evento era tão aterradora, que eu literalmente começava a suar. Na manhã da festa, eu certamente fingiria alguma doença. Mas isso não interessava. Deitado na cama, com o convite de Lance Cooper no parapeito da janela, senti uma alegria que havia meses não experimentava. Era a primeira festa a que tinha sido convidado desde que entrara em Glendale. E quem sabe? Talvez minha vida estivesse começando a mudar.

Eu estava prestes a dormir quando um cheiro inconfundível tomou conta do meu quarto. Minha mãe estava assando algo – algo delicioso. Eu instintivamente pulei da cama e caminhei às cegas pelo corredor escurecido. Só quando vi o relógio da cozinha que percebi que havia algo errado. Minha mãe *nunca* assava algo tão tarde da noite.

A cozinha estava completamente escura exceto pelo brilho fraco e amarelo do forno. Olhei ao redor, procurando minha mãe, mas ela tinha ido até seu quarto para esperar o que colocara no forno ficar pronto. Dei uma espiada no forno, incrédulo. Não fazia nenhum sentido: minha mãe estava fazendo *cookies* – uma bandeja inteira de *cookies* de pasta de amendoim – e eu não tinha sido informado. Estava a ponto de bater na porta para confrontá-la quando dei uma olhada numa lata sobre a pia. Minha mãe tinha forrado-a com papel-manteiga e colado um cartão de agradecimento à tampa. Era para a sra. Cooper.

A mãe de Lance.

Eu abri o cartão.

Obrigada por concordar em incluir Seymour, ele está muito animado! Quanto à nossa discussão, garanto que Seymour está consciente da higiene apropriada para usar a piscina e que o "incidente" da prova de natação não se repetirá.

Eu voltei para meu quarto, enjoado de tanta vergonha. Meu pai pareceu tão feliz quando contei sobre a festa do Lance no jantar. Eu fiquei imaginando se ele sabia sobre a patética intervenção da minha mãe – e a condição com a qual ela tinha concordado. Eu conseguia imaginar Lance discutindo com sua mãe, por três longos dias, antes de relutantemente assinar meu convite. Podia imaginá-lo comendo os *cookies* com seus amigos, explicando a triste origem deles.

Era onze da noite, muito depois da hora de qualquer menino normal dormir, mas de alguma forma eu sabia que Elliot estaria acordado. Tranquei a porta pela primeira vez na minha vida e, em silêncio, procurei seu número na lista.

– Certo – falei. – Quando podemos começar?

Elliot riu.

– Imediatamente.

–Então, Vlad, você nunca jogou na National Basketball Association?

– Bem... não. Não oficialmente. Mas eu treinei com o Pacers um verão e joguei com caras da NBA no CBA.

Elliot virou os olhos.

– Vai ter de servir – ele disse.

O jogador de basquete olhou para Elliot com seus olhos grandes, sem piscar. Vlad era, provavelmente, a pessoa mais alta que eu já tinha conhecido; seus braços eram assustadoramente musculosos. Mas ele falava com o calmo nervosismo de um garoto apresentando-se no primeiro dia da escola. Bateu a bola contra o banco de madeira e o eco reverberou em todos nós. Elliot tinha alugado toda uma ACM, e o lugar estava completamente vazio exceto por mim, Elliot e Vlad.

Elliot não tinha me contado aonde íamos depois da escola; simplesmente tinha me empurrado para o banco traseiro de sua limusine. Fiz algumas perguntas no caminho, mas ele estava muito ocupado com ligações para responder. Quando chegamos ao lugar, ele me jogou uma mochila com roupas de ginástica – exceto por isso, ele me ignorou.

Usava um terno cinza com um lenço azul no bolso.

– Quando o treinador escolhe sua equipe? – ele perguntou.

Vlad deu de ombros.

Elliot pegou seu celular e apertou apenas um botão.

– Descubra a data exata dos testes de basquete da oitava série de Glendale – falou para alguém. Desligou e colocou o celular de volta no bolso.

– Bom – continuou, gesticulando vagamente na minha direção. – O que estamos esperando?

Na hora seguinte, Vlad me submeteu a uma variedade de dribles para avaliar meu “nível de habilidade”. A primeira vez que eu bati a bola – arremessando-a contra o chão com duas mãos trêmulas – ele reclamou. Tentou ser o mais profissional possível, oferecendo-me encorajamento polido depois de cada besteira que eu fazia, mas eu podia sentir o horror em seu rosto. Mais tarde, descobri que Elliot estava pagando Vlad com base no meu desempenho. Se eu não

conseguisse entrar na equipe de basquete da oitava série, ele deixaria de ganhar um monte de dinheiro.

Depois do meu segundo ataque de tosse, Vlad parou com os exercícios e me levou até a arquibancada. Elliot estava lendo algum tipo de livro de história militar – naval, parecia – e foram necessárias algumas tentativas para chamar sua atenção.

– Bom, como ele está? – perguntou Elliot.

– Não está mal – respondeu Vlad, forçando um sorriso. – Ele joga com o coração.

Elliot fechou seu livro e apontou o dedo para a cara de Vlad.

– Não fala merda! – gritou.

Esperou uns poucos momentos para que o eco desaparecesse. Depois continuou num tom mais calmo.

– Não tem a ver com “sentimentos”, Vlad. Isso não tem nada a ver com “autoestima”. Estamos falando de vitória. Estou *pagando* a você por vitória. Agora, seja sincero: você pode treiná-lo para que entre na equipe? Ou terei de encontrar outra pessoa?

Vlad sentou-se na arquibancada.

– Certo – ele falou. – Quer honestidade? Não vai ser fácil. Parece que esse garoto nunca jogou antes, e também nem deve ter *assistido* um jogo. E não tem só a ver com habilidade. Fisicamente, ele é um desastre total. Para alguém com catorze anos, seu pulmão é *bem* fraco. E sua caminhada... a forma como ele corre... é louco. Quando ele correu pela primeira vez na quadra, pensei que estava brincando. Mas não estava. É assim que ele realmente corre.

Elliot assentiu.

– Certo – ele falou. – Então como vai ser?

Vlad olhou para cima e soltou um longo suspiro.

– Eu diria um *mínimo* de duas horas por dia. Mais academia e condicionamento. Mas isso só para os fundamentos. Sem outros

jogadores, ele não vai ter uma noção real de como é o jogo.

– Certo, vamos conseguir outros jogadores.

– Como você vai fazer *isso*? Quero dizer, não dá pra simplesmente conseguir toda uma equipe de...

Os olhos de Elliot se entrecerraram.

– Pense numa coisa – ele falou. – *Pare de me* falar o que eu posso e o que não posso fazer. Alguém já lhe contou sobre a minha situação? Quem sou eu, como funciona, esse tipo de coisa?

Vlad assentiu.

– Certo – disse Elliot. – Certo.

Ele fechou os olhos e massageou as têmporas.

– Desculpe por gritar – ele falou. – Estou de mau humor.

Deu um tapinha no ombro gigante de Vlad.

– Bom trabalho por hoje – elogiou.

Ele abriu seu celular e sussurrou algo no receptor. Alguns segundos depois, as portas do ginásio se abriram e alguns frequentadores de meia-idade frustrados entraram na quadra.

– A quadra agora está aberta para o público – anunciou Elliot, abotoando seu longo casaco negro.

Um deles começou a perguntar quem Elliot era e como tinha conseguido reservar a quadra na mesma hora em que eles usavam, mas seus amigos o silenciaram. Sentiram, de alguma forma, que seria um erro questionar Elliot.

–Diga que você esteve treinando – disse Elliot. – Diga que treinou duro todo o verão e quer jogar com eles.

Era sexta à tarde. Lance tinha organizado seu tradicional jogo três-contra-três no John Jay Park. A maioria dos garotos estava na beira da quadra, esperando que esta semana fossem escolhidos. As garotas estavam sentadas na arquibancada, comendo batata frita e fingindo que não olhavam.

– O que você está esperando? – mandou Elliot. – Faça o que eu digo!

Eu expliquei como era difícil conseguir um desses seis postos, como até os melhores atletas da oitava série precisavam puxar o saco de Lance a semana toda para serem considerados. Contei que ele nunca me escolheria, e se fizesse, o jogo seria ridículo. Eu definitivamente tinha feito algum progresso nas cinco primeiras semanas de treinamento: finalmente compreendera o que era um drible duplo e, a julgar pela quantidade de sobremesa que minha mãe estava me oferecendo a cada noite, eu tinha perdido bastante peso. Mas eu ainda não estava nem perto do nível dos outros garotos.

– Eles não vão me deixar jogar – expliquei. – Você não sabe como a coisa funciona.

Elliot deu dois passos, afastando-se de mim, e depois girou rápido.

– Certo – ele falou. – Para começar: nunca me diga que eu não sei como as coisas *funcionam*.

Ele parou por um momento, para que eu entendesse direito.

– Você terá de confiar em mim – continuou. – Meu plano é muito elaborado e engenhoso para que você o compreenda agora, mas é vital que siga cada passo, faça tudo. Agora vá até lá e diga, o mais alto possível, que esteve treinando basquete no verão e que gostaria de jogar.

Elliot parecia determinado. Dei um gole na minha Pepsi para ganhar tempo e pensar. Como regra, eu tentava limitar meu contato com Lance. Recentemente, ele tinha começado a me chamar de “balofó” e eu estava aterrorizado de que se ele repetisse esse apelido mais algumas vezes, todo mundo o adotaria. Mas, por outro lado, Elliot tinha feito tanto por mim nas últimas semanas – não queria que me achasse ingrato. Larguei meu refrigerante e comecei a caminhar até a quadra.

– Espere! – sussurrou Elliot. – Quem é aquela garota alfa na arquibancada? A sorridente com aqueles cachinhos estúpidos, *realmente estúpidos*?

– Oh, é a Jéssica – eu respondi. – É aquela que falei que deveria estar no topo de sua lista. É provavelmente a garota mais popular de toda a série.

– Certo – disse Elliot. – Para mim, todos são parecidos.

Ele apontou na minha direção.

– É importante que ela ouça – falou.

Quando voltei trinta segundos depois, meu rosto estava vermelho e os olhos queimavam de vontade de chorar.

– Como foi? – perguntou Elliot.

– Ele me chamou de balofó e todo mundo ouviu. Não posso acreditar... todo mundo vai começar a me chamar de balofó. Sou “o” balofó agora. Essa é a minha vida, a partir de agora.

Olhou para a quadra. Alguém passou a bola para Lance e ele imediatamente fez uma cesta de três pontos. Elliot sorriu e voltou a seu livro.

– Por que você tá sorrindo? – perguntei. – Ele disse *não*. A coisa não funcionou.

– Está brincando? – ele estranhou. – Funcionou perfeitamente.

Vlad me entregou uma bola de basquete e moveu meus braços e pernas até eles estarem na posição correta para arremessar.

– Faça assim – ele mandou. – E não se esqueça da caída.

Verifiquei a forma como estava segurando, dobrei os joelhos e soltei a bola da linha de marcação. Ela deslizou por meus dedos, girou no ar e passou pelo aro. Eu pulei para chamar a atenção do Elliot, mas ele estava muito absorto em seu livro para perceber.

– Ei, Elliot! – chamei. – Fiz um ponto de falta!

Vlad colocou sua palma gigante no meu ombro.

– É muito cedo pra comemorar, garoto – ele avisou. – Ainda temos muito trabalho pela frente.

Vlad apitou; um cara alto usando shorts e um boné de beisebol entrou no ginásio. Parecia conhecido, mas não conseguia me lembrar de onde. Só quando começou a falar que eu o reconheci.

– Trouxe as crianças que você pediu – ele anunciou com sua voz grossa e monótona. – Se precisar de alguma coisa, é só falar.

– Oh, meu Deus – eu disse. – *James?*

Era o motorista do Elliot, o cara que nos levava ao ginásio todo dia. Nunca o vira sem seu terno preto e chapéu.

James estalou os dedos e um grupo de meninos usando camisetas combinando entrou correndo no ginásio. Havia exatamente nove deles, percebi, o suficiente para uma partida. Vlad olhou para James por um momento, chocado pelo outro ter

sequestrado tantas crianças sem muito esforço. Depois, limpou a garganta, assoprou o apito e voltou ao trabalho.

— Como você conseguiu esses caras? — perguntei na limusine, de volta para meu apartamento.

— Pedi que James criasse uma liga de basquete — me contou Elliot. — Há mais de cem jogadores.

— Jesus — sussurrei. — Não é muita coisa pra pedir a um motorista?

— James é mais do que um simples motorista — respondeu Elliot.

— Certo — comecei. — Mas... mesmo assim... não é um pouco louco começar toda uma liga, só por mim?

— Você precisava de gente para jogar. E esta era a única maneira de conseguir com que os pais concordassem. Qualquer outro método os deixaria desconfiados.

— Então... vai ter, tipo, jogos e tudo mais? Mesmo quando eu não estiver?

— É uma liga normal — ele explicou. — Há torneios, técnicos, uma *newsletter*. O time com o qual você jogou hoje acreditava que estava aqui para um treinamento normal. Ele se chama Timberwolves.

A gente rodou um tempo em silêncio.

— Ei, Elliot — falei. — Você viu o quarto tempo?

— Não — ele respondeu —, estava lendo.

— Ah. Bom, foi bem legal. Eu roubei a bola algumas vezes e fiz várias bandejas. Não era o melhor na quadra, mas certamente sou

melhor que a média. Não quero ficar com muita esperança... mas realmente estou ficando mais confiante com os testes.

Elliot assentiu.

– Não se torne muito complacente – ele falou. – O Timberwolves é o pior time na liga.

Nas semanas seguintes, minha velocidade aumentou, meus arremessos e minha confiança melhoraram muito. A cada semana, eu jogava contra equipes cada vez melhores da liga de Elliot. Na semana dos testes, estava levando minha fraca equipe para a vitória.

Minha mãe, aterrorizada com minha recente perda de peso, fez dois médicos diferentes me testarem em busca de parasitas. Quando tentei explicar que estava jogando basquete depois da escola, com Elliot, isso só a deixou mais confusa.

– Não foi ele que o empurrou na escada? – ela perguntou.

– Foi só uma experiência – contei.

Não falamos mais nada.

Eu queria jogar no parque, para ver como me saía contra meus companheiros de classe, mas Elliot me impediu.

– Lance poderia notar como você melhorou – ele disse. – É importante que esteja desprevenido. – Ele balançou a cabeça desgostoso. – O fato de que alguém como Lance tenha *influência* nesta escola é uma prova de sua pouca importância.

– Do que você está falando? – eu perguntei. – O Lance não é... você sabe...

– Ele não é *o quê?*

– Bom, você sabe... ele não é rico?

– Claro que não – respondeu. – Seu pai tem alguns galpões no Queens. Mas isso não constitui exatamente um império.

– Mas ele tem o novo Penny Hardaways – eu falei.

– Exatamente! O tênis mais luxuoso do mercado. Ele *precisa* usá-los para provar que sua família finalmente pode comprá-los! Ele é como um homem das cavernas com um pedaço de marfim no nariz. Claro, Lance sente orgulho daqueles tênis. Mas quando seus filhos virem as fotos, ficarão envergonhados porque seu pai teve de *se mostrar* tanto. E seus netos... eles ficarão totalmente envergonhados.

Olhei para os sapatos de Elliot. Eram mocassins feitos à mão, com o que parecia ser couro de jacaré. Tinham pontas de prata, fivelas douradas, e as solas eram vermelho-sangue.

– E esses? – perguntei.

Elliot deu de ombros.

– Os Allagash podem tudo.

Lance pode ter sido o primeiro garoto na classe a usar tênis Penny Hardaway, mas no dia dos testes, tantos garotos tinham começado a copiá-lo que ele sentiu necessidade de mudar. Estava usando o novo Air Jordans – um tênis absurdamente caro, com cordões dourados e algum tipo de capa removível. Ninguém os notou até entrarmos na sala, quando ele afastou sua cadeira e colocou os dois pés em cima da mesa.

Foi um gesto bastante perturbador, mas o sr. Hendricks não falou nada. Hendricks era um homem nervoso, um frágil professor de

francês que batia as mãos de uma forma engraçada quando gritava. Usava ternos de tweed e óculos com aro escuro, mas não conseguia esconder o fato de que era o professor mais jovem na nossa escola. Era evidente pelo asseio de suas provas, o cuidado com que reciclava os murais e a forma como piscava quando os estudantes reclamavam da lição de casa. Elliot tirava sarro dele o tempo todo – especialmente pela péssima qualidade de seus ternos – mas ele era, de longe, meu professor favorito. Era o único com o qual eu conseguia me relacionar.

Jéssica e Lance começaram a conversar baixinho, e Hendricks pegou um livro, fingindo que não havia percebido. Quando as vozes dos dois ficaram muito altas para serem ignoradas, ele foi para o banheiro.

– Você deveria ver os testes – disse Lance.

– Tenho treino das animadoras de torcida.

Eu estava sentado atrás deles; percebi que, num momento, Jéssica tinha apoiado seu pé na mesa, perto do de Lance.

– Vocês poderiam começar bem a temporada – Lance falou. – Venham torcer por mim hoje.

Ela aproximou o pé do dele, até estarem praticamente se tocando.

– Vou, sim.

Senti um apertão no estômago. Já estava nervoso sem a ameaça de uma testemunha feminina. Se Jéssica fosse, todo mundo a seguiria. Eu estava treinando havia meses: e se tudo terminasse num desastre? A única coisa que me acalmava era a visão de Elliot. Ele estava olhando pela janela, os braços cruzados, um sorriso sereno no rosto. Por mais difícil que fosse imaginar que eu teria sucesso, era ainda mais difícil imaginar que Elliot pudesse fracassar.

Algumas horas antes dos testes, o sr. Hendricks nos levou até o pátio para o recreio. Eu estava repassando todos os exercícios de aquecimento que Vlad tinha me ensinado quando ouvi uma comoção na fonte de água. Um homem alto usando uma fantasia gigante do doce Butterfinger estava entregando amostras do chocolate. Instintivamente, comecei a correr na direção dele, quando senti a mão de Elliot segurando meu ombro.

– É para eles – disse. – Não para você.

Olhei para o pátio. O sr. Hendricks estava pedindo aos estudantes que “só pegassem um!”, mas era tarde demais. Lance já tinha organizado um tipo de competição de comida, e os outros garotos estavam torcendo, gritando seus nomes. O homem na fantasia esvaziou o resto da caixa no chão, e os garotos mais velhos começaram a lutar por eles. Depois fez um gesto para Elliot e desapareceu.

– Oh, meu Deus – falei. – Era o *James*?

Elliot se encostou no trepa-trepa e olhou para o grupo.

– Olhe os animais – ele falou. – Comendo tanto açúcar.

Olhou para seu relógio.

– Às vezes, é fácil demais.

O sr. Hendricks normalmente tinha de apagar as luzes para que prestássemos atenção aos Anúncios Finais. Mas uma intensa loucura de açúcar tomou conta de toda a classe. A maioria dos alunos estava

caída sobre suas mesas, respirando lenta e pesadamente, com os olhos meio fechados. Alguns poucos estavam dormindo.

– Sei que todo mundo está animado com os testes de basquete e de animadoras de torcida – disse o sr. Hendricks. – Mas antes de saírem, temos um pequeno anúncio de um estudante. Elliot?

Elliot foi até o quadro-negro e apertou suas mãos, como se fosse rezar.

– Todo ano – ele falou –, dezenas de jovens da periferia são vítimas de envenenamento por asbesto. Eu decidi começar um programa para depois da escola, voltado para a luta contra esse terrível mal. Vou ser o presidente, mas precisarei de um secretário para me ajudar com tarefas administrativas nas terças, quintas e sextas. Obviamente, qualquer pessoa eleita para essa posição teria de deixar os compromissos de basquete ou torcida. Mas tenho certeza de que todos concordamos que tal sacrifício é um preço pequeno a pagar para ajudar a remover asbestos das escolas da periferia. Estou pedindo a vocês, meus colegas de Glendale Lions, para escolher o estudante que parece mais adequado para essa posição.

Poucas pessoas estavam olhando enquanto ele caminhava pela classe, colocando os papéis para a votação nas mesas de todos. Eu já tinha passado muito tempo com Elliot; estava habituado com suas esquisitices. Eu me acostumara com seus dedos cheios de calos, sua voz aguda e o olhar choroso, mas meus companheiros de sala o tratavam como um fantasma, ignorando-o sempre que possível.

– Não sabia que você ia começar um clube – sussurrei quando ele se sentou perto de mim.

– Não vou – ele respondeu.

Eu tinha mais perguntas, obviamente, sobre James e o doce, mas decidi deixar pra lá. Tinha outra coisa que queria falar havia meses.

– Ei, Elliot, olha... mesmo se eu não entrar no time, só queria falar, tipo, obrigado por...

Ele me cortou.

– Não me agradeça – ele falou. – Lembre-se, não estou fazendo isso por *gentileza* ou *generosidade*. Estou fazendo só para me divertir. É um exercício intelectual – uma forma de ocupar meus dias durante este período infernal da minha vida.

– Certo – concordei. – Mesmo assim... só queria agradecer. Realmente significa muito pra mim.

Elliot hesitou e mexeu na sua abotoadura. Era a primeira vez, notei, que o via desconfortável.

– De nada – ele murmurou, por fim.

O sinal tocou e fomos para o ginásio.

Os testes pareciam acontecer em câmera lenta, como se fosse um sonho. Eu tinha melhorado tanto e tão rápido que era como se todo mundo tivesse piorado. Roubei a bola do Lance na primeira oportunidade e corri pela quadra para marcar uma bandeja muito fácil. Lance, um pouco chocado, deu o melhor de si para me marcar durante a jogada seguinte. Mas eu antecipei seu movimento de corte, roubei a bola de novo e fui livre para outra bandeja. Fiz com a mão esquerda, só para variar. Os outros garotos estavam tão lerdos que o técnico acabou parando o treino durante um teste de corrida para fazer um discurso sobre “vontade”. Um dos garotos maiores, que tinha comido vários doces no recreio, aproveitou essa oportunidade para ir correndo até o banheiro e vomitar.

No início do teste, quando comecei a dominar, Lance respondeu com uma risada. Mas sua diversão rapidamente abriu caminho para a frustração – e depois para o medo. Durante os segundos finais do jogo, ele e outro garoto se juntaram no meio da quadra numa tentativa desesperada para me parar. Passei por Lance com um giro, tirei o outro defensor com um giro em falso e marquei uma cesta de três pontos quando a campainha tocou. O ginásio caiu num silêncio reverencial. O único som que eu conseguia ouvir era uma risadinha aguda vinda da arquibancada. Assumi que era uma das garotas – elas estavam reunidas na primeira fileira –, mas era Elliot. Ele estava sentado sozinho na última fila, bebendo o que parecia ser um tipo de martíni. Sorriu para as animadoras de torcida espantadas, fez um gesto de cabeça na minha direção e foi embora.

Não fui muito agressivo para abrir caminho entre as pessoas, mas não precisava ver a lista para saber que tinha entrado no time. Alguns garotos que eu mal conhecia me deram uns tapinhas no ombro, e até Lance murmurou um parabéns. Eu estava prestes a ir para casa quando Elliot me parou. Abri os braços para abraçá-lo – mas ele levantou as palmas em protesto.

– Ainda não acabamos – ele falou.

– O que você quer dizer?

– O objetivo não era colocá-lo em um lamentável time de basquete – ele falou. – Esse foi só o primeiro passo. Não estamos atrás de aceitação, estamos atrás de dominação.

Ele se aproximou e continuou num sussurro. Seu hálito fedia, como o formaldeído que usávamos na dissecação de sapos.

– Confie em mim – ele falou. – Esse é apenas o começo.

Ele ficou de pé em cima de uma cadeira e falou para a massa de estudantes ao redor da lista. Ele falou que os resultados para secretário tinham saído, e, por uma grande maioria, a classe tinha me escolhido. Meus novos companheiros de equipe olharam para mim, chocados.

– Não pode ser – um deles protestou. – Ele está na equipe de basquete.

– Sei que o basquete é muito importante – revidou Elliot. – Mas essa é uma chance de ajudar as crianças desprivilegiadas. Talvez devêssemos deixá-lo decidir.

Os garotos zombavam e debochavam. Mas as garotas, percebi, estavam tendo uma reação diferente. Algumas delas olhavam feio para os garotos. E outras sorriam para mim com um olhar distante.

– O que você vai fazer? – me perguntou Jéssica, colocando a mão em meu braço. – *Qual você vai escolher?*

Havia uma popular série de livros naquele ano chamada “Magic Eye”. Cada livro continha um grupo de imagens geradas por computador. As fotos não tinham sentido, mas se você olhasse para elas por tempo suficiente, começava a ver formas tridimensionais. Um cavalo, uma coroa, uma espada. Foi nesse momento que tudo que estava desfocado entrou em foco: eu comecei a ver a imagem.

Esperei até todos os olhos estarem sobre mim. Limpei a garganta, fiz uma pausa para conseguir o efeito desejado e anunciei minha decisão:

– Escolho entrar no clube do Elliot – falei. – O time de basquete poderia ser mais divertido, mas eu prefiro fazer algo importante para o mundo.

Podia ouvir as garotas conversando animadas enquanto eu seguia Elliot para a rua. Consegui conter minha animação até as

portas da limusine se fecharem.

– Você viu quando Jéssica tocou meu braço? *Você viu?*

– Vi – ele respondeu.

– Você viu a cara do Lance? – perguntei. – Quando eu saí do time? Ai, meu Deus... é como se eu fosse muito bom pra *jogar* com aquele cara! Sou bom demais pra estar no estúpido time dele!

– Você entendeu, Watson.

– Aposto que não existe nenhum clube de asbestos, certo?

– Claro que não – ele falou. – Mas vamos nos encontrar três vezes por semana.

– Pra quê?

– Para pensar em nosso próximo movimento – ele explicou. – Começamos muito bem, mas não estamos nem perto da linha de chegada.

Ele abriu o teto solar, enchendo o carro com calor e luz. Eu coloquei a cabeça para fora; uma rajada de vento me acertou bem na cara. Imaginei por um momento que não havia limusine – que era somente *eu* na Park Avenue, correndo para casa a cinquenta quilômetros por hora. Gritei para Elliot se levantar também, mas ele se recusou. Depois de uns quarteirões, agarrei seu pulso esquelético e o arranquei de seu lugar. Ele brigou e xingou por um quarteirão ou dois, como um peixe no anzol, mas quando sua cabeça saiu pelo teto solar, e o ar quente atingiu seu rosto, olhou para mim e deu um sorriso involuntário.

– Finja que não está no carro! – eu gritei, mexendo meus braços.

– Que somos nós correndo!

Eu parecia tão ridículo fazendo isso que nós dois começamos a rir.

Elliot entrou de novo na limusine.

– James, vamos mais rápido! – ele falou. – Não vê que temos muito a fazer?

Se há uma coisa que aprendi com a televisão é que você nunca deve confiar num gênio da lâmpada. Não importa como você gasta seus três desejos. O gênio sempre vai encontrar uma forma de ferrá-lo. Se você desejar um milhão de dólares, virá na forma de um seguro de vida depois que sua esposa morrer num acidente de avião. Se quiser fama, uma multidão de fãs vai pisoteá-lo até a morte.

– Achei que você tinha dito que queria dinheiro! – O gênio vai exclamar com um sorriso dissimulado. – Achei que você tinha dito que queria fama!

– Não dessa forma! – Você vai gritar. – Não dessa forma!

E o gênio vai rir de você, seus braços azuis musculosos cruzados no peito.

Quando eu tinha dez anos vi um episódio da série *Além da Imaginação* sobre um lojista que descobriu um gênio. Quando ele desejou poder, foi *imediatamente* transformado em Hitler. Isso pareceu um pouco injusto para mim, mesmo para os padrões de um gênio. Mas, claro, coloquei toda a culpa no lojista. Ele não deveria ter desejado algo tão egoísta e mesquinho. Deveria ter ficado contente com sua humilde existência de lojista. Deveria ter se lembrado dos contos exemplares que tinha lido quando era garoto sobre gênios e suas traições. E quando viu aquela lâmpada dourada e esfregou sua superfície lisa e fina, quando sentiu aquela fumaça

roxa e ouviu aquela voz grossa, ele deveria ter jogado a lâmpada longe.

Era fácil falar. Na época, eu ainda não tinha encontrado um gênio da lâmpada.

Elliot tinha uma grande coleção de brinquedos. Uma estante inteira só de fósseis de insetos. Uma versão antiga de Banco Imobiliário dos anos trinta, com um tabuleiro circular e notas velhas: a maior era de “vinte dólares”. Ele até tinha um gênio operado com moedas – um autômato de tamanho real, com turbante, dentro de uma caixa de vidro, chamado “O Grande Shamba”. Se você colocasse uma moeda na máquina, o gênio girava por trinta segundos e uma carta deslizava por sua boca como uma língua de papel. Todas as cartas diziam a mesma coisa: “Se você insiste”.

O quarto de Elliot tinha um elevador acionado por um sistema de polias que ia até a cozinha central. Nunca tinha visto a cozinha, mas deveria ser bem equipada. Eram capazes de fazer qualquer prato que ele pedisse, não importava quão elaborado. Sempre que Elliot queria algo, ele escrevia seu pedido num pedaço de papel, jogava no elevador e o baixava usando uma grande manivela que parecia o leme de um navio. Um sino tocava vários andares abaixo para assinalar a chegada do pedido. E, dentro de meia hora, a manivela começava a girar na direção contrária. O aroma da comida ia subindo devagar, crescendo em intensidade até que o prato se materializava. Elliot raramente comia outra coisa a não ser sanduíche de agrião, mas ele me encorajava a testar os limites da cozinha. Eu experimentei centenas de pratos estranhos sob recomendação de

Elliot: *steak tartare*, moluscos, bife Wellington. Se eu não gostava de algo, ele escrevia outro pedido, girava a manivela e tentava de novo.

O elevador era projetado para comida, mas Elliot o usava para várias coisas. Se ficava entediado com sua roupa, pedia um “conjunto de jaquetas” e roupas novinhas chegavam quase no ato. Ele experimentava diante de um dos muitos espelhos de corpo inteiro, mantinha as que gostava e mandava o resto para baixo. Uma vez, quando tentei começar a lição de casa durante uma de suas muito longas histórias, ele pegou o caderno de matemática da minha mão e o jogou no elevador. As respostas chegaram em poucos minutos, com um documento separado “mostrando como foram solucionados”.

Às vezes, Elliot pedia objetos que tinha perdido na casa, como a caneta-tinteiro, o telefone ou as chaves. Tudo que ele precisava fazer era anotar o que havia desaparecido e girar a manivela. O sino tocava, seguido por alguns barulhos, e, em pouco tempo, o objeto desaparecido voltava às mãos de Elliot. Quando estava muito entediado, ele escondia as chaves num local remoto – embaixo de uma escrivaninha, digamos, ou atrás de uma tapeçaria – e contava o tempo que seus empregados demoravam para achá-lo.

Os Allagash não tinham encontrado um prédio residencial grande o suficiente para suas necessidades. Então se mudaram para um antigo tribunal de justiça que tinham comprado do governo da cidade de Nova York. Eles reformaram o interior, mas deixaram a fachada intacta: colunas, bandeiras e tudo mais.

O que Elliot chamava de seu “quarto” era, na verdade, um grupo de várias salas, espalhadas por dois andares. Ele tinha um escritório, um quarto de vestir, uma espécie de biblioteca de filmes que mantinha trancada e dois closets. Também havia uma sala de bilhar,

que continha um segundo elevador, um pouco menor. Esse ele usava exclusivamente para bebidas.

A coisa mais incrível na casa de Elliot era o urso gigante que seu pai tinha matado e colocado na biblioteca. Era pelo menos uns trinta centímetros mais alto do que Vlad e três vezes maior em largura. Mas não foi o tamanho que achei chocante: foi sua pose. Os ursos que tinha visto em museus pareciam ferozes, com seus braços esticados de maneira ameaçadora e boca cheia de dentes num permanente rugido. Mas este urso não parecia mau; parecia aterrorizado. Seus olhos estavam abertos e pareciam molhados, e os pelos de sua cabeça pareciam bem eriçados. Suas patas estavam levantadas defensivamente na frente de seu rosto. Imaginei o pai de Elliot seguindo a trilha de sangue, perseguindo o urso ferido até o lugar que ele tinha escolhido para morrer. O urso ficou paralisado naquele momento, quando o caçador apontou sua arma para o tiro fatal.

Havia também um macaco empalhado no hall de entrada, usando um smoking. Elliot tinha matado este com seu pai, na última viagem à África. Era pequeno, do tamanho de uma criança humana.

– Dê seu casaco ao Jeeves! – mandou Elliot, na primeira vez que entrei por ali.

Olhei para o macaco. Suas costas esqueléticas estavam dobradas numa reverência e seus lábios de cera tinham sido esticados num sorriso horroroso. Seu braço direito ficava estendido para receber casacos.

– Não quero – falei.

Elliot riu.

– Não seja mal-educado – falou. – Jeeves está esperando.

– Vou pendurá-lo em outro lugar – tentei.

Elliot parou de rir e ficamos ali em silêncio até eu finalmente concordar em colocar meu casaco roxo em cima do braço enrijecido do macaco.

Elliot passou giz na ponta do taco, deitou-se na mesa e, sem muitos problemas, matou a bola no buraco da ponta. Ele tinha me trazido para a sala de bilhar para me ensinar a jogar, mas em quarenta e cinco minutos, eu só tinha dado umas três ou quatro tacadas. Elliot dominava o jogo.

– Conte-me mais sobre essa Jéssica – ele falou. – O poder dela vem do dinheiro, do sexo ou dos dois?

– Jesus – falei. – Não sei. As pessoas simplesmente gostam dela. Os olhos de Elliot se entrecerraram.

– *Dinheiro, sexo ou os dois?* – ele repetiu.

– Acho que... sexo?

– Interessante.

Assenti confuso e mudei de assunto.

– Esta torta de noz-pecã está ótima. O cara que faz sobremesas lá embaixo é realmente muito bom.

– São três caras, na verdade. Eles são *chefs* de confeitaria, mas possuem diferentes especialidades.

– Uau – falei. – Que incrível.

– Você tem sorte de ainda conseguir experimentar o prazer. Estou tão acostumado a um nível de autoindulgência tão extremo que ficar um minuto sem todo esse luxo me enche de fúria. Uma fúria que você nunca poderia entender.

– Oh – falei. – Bem... não se esqueça de agradecer a esses caras por mim. Está bem?

Elliot suspirou.

– Está bem.

Ele arrumou as bolas e se preparou para recomeçar.

– Ei, Elliot? – perguntei. – Quem é aquele cara no quadro? Em cima do cavalo?

– É o Terry – ele respondeu. – Suponho que você irá conhecê-lo em algum momento.

– Quem é Terry?

Elliot hesitou.

– Meu pai – respondeu finalmente.

Ele bateu com uma força surpreendente, e um par de bolas foi direto para os buracos laterais.

– Você prefere conhecê-lo quando ele estiver bêbado ou sóbrio? – perguntou.

– Não sei. O que você acha?

Elliot deu de ombros.

– Você decide. Terry é mais divertido quando está bêbado, mas também é menos previsível. Mais propenso a explosões.

– Acho que prefiro conhecê-lo sóbrio – falei.

– Então é melhor nos apressarmos – disse Elliot. – Já são quase quatro horas.

Desci a escada seguindo Elliot até a iluminada biblioteca verde. Terry usava um roupão vermelho, monogramado, e segurava um charuto apagado. Ele estava ainda mais careca e

significativamente mais gordo do que no retrato. Olhava intensamente para o urso e demorou um momento para perceber nossa presença. Quando finalmente nos viu, se abaixou para apertar minha mão.

– Então você é o Seymour! – exclamou. – Elliot me contou sobre suas façanhas no basquete. E seus *valiosos* esforços pela comunidade.

Comecei a gaguejar algo sobre asbestos, mas Terry me cortou, felizmente.

– É um milagre que o esquema tenha funcionado – ele falou, rindo. – Tão desnecessariamente complicado.

Ele se virou e procurou um isqueiro em sua mesa.

– O que posso dizer? *Aux innocents les mains pleines*, certo?

Percebi que o rosto normalmente pálido de Elliot tinha uma leve cor vermelha.

– O que isso quer dizer? – murmurei.

– Sorte de principiante – ele respondeu no mesmo tom.

Terry ia me oferecer uma Coca-Cola, mas uma campainha o interrompeu.

– Com licença – ele falou.

Apertou um botão no seu controle remoto e ouvimos a voz de James no intercomunicador.

– Hodges está esperando do lado de fora – ele avisou. – Devo deixá-lo entrar?

– Deixe! – gritou Terry.

Alguns momentos depois, um velho desalinhado entrou na sala.

– Devemos voltar mais tarde? – perguntei.

– Pode ficar – sussurrou Terry. – Isso não vai demorar muito.

Ele esticou sua mão, e Hodges mancou o mais rápido que podia, cruzando a biblioteca, para apertá-la. O velho nos cumprimentou

também e se sentou em frente a Terry. Eu segui Elliot até o sofá de couro no canto da biblioteca.

– Tem certeza de que seu pai não quer que a gente saia? – sussurrei.

Elliot fez uma careta.

– Ele quer que a gente assista – respondeu.

Terry se encostou na cadeira e colocou as mãos atrás da cabeça.

– Eu vi seus novos quadros no Guggenheim – ele contou a Hodges. – Gostei deles.

Hodges riu, nervoso.

– Claro, não sou crítico – Terry continuou. – Só um colecionador. Ainda assim, não eram ruins. Alguns têm lindas cores – especialmente aquele cheio de linhas.

– São quadros antigos – disse Hodges, envergonhado. – Só os colocaram agora. Não tenho pintado muito ultimamente. Ou, pelo menos, nada que possa ser exibido.

– Você recebeu o último pagamento? – perguntou Terry.

– Recebi – respondeu Hodges e repetiu: – Recebi.

– Ótimo! – falou Terry. Ele se serviu um copo de vinho do Porto e deu um longo gole. Olhei para meu relógio e percebi que eram exatamente quatro da tarde.

– Quero que você pinte um pato – pediu Terry.

Hodges assentiu, cansado, e tirou um caderno do bolso.

– Algum pato em especial?

Terry passou a mão sobre os olhos e tamborilou os dedos contra a mesa.

– Um pato feliz – respondeu, finalmente. – Usando algum tipo de chapéu.

Hodges assentiu.

– Um pato com um chapéu – repetiu.

– Também gostaria de outro de seus quadros ambiciosos. Sabe... *abstratos*. Como o confuso sobre o oceano.

– O *Green Waters*?

– Isso... esse mesmo! *Green Waters*.

– Isso me faz lembrar – disse Hodges. – O senhor teve, por acaso, tempo para pensar na... minha proposta?

Terry entrecerrou os olhos, genuinamente confuso. Ele certamente ouvia muitas propostas.

– Pode me lembrar?

– Perguntei se tudo bem... se exibíssemos *Green Waters*. O senhor estabeleceria todos os procedimentos, claro, já que é *sua* obra. Eu só... sinto que é meu quadro de maior sucesso nos últimos anos e... gostaria...

– Oh – riu Terry. – *Essa* proposta.

Ele serviu outra taça de vinho e entregou-a ao velho pintor.

– Desculpe – ele falou. – Não será possível.

– Estaria disposto a fazer outros quadros complementares para substituir esse – disse Hodges. – Por favor, senhor.

Terry riu.

– James contou sobre minha situação? Quem sou, como funciona, esse tipo de coisa?

– Sim, claro.

– Então por que está discutindo comigo?

Terry fechou os olhos e massageou as têmporas.

– Sabe, é engraçado – ele continuou. – Se você não tivesse me contado como aquele quadro era *bom*, eu poderia abrir mão dele agora. Estaria em algum museu neste momento – ou *destinado* a algum, pelo menos.

Hodges engoliu em seco.

– Você realmente planeja destruir *todos* eles? – perguntou.

– Exato – respondeu Terry. – São meus quadros e sou o único que olha para eles. Depois da minha morte, eles serão destruídos por meu sócio James, com o resto do meu Museu Pessoal.

– Museu Pessoal?

As sobrancelhas de Terry se levantaram com incredulidade.

– Você não achou que era meu único artista, achou? Dá um tempo! Tenho dezenas.

– Você fez o mesmo... acordo... com todos eles?

Terry sorriu.

– A maioria teve a presença de espírito de exigir mais dinheiro – ele explicou. – Mas, sim.

– Por quê? – perguntou Hodges. – Por que fazer algo assim?

Terry aproximou-se da mesa.

– Lembra-se quando aquele Van Gogh foi encontrado há vinte anos, num bazar de garagem? Saiu em todos os jornais.

Hodges assentiu lentamente.

– Bom, foi isso que me deixou pensando – continuou Terry. – Li aquele artigo quando era jovem e pensei: “Meu Deus. Não há nada mais decadente do que arte *que ninguém viu*”. Quero dizer, pense nisso! Qualquer colecionador pode se cercar de peças que são famosas, antigas ou boas. Mas quem é dono de obras que nunca serão vistas por outros seres humanos? Provavelmente ninguém desde os faraós! Você sabe quantos historiadores imploraram para conhecer minha coleção? Quantos eruditos tentaram me processar por “roubar o tesouro da humanidade”? *Isso é poder* – não seu nome em alguma placa de algum museu! Minha coleção não é simplesmente valiosa, veja bem... ela *não tem preço*.

Terry aproximou-se ainda mais e continuou num sussurro:

– E não está limitada a quadros, Hodges. Tenho esculturas, impressões, fotografias, filmes. Certa vez, eu comprei um romance

de um escritor ganhador de um Prêmio Pulitzer. Era uma obra muito linda – uma das melhores dele. Eu o fiz escrever à mão, sob vigilância, para ter certeza de que não poderia gravá-la eletronicamente. Custou-me mais dinheiro do que você poderia sonhar. Ele sabia que estava entregando todos os seus direitos a mim, mas acho que assumiu que eu planejava publicá-la algum dia, em algum tipo de impressão pessoal. Ele não sabia que minha intenção era destruí-la. Quando ele me entregou o manuscrito, e eu contei o que ia fazer, ele chorou como uma criança. Ofereceu-me devolver o dinheiro, mais toda a pequena poupança que tinha guardado. Foi uma lástima. Li o livro de uma vez e depois o queimei na minha lareira. Bem ali, atrás do meu urso.

O rosto de Hodges estava totalmente sem cor.

– Meu Deus – ele falou. – Sobre o que era?

Terry jogou a cabeça para trás e riu.

– *Você* não gostaria de saber!

Elliot levou-me de volta para a sala de bilhar e retomou o jogo onde tinha parado. Quando ele terminou de me vencer, fiz uma pergunta que estava na minha mente havia algum tempo.

– Elliot? O que o seu pai faz?

Elliot repetiu a pergunta para si mesmo, como se estivesse tentando entender aquilo.

– Oh! – ele exclamou, finalmente. – Você quer dizer sua *profissão*.

Ele riu.

– Ele nunca trabalhou nem um dia em sua vida.

– Então, o que ele faz o dia todo?

– Gasta dinheiro e bebe.

– Ele é um... filantropo?

Elliot negou com a cabeça, resolutamente.

– Com certeza, não. Minha família só dá dinheiro para caridade quando é absolutamente necessário para não pagar imposto. E, mesmo então, só damos a fundações que estão tentando achar a cura para doenças às quais os Allagash são geneticamente predispostos, como hemofilia e gota. Há um Prêmio Allagash, acho, mas eu não chamaria isso exatamente de caridade.

– O que é o Prêmio Allagash?

– É um tipo de bolsa acadêmica que Terry criou em seu velho clube em Harvard. Todo ano, ganha o estudante do último ano com as piores médias, mas que ainda tem chances de se formar. O ganhador é pago em álcool.

– Jesus! – falei. – Mas... se ele não tem um emprego... o que ele *faz* o dia todo?

Elliot deu de ombros.

– Ele gosta de mágica. Às vezes, contrata um mágico para se apresentar. Enquanto está almoçando... ou no banheiro.

– Ele faz isso com frequência?

– Faz – contou. – Ele não gosta de ser enganado, no entanto. Então, geralmente, no final da sessão, paga a quantia extra que for necessária para saber os segredos.

– O que *mais* ele faz? – perguntei, assombrado.

– Tem reuniões com advogados. Para fugir de processos e não ser punido por seus crimes.

– Que tipo de crimes?

Podia ver que Elliot estava ficando cansado das minhas perguntas, mas eu não conseguia parar de perguntar.

– Conspirações, principalmente.

– Que tipo de conspirações?

Elliot bateu seu pequeno punho contra a mesa de bilhar, repentinamente.

– Olha: qualquer um pode fazer o que Terry faz! Está bem? Ele não tem elegância. É simplesmente *brute force*! Ele nunca criou um esquema realmente artístico em sua vida!

Ele sentou-se perto de mim e suspirou fundo, exausto devido à sua explosão.

– Isso me fez lembrar de uma coisa – ele disse. – Quero perguntar algo a você.

– O quê?

– Você gostaria de ser o presidente da classe?

Eu ri. Minha vida em Glendale tinha realmente ficado mais fácil nas últimas semanas. Desde os testes de basquete, Lance parara de brigar comigo ou, pelo menos, diminuía seus ataques. E apesar de o apelido de “balofo” ainda fazer as pessoas rirem, não provocava aplausos. Apesar disso, eu não estava em posição de concorrer a nenhum cargo.

– Como você faria *isso*?

– Só responda à pergunta – disse Elliot. – Sim ou não.

Eu dei de ombros.

– Claro – falei. – Por que não?

Raspei meu garfo sobre o prato, procurando alguma migalha de carne.

– Você ainda está com fome? – perguntou minha mãe. – Tem mais um pedaço.

– Ah, não, obrigado – falei. – Estou cheio.

– E você, querido?

Meu pai balançou os braços no ar.

– Estou cheio, amor. Por que você não pega?

Minha mãe negou com a cabeça.

– Vou embrulhá-lo – disse.

Meu pai e eu assentimos. Todos queríamos o pedaço, mas esse ritual de oferecer o pedaço final um ao outro era uma importante parte da semana. Éramos todos obcecados por carne e abrir mão do último pedaço era provavelmente o gesto mais amoroso que poderíamos fazer um ao outro. Havia sempre um pote cheio de sopa na nossa geladeira, um testemunho dos fortes laços de nossa família.

Comecei a conversar sobre meu dia, para me distrair do pedaço de carne, e não demorei para anunciar minha candidatura a presidente da classe.

– Acho ótimo! – disse meu pai, depois de um longo e chocado silêncio. – Mesmo se você não ganhar, será uma experiência realmente boa.

Meus pais continuaram a me elogiar por um tempo, sempre colocando “mesmo se você não ganhar” no cumprimento.

– Tenho certeza de que vou ganhar – falei para eles.

– Há... outras pessoas concorrendo? – perguntou minha mãe, gentilmente.

– Sim – falei. – Mas Elliot se ofereceu para ser meu gerente de campanha.

Sempre que eu mencionava o nome de Elliot, meus pais reagiam com silêncio. Tinham ficado felizes por eu ter finalmente um amigo. Mas também tinham medo, porque esse amigo era Elliot Allagash.

– Uau! – exclamou minha mãe. – Entre o basquete e isso, você está realmente passando bastante tempo com o Elliot!

Eu assenti.

– Ele vai ajudá-lo a fazer os pôsteres? – perguntou meu pai.

Tentei imaginar Elliot passando cola num pedaço de papel.

– Não acho que ele vai me ajudar com os pôsteres, não – respondi. – Mas ele é bom em... planejar coisas.

Meu pai olhou para mim.

– Que tipo de coisas?

Dei de ombros.

– Só... coisas.

Meus pais se entreolharam.

– Papai? De onde vem o dinheiro do pai do Elliot?

– Do pai *dele*.

– Mas onde ele conseguiu?

Meu pai riu.

– Do pai *dele*.

– Mas de onde vem tudo isso? Eles possuem prédios, como a família de Lance?

– Oh, claro – respondeu meu pai. – Eles possuem empresas inteiras.

– Mas não é daí que *vem* o dinheiro – explicou minha mãe.

– Verdade – concordou meu pai. – Estas são as coisas que eles compram com o dinheiro.

Minha mãe balançou a cabeça.

– Tudo vem daquela patente – ela disse. – Não é? De uma pequena descoberta apenas.

Meu pai dobrou seu guardanapo em uma espiral e assentiu.

– Apenas daquela pequena descoberta.

Cornelius Allagash (1775-1853) nasceu no cais da South Street, poucos minutos depois de chegar a Nova York. Diz a lenda que sua mãe estava grávida de nove meses e meio, mas o futuro capitalista se recusou a sair enquanto não estivesse em solo americano.

Os pais de Cornelius eram sapateiros holandeses. Eles não conseguiam ganhar dinheiro suficiente para mandar seu filho à escola, mas Cornelius era brilhante. Ele aprendeu a falar inglês ouvindo sermões no City Hall Park. E depois de roubar a Bíblia de um orador, aprendeu sozinho a ler. Pouco tempo depois, abriu um bem-sucedido negócio de falsificação, vendendo por dois shillings garrafas de bebida alcoólica feita em casa.

Aos vinte e um anos, Cornelius tinha juntado shillings suficientes para comprar um cavalo. Mas seu sucesso futuro era limitado; em sua casa só cabia um alambique e demorava quase um mês para produzir cada barril. Desesperado para melhorar, Cornelius comprou alguns livros rudimentares de química e tentou acelerar o processo. Experimentou com diferentes combinações químicas, testando no cavalo. Mas todos os testes não deram em nada. Um dia – no Natal de 1800, de acordo com sua autobiografia – Cornelius ficou tão tonto por causa dos gases que acabou desmaiando. Ele deixou cair seu balde de madeira dentro do alambique, bateu a cabeça contra a parede de pedra e desabou no chão. Ficou inconsciente por uns minutos; quando voltou a si, não conseguiu encontrar o balde: tinha desaparecido. Estava começando a duvidar de sua saúde mental, quando percebeu algo estranho dentro do alambique. Sua mistura de químicos estava coberta por uma camada fina e marrom de fibras. Ele pegou um pouco da substância e examinou-a à luz da

vela; tinha consistência granulosa e maciez de areia. Seu balde, aparentemente, tinha sido pulverizado com o contato.

Cornelius não sabia o que havia acontecido exatamente, mas sabia que esta sua última experiência química poderia ter algum valor. Qualquer coisa que pudesse dissolver a madeira tão eficientemente devia ser útil para alguém. A cidade, afinal, estava cheia de cortiços em ruínas, ficando sem espaço. Não dava para destruí-los com fogo – toda a cidade seria engolida pela fumaça. Talvez esse líquido químico pudesse ajudar a limpar o sul da Bowery? Havia tanta madeira na cidade, juntamente com casas de ripa ao sul de Wall, sem falar das florestas ao norte da rua 14. Algo que transformasse isso em outra coisa, mesmo se fosse mingau, tinha de valer algo para alguém.

Para patentear o produto químico, ele precisava classificá-lo cientificamente. Então contratou um professor alcoólatra – um de seus melhores clientes – para analisar o líquido em troca de uma jarra de bebida e um por cento de qualquer lucro que resultasse da descoberta. O professor pediu duas jarras, no lugar do um por cento, mas Cornelius não cedeu. Ele não tinha duas jarras para dar. Depois de bastante tempo de discussão, o professor passou cinco minutos estudando a substância – era sulfito ácido de cálcio, quer dizer $\text{Ca}(\text{HSO}_3)_2$ – e assinou seu nome na linha pontilhada. Hoje, seus descendentes estão entre as pessoas mais ricas da América do Norte. Seu tataraneto vive numa ilha particular no sul do Pacífico; dizem que possui um bordel privado com mais de setenta funcionários.

Cornelius Allagash esqueceu seu pequeno experimento, desistiu da química e abriu uma taverna. Então, cinco anos depois, um chapista alemão pensou em passar a pasta de Cornelius entre chapas e deixar secar. Ficou espantado: as folhas retiveram a força

da madeira, mas ficaram polidas e macias. Os níveis de madeira podiam ser ajustados para mudar a espessura da massa, corante podia ser acrescentado para mudar a cor. Eles se pareciam com o linho que você encontraria na cama de um cara rico ou o material macio que você encontraria na Bíblia de um ministro. Mas esse material era tão barato, nem era preciso mais ir a uma igreja para ver uma Bíblia. Dava para fazer a sua própria.

Cornelius Allagash tinha inventado o papel.

Desde aquele dia, todo fabricante de papel no mundo ocidental tinha de pagar aos Allagash pelo privilégio de transformar madeira em pasta. A família de Elliot ganhava uma pequena porcentagem de toda caixa de papelão fabricada. Eles eram donos de uma porção de cada envelope, uma fração de cada cartão de beisebol. Ganhavam dinheiro quando as pessoas embrulhavam presentes e cobravam cada vez que alguém usava papel higiênico. Ganhavam dinheiro quando algum desfile usava serpentina, fosse em Times Square ou na Alemanha nazista. Eles ganhavam dinheiro quando as crianças japonesas mandavam origamis para as vítimas de enchentes e quando as pessoas solitárias escreviam suas notas de suicídio. Eles ganhavam dinheiro de cada página de todo livro já escrito – livros escolares e quadrinhos, pornografia e Bíblias, lista telefônica de cidades e diários de meninas. Os Allagash ganhavam dinheiro sempre que qualquer pessoa fazia anotações ou assinava uma conta. Eles eram donos de papéis de parede e lençinhos de assoar o nariz, revistas e jornais, cartões, cheques e selos.

Eles ganhavam dinheiro até quando se imprimia dinheiro.

Elliot carregava um livro de capa de couro no bolso de sua camisa. Era pequeno, mas bastante grosso e suas pontas estavam gastas. A capa era preta exceto por uma única palavra que tinha sido bordada no centro com linha dourada: *Inimigos*. Elliot raramente ria, mas quando ria, era normalmente ao olhar as páginas desse livro. Terry lhe dera como presente, foi o que me contou, por seu sétimo aniversário, e ele não o largava desde então.

Às vezes, depois de ouvir algumas notícias de James no celular, Elliot pegava seu livrinho e fazia uma marca perto de algum dos nomes listados nas páginas, usando uma pequena caneta-tinteiro prateada que mantinha especificamente para isso. Ele fazia essas marcas vagarosa e deliberadamente, como se saboreasse o gesto. Era um livro terrível; nunca vou esquecer a primeira vez que o vi.

O primeiro ato de Elliot como meu gerente de campanha foi organizar um almoço de comemoração.

– Não deveríamos esperar até ganharmos? – perguntei.

Elliot me ignorou e me arrastou para fora, até sua limusine. Ele falou um endereço e James nos levou até um restaurante sem janelas e com portas gigantes de alumínio, em Midtown. Elliot desceu e fez um sinal para que eu o acompanhasse.

– Que lugar é esse? – perguntei.

– É o Winchester – disse Elliot. – O restaurante mais exclusivo de Manhattan, talvez do mundo.

Para a ocasião, Elliot tinha me emprestado seu terno mais largo, e ficou tão apertado que eu só podia respirar de forma superficial. Tínhamos nos trocado em seu quarto de vestir e fora uma experiência estranha. Eu sabia que Elliot era o cara mais magro da classe, mas não sabia *quão* magro ele era até vê-lo sem camisa. Quando se abaixou para colocar as meias, dava para contar todas as suas vértebras. E quando se esticou para pegar seu colete, eu achei

que dava para ver sua caixa torácica pulsando no peito, acompanhando a batida de seu coração.

Ele verificou suas abotoaduras, e as minhas, e me levou até o vestíbulo de mogno do Winchester.

– Poderíamos ir a um lugar normal – pedi.

Elliot me deu um de seus olhares mais intensos e aterrorizantes. Respirei fundo e o segui até uma mesa na parte de trás do restaurante.

– Este é um local histórico – me contou Elliot. – Todos os grandes candidatos de Nova York lançaram suas campanhas neste salão! Boss Tweed, Handsome Jimmy Walker...

Ele continuou a falar nomes até o *maître* se aproximar. Era um francês sorridente com um bigode cuidadosamente cortado.

– Quero um sanduíche de agrião – Elliot pediu. – Seymour?

Eu podia sentir a transpiração escorrendo pelas minhas axilas. Como eu poderia pedir se eles nem tinham trazido os menus?

– Peça o que quiser – sussurrou Elliot.

– Qualquer coisa?

Elliot assentiu.

– Ok – falei. – Quero um *cheeseburger*, com anéis de cebola frita.

O *maître* riu.

– Não servimos *cheeseburger* – falou. – Nem *anéis*... de cebola.

Ele pronunciou as palavras como se fossem secreções corporais.

– Ah – eu disse. – Me desculpe.

Eu podia sentir o sangue tomando conta do meu rosto. Comecei a gaguejar um pedido de sanduíche de agrião – eu sabia que eles tinham isso, pelo menos – mas Elliot fez um gesto com a mão.

– Não – ele interrompeu. – Você queria um *cheeseburger*.

Ele virou-se para o *maître*.

– Você está dizendo que não vai servir ao *meu* sócio o que ele pediu?

O *maître* suspirou.

– Aqui não é o McDonald's – foi sua resposta.

Os olhos de Elliot pareciam soltar fogo.

– Então está negando um *cheeseburger* para ele? – perguntou, a voz macia, mas assustadora. – E não vai trazer anéis de cebola?

– Jesus – sussurrei. – Elliot, tudo bem. Eu peço outra coisa.

– Você *não* vai pedir outra coisa – gritou.

As pessoas nas outras mesas se viraram para nós; éramos os mais jovens no salão, eu percebi, com uns quarenta anos de diferença.

– Infelizmente, vou ter de pedir que vocês saiam – disse o *maître*.

– Muito bem – respondeu Elliot. – Vamos sair do seu estabelecimento. Mas, primeiro, vou pegar um de seus cartões.

Ele foi até a mesa do *maître* e pegou um cartão da pequena bandeja prateada.

– E vou deixar um dos meus – ele falou.

Elliot não tinha nenhuma posição em nenhuma das empresas do pai, além do título informal de “herdeiro”. Mas possuía um cartão mesmo assim, com seu nome gravado – *Elliot Allagash* – e nada mais. Tirou um do bolso e colocou em cima do livro de reservas do *maître*. Depois pegou meu cotovelo e me levou até a rua, entrando na limusine que nos esperava.

– O que foi isso? – perguntei.

Mas Elliot não estava ouvindo. Estava copiando, feliz, o nome e o telefone do *maître* em seu livrinho preto.

– *Vamos embora* – ele falou.

E o carro saiu cantando pneus pela avenida.

Elliot faltou alguns dias na escola. Os professores nos contaram que ele tinha sido hospitalizado com parasitas tropicais, mas eu sabia onde realmente estava: em casa, armando sua vingança contra o Winchester. Não vi ou falei com ele durante duas semanas. Quando sua limusine parou perto do ponto do ônibus escolar depois da aula, os outros meninos ficaram olhando em silêncio enquanto James abaixava o vidro escuro e me chamava para entrar. Elliot estava esperando por mim no banco de trás. Vestia um roupão de seda e tinha uma expressão estranhamente serena no rosto. Eu perguntei como ele estava se sentindo, sabendo que era mais provável que não estivesse doente.

– Vá até o *Sun* – ele ordenou a James, ignorando minha pergunta. – Vamos ver a última edição.

James nos levou até o prédio do *New York Sun*, entrou correndo e saiu segundos depois com a última edição do jornal. Entregou-o para Elliot, que puxou a seção “Comida” e a colocou no meu colo. Ainda estava quente da impressora.

– Página três – disse Elliot.

Winchester honra nazistas

Quando Dan Lubecki foi liberado da prisão na quarta-feira, a maioria dos nova-iorquinos estremeceu. Já se passaram vinte anos desde que o autoproclamado “Cruzado Nazista” plantou uma bomba caseira no Templo Ephraim, destruindo uma das sinagogas mais conhecidas da cidade. Mas, para a maioria dos nova-iorquinos, as feridas ainda nem começaram a fechar.

Numa declaração, o prefeito expressou “frustração” com a liberdade do sr. Lubecki e pediu uma legislação mais dura para crimes de ódios. O congressista Nathan Stein, do Brooklyn, organizou uma vigília à luz de vela em memória do Templo

Ephraim e enviou uma mensagem para o sr. Lubecki informando-o de que "ele não é bem-vindo na grande cidade de Nova York". Mas, aparentemente, o sr. Lubecki ainda tem alguns amigos nesta cidade.

Na noite passada, clientes do venerado restaurante Winchester foram testemunhas de um dos piores e mais desconcertantes espetáculos na história dos restaurantes de Nova York. Por volta das 19h55, um homem obeso com gravata-borboleta se aproximou do maître. Poucas pessoas reconheceram o homem como o sr. Lubecki. Ele ganhou uma quantidade significativa de peso desde que seu rosto apareceu pela última vez nos tabloides e seu "bigode de Hitler", sua marca registrada, há tempos foi substituído por uma barba. Mas quando o convidado anunciou seu nome, orgulhoso, várias cabeças começaram a se virar. A maioria dos clientes evitou olhar para ele, preparando-se para uma cena desagradável.

"Tinha certeza de que iriam expulsá-lo", disse um cliente antigo do Winchester. "O homem é assumidamente um nazista."

Mas uma mesa ao sr. Lubecki não foi negada. Em vez disso, o maître e seu assistente o acompanharam até a lendária "mesa ao lado da lareira", um ponto exclusivo, tipicamente reservado para estrelas de cinema ou membros da realeza. Nas duas horas e meia seguintes, o maître serviu pessoalmente o nazista com um banquete elaborado, consistindo em catorze pratos e vinhos. Em certo momento, o sr. Lubecki começou a fumar um charuto, em clara violação às leis antitabaco de Nova York. Quando os convidados reclamaram que o charuto estava interferindo com o jantar deles, o maître os ignorou e colocou um cinzeiro de prata ao lado da garrafa de champanhe do nazista.

No final da refeição, o chef veio apertar a mão do sr. Lubecki e perguntou se ele poderia oferecer mais alguma coisa. Quando o sr. Lubecki pediu um táxi, o chef telefonou pessoalmente pedindo um e ajudou o vacilante nazista a sair. Não foi cobrada nenhuma conta.

A cena foi tão espantosa que esta repórter assumiu que havia acontecido algum tipo de erro. O Winchester, que não admitia

mulheres até 1979 e nunca contratou um garçom afro-americano, sempre foi visto como uma instituição bastante intolerante. Mas ninguém foi tão longe a ponto de chamá-los de simpatizantes ao nazismo.

Uma rápida entrevista sob a marquise do Winchester confirmou que o homem que se identificou como "Dan Lubecki" era, realmente, o mesmo Dan Lubecki liberado da prisão na quarta-feira. Quando pedimos, educadamente, que provasse, ele, com prazer, mostrou várias formas de identificação, incluindo os papéis da liberação que carrega com orgulho em seu bolso. Tinha sido convidado para jantar pelo próprio maître, ele contou, poucas horas depois de sair de sua cela.

"Este Winchester não é um mau lugar", comentou. "Eles sabem como fazer alguém se sentir em casa."

Quando finalmente terminei de ler, Elliot estava tomando champanhe de uma taça.

– Gostaria de um pouco de champanhe? – ele perguntou.

– Não, obrigado – agradei. – Tenho lição de matemática.

Elliot tomou o resto de sua champanhe e imediatamente voltou a encher o copo.

– Você... fez isso? – perguntei, apontando vagamente para o jornal.

Elliot fechou os olhos e encostou o jornal morno em seu rosto, como se fosse um adorado bichinho de estimação.

– Elliot, realmente não foi nada demais! Quero dizer, você não precisava...

Ele levantou o indicador para me calar.

– Elliot? – perguntei. – Como você fez isso?

Ele apertou um botão e o teto solar se abriu, nos envolvendo com o calor do sol.

- Já ouviu falar de Alston Bertels? – ele perguntou.
– Não, quem é?
Elliot suspirou.
– Vou contar desde o começo – ele falou. – Não me interrompa.

Nunca tinha ouvido falar em Alston Bertels, mas aparentemente a maioria dos nova-iorquinos tinha. Ele era o principal crítico gastronômico do *New York Times* havia mais de trinta anos. Com oitocentas palavras, Bertels poderia transformar uma obscura casa de massas com mesas vazias e menus apagados no lugar mais cobiçado da cidade, com clientes célebres e filas dando a volta no quarteirão. E era comum ele fechar restaurantes com uma única crítica mordaz. Sempre comia sob um nome falso, para evitar tratamento preferencial. E, nos últimos anos, tinha começado a usar disfarces, caso um *maître* esperto tivesse uma fotografia dele à mão.

Na terça, três dias depois da expulsão de Elliot do Winchester, ele pediu que James ligasse para o restaurante de um orelhão. Lendo um roteiro que Elliot tinha preparado, James implorou ao *maître* por uma reserva para dois no Dia dos Namorados. Previsivelmente, o *maître* negou esse pedido, resmungou algo sobre “uma lista de espera de seis meses” e desligou. Vinte minutos depois, James ligou de novo e leu a segunda parte do seu roteiro.

– Sei que seu restaurante é extremamente popular e que o senhor só pode fazer reservas para uma clientela muito selecionada. Mas eu tenho uma informação importante que acho que poderia ser útil. Ficaria feliz em fornecê-la em troca de alguma consideração de sua parte.

James, sussurrando, contou ao *maître* que ele era revisor do *New York Times* e que Alston Bertels, o lendário crítico gastronômico, iria ao Winchester no futuro próximo. Ele tinha feito uma crítica favorável havia trinta anos, contou James ao fascinado *maître*, e queria ver se a qualidade continuava a mesma. Em troca de uma reserva, disse James, ele contaria ao *maître* o nome que Bertels vestiria e o disfarce que planejava vestir. O *maître* concordou prontamente com a proposta.

– Ele vai no dia 22 – sussurrou James. – Estará de barba. E vai fazer a reserva sob o nome de “Dan Lubecki”.

O *maître* hesitou.

– Como...? O nazista? O que está saindo da prisão?

– Isso – respondeu James. – Alston tem um senso de humor estranho.

O *maître* pediu que James repetisse a informação para ter certeza de que havia escutado corretamente. Depois pediu seu nome, assim poderia colocar na reserva do Dia dos Namorados.

– Não posso falar – disse James. – Se alguém descobre que eu vazei essa informação, perco meu emprego.

– Precisamos colocar *algo* na reserva.

– Entendo – falou James, lendo a linha final do roteiro. – É só me chamar de “Hal Sagal”.

— **H**al Sagal? Quem é esse?

Elliot escreveu num guardanapo, com grandes espaços entre as letras. Demorou um tempo, mas eu acabei conseguindo reorganizá-las.

– Oh – falei. – *Allagash!*

– Eu sei, eu sei – ele falou. – Anagramas são banais. Mas quer saber? *É preciso conhecer seu público.* Juro por Deus – qualquer coisa mais sutil e ele não teria *entendido.*

James, fingindo ser um cozinheiro descontente do Winchester, passou os três dias seguintes ligando para colunistas de fofocas com a notícia: seus chefes eram nazistas de carteirinha e tinham convidado Dan Lubecki para jantar no dia 22, sua primeira noite livre em vinte anos, no restaurante deles. A maioria dos colunistas não conseguiu fazer uma reserva a tempo para presenciar o evento, mas alguns mais proeminentes conseguiram entrar. Depois que os colunistas foram contatados, a única pessoa a quem faltava ligar era o próprio Lubecki. O nazista ficou cético no começo, mas, ao falar com um sotaque alsaciano e citando Hitler várias vezes, James foi capaz de convencer Lubecki de que ele *era* realmente o *maître* do Winchester e *queria* mesmo convidá-lo. Não era estranho que Lubecki não tivesse outros planos para aquela noite e concordou, feliz, com a proposta.

James ligou novamente para o Winchester – dessa vez, usou um sotaque britânico –, para fazer uma reserva em nome de um “sr. Lubecki”. O *maître* fez o máximo para agir naturalmente, mas sua animação era óbvia. Ele parecia, contou James, como um jogador de primeira viagem apostando alto com ases na mão.

—Vamos ao *News* em seguida – disse Elliot. – Depois ao *Observer*, *Post* e *Times*.

Fizemos a ronda em silêncio. Eu estava muito chocado para falar, e Elliot, muito exausto de seus esforços. De vez em quando, James parava o carro, pegava um tabloide e colocava em cima da pilha que rapidamente se acumulava no banco de trás. Mas Elliot nem se preocupava em ler. Ele só se moveu uma vez ao voltar para casa: para pegar seu livro negro e fazer uma pequena marca com sua mão pequena e pálida.

Até onde eu sei, o presidente do nono ano não tinha nenhuma tarefa oficial a não ser posar para uma foto no anuário. Mas era uma posição de prestígio, algo que as faculdades “consideravam” e várias semanas no final da oitava série foram devotadas à campanha.

Nos últimos três anos, a eleição de presidente da classe tinha sido uma corrida assimétrica entre duas pessoas: Lance e uma garota chamada Ashley. Era normalmente bastante assimétrica. Ashley sempre ganhava o apoio do clube de matemática e uma vez ela convenceu os estudantes estrangeiros a fazer campanha por ela, mas todo o resto tendia a apoiar Lance.

– Conte-me mais sobre seus oponentes – exigiu Elliot. – Quem são os inimigos deles? Quais são suas fraquezas?

Observei a cantina. Lance estava encostado em sua cadeira, mas ainda era mais alto do que todos os outros garotos em sua mesa.

Tinha começado recentemente a usar gel no cabelo. Fazia com que parecesse uma barbatana de tubarão, e ele ficava mais alto do que já era. Gritava frases de um filme que tinha visto recentemente e todo mundo ao redor ria histericamente.

– Bom, Lance é bem engraçado – falei. – E também é bem legal.

Olhei para Ashley. Estava na ponta da segunda mesa, comendo pedaços de maçã e estudando para um teste de vocabulário de francês com cartões coloridos. Sempre que alguém fazia uma piada, ela levantava a vista dos cartões, mas sua risada vacilante e nervosa invariavelmente silenciava a mesa. As pessoas raramente tiravam sarro da Ashley, mas tentavam ignorá-la ao máximo. Sempre que ela falava algo, suas mãos começavam a tremer e seus olhos se abriam em pânico. Era estressante só de olhar.

Ela usava seu cabelo ruivo numa única trança tão esticada que parecia uma corda. Lance puxava sua trança de vez em quando, enchendo os olhos dela de lágrimas. Era um gesto duplamente cruel, já que a colocava de castigo por “envolver-se numa altercação”. Sempre me sentia mal quando Ashley entrava na sala da sra. Pearl, seus olhos baixos para evitar o sorriso de Lance. Nunca liguei para os meus castigos. Mesmo quando eu não era responsável pelas brigas, tinha certeza de que tinha feito *algo* durante a semana para merecer a punição. Ashley, ao contrário, era completamente inocente; sua punição era um absurdo. Nunca lhe disse que me sentia assim, mas uma vez dei metade de uma bala para ela – e acho que ela entendeu a importância do gesto.

– Ashley não é tão popular – contei. – Mas ela provavelmente é a garota mais inteligente da classe. Acho que teve uma chance no ano passado, porque Lance não tinha colocado nenhum cartaz nem escrito nenhum discurso. Mas, aí, no último minuto, Lance prometeu um novo placar, com um leão de Glendale pintado, e todo mundo

votou nele. O cara nunca conseguiu o placar, mas mesmo assim foi uma ideia legal. O West Side Prep tem um com um tigre pintado e os alunos de lá sempre ficam se gabando dele nos jogos.

Elliot assentiu.

– Algum dos candidatos possui algum defeito físico? – ele perguntou. – Que não foi exposto publicamente?

– Nossa – respondi. – Sei lá.

– Quais são suas histórias sexuais? Algum deles já se envolveu em algum escândalo?

Dei de ombros.

– Não se preocupe – disse Elliot. – James vai desenterrar algo.

Depois da escola, Elliot me levou até uma sala, no quarto andar de sua casa, que eu nunca tinha visto. Estava completamente vazia, exceto por um único sofá. E as paredes eram simples, exceto por um pequeno bilhete enquadrado, preso à parede bem em frente ao sofá:

*Caro sr. Allagash,
peço desculpas por meus comentários insensíveis na corrida.
Nunca quis menosprezar seu cavalo.*

*Sinceramente,
John D. Rockefeller*

– É um dos maiores tesouros da minha família – me contou Elliot, com incomum reverência em sua voz. – Foi enviado a meu avô nos anos vinte.

Eu me aproximei para examinar o bilhete, mas não conseguia entender por que era tão valioso. Sabia que Rockefeller era um bilionário famoso, mas quanto poderia valer seu autógrafo?

Elliot continuou, sentindo minha falta de entusiasmo.

– Você sabe quantas cartas Rockefeller escreveu em sua vida?

Dei de ombros.

– Meio milhão – ele falou. – Pelo menos. Mas sabe quantas eram pedidos de desculpa?

Dei de ombros novamente.

– *Uma* – disse Elliot. – Só uma.

Ele sentou-se no sofá e olhou para o bilhete por um tempo, em silêncio.

– Ei, Elliot? Você acha que deveríamos talvez começar a fazer uns pôsteres? Lance já colocou um e é bem engraçado. Tem uma foto do Austin Powers, mas é a cabeça de Lance no corpo. Ele está falando: “Oh, comporte-se!”, como o Austin.

Elliot não respondeu à minha sugestão.

– Descobri alguns fatos que acho que você concordará que são interessantes – ele continuou. – Lance possui uma grande variedade de dificuldades de aprendizados relacionadas com a leitura. Ele quase repete na maioria das matérias. E, mesmo assim, consegue manter uma média A em história, a matéria com mais leituras. Como se explica essa inconsistência?

– Lance tem problemas de aprendizado? Como você descobriu isso?

– Fiz com que James copiasse os arquivos escolares de todo mundo – ele falou, gesticulando casualmente para uma caixa atrás do sofá. – Estudantes e professores.

– Oh, meu Deus – eu falei.

– Por falar nisso, parabéns pelo teste de francês, você tirou noventa e um.

– É mesmo? – perguntei. – Que incrível.

Elliot pegou umas pastas da caixa e depois a fechou.

– Ashley é limpa como uma bandeirante – ele falou, jogando longe, de forma impaciente, o arquivo dela. – Mas tenho certeza de que Lance cola nas provas de história.

– Por que você acha isso?

– Porque *eu* também colo – ele falou. – Repassei os arquivos de todos. Ninguém consegue nota A, nem mesmo Ashley. E Lance está tirando A+! Em cada exame, o sr. Douglas inclui duas perguntas bônus sobre eventos atuais. Eu sempre pulo, para evitar suspeitas. Mas Lance as responde, estúpido, a cada semana. Na semana passada, ele respondeu uma pergunta sobre o genocídio em Ruanda. É *óbvio* que ele está colando.

– Como?

– Da mesma forma que eu – disse Elliot. – Fuçando na mesa do Douglas toda noite de terça-feira e copiando as respostas.

Apesar de conhecer Elliot havia algum tempo, ainda ficava surpreso como ele confessava suas trapagens de forma tão natural.

– Talvez ele seja realmente bom em História? – falei. – E, sabe... segue o noticiário sobre Ruanda?

Elliot sorriu.

– Vamos descobrir – ele falou.

Sempre fiquei impressionado com o conhecimento de Elliot. Não só com as coisas que ele *sabia*, mas também com as que ele *não*

sabia.

Por exemplo: Elliot conseguia recitar a biografia de qualquer imperador romano: o número de castelos que compraram para si, o número de anões que possuíam, o tipo de adaga com o qual tinham sido assassinados. Mas ele não sabia nada sobre o Barcelona, nem mesmo o que era um campeonato de futebol.

Ele podia citar *Otelo* de Shakespeare de memória – ou, pelo menos, todos os monólogos de Iago. Mas sempre que eu citava *Os Simpsons*, ele me olhava com confusão e desgosto, como se eu tivesse usado algum tipo de linguagem animal de grunhidos e guinchos.

Ele sabia como negociar *commodities* no mercado de ações japonês e reconhecer um Michelangelo. Mas não sabia fazer um avião de papel nem que fosse para salvar sua vida e nunca tinha experimentado um pirulito.

Ele sabia as funções de todas as empresas de seu pai – quais faziam armas, quais faziam químicos e quais faziam os dois. Sabia o endereço de todas as casas de seu pai e o número de empregados em cada uma delas. Sabia a contagem de fios dos ternos de seu pai e os metros cúbicos de sua *jacuzzi*. Mas não sabia o dia do aniversário dele.

E apesar de conhecer minhas alergias, o tamanho do meu sapato, a combinação do meu cadeado e sabe lá Deus mais o quê, ele nunca parecia saber o que eu estava pensando ou sentindo. Ou por quê.

Eu estava sentado perto de Lance na aula de ciências quando o sr. Douglas entrou na nossa sala. Ele era um dos professores mais tranquilos, um ex-membro das Forças de Paz que tocava as mesmas três canções de Cat Stevens em todos shows de talentos. Nunca o vira bravo antes, mas agora parecia estar furioso. Seu rosto estava muito vermelho e seu rabo de cavalo estava todo solto. Eu tentei imaginar o que o professor de história estaria fazendo na classe de ciências. Ele abriu e fechou a boca algumas vezes, mas estava muito bravo para produzir qualquer som.

– Lance – finalmente chamou.

Lance se levantou e começou a desabotoar o casaco do laboratório, mas o sr. Douglas puxou-o pelo braço, impaciente.

– Venha comigo – ordenou. – *Agora.*

Eu pedi permissão para ir ao banheiro e, em silêncio, segui-os pelo corredor, até a parte administrativa da escola.

A porta do diretor era de vidro e quando eu passei em frente, dei uma olhada na confusão que Elliot tinha criado. O diretor Higgins estava chacoalhando a última prova de história de Lance e balançando a cabeça desgostoso. Os pais de Lance tinham sido chamados para a reunião. Estavam sentados um de cada lado do filho, olhando para ele, aterrorizados. Lance olhava para seu colo; o rosto uma máscara de medo.

— **O** que aconteceu com o Lance? – perguntei na limusine de volta para a casa de Elliot. – Você o denunciou?

– Dê-me mais crédito – disse Elliot. – Não sou uma *criança* fofqueira.

– Se você não dedurou, então como ele foi pego?

Elliot estalou seus dedos, um por um, deleitando-se com minha curiosidade.

– Qualquer um com boas informações pode destruir um inimigo – ele falou, por fim. – Mas é preciso ser um gênio sutil para conseguir que um inimigo se autodestrua.

Ele jogou umas pedras de gelo num copo e encheu de uísque.

– Sem interrupções – falou.

O sr. Douglas tinha várias excentricidades, a mais famosa delas era sua obsessão por economizar papel. Em vez de imprimir as quarenta e uma provas a cada semana, ele escrevia uma única cópia a mão e lia as perguntas em voz alta. Nós escrevíamos as respostas em folhas de rascunho, que ele recolhia das latas de lixo de outras classes.

O sr. Douglas sempre redigia suas provas às quartas-feiras, enquanto supervisionava a Sala de Estudos. Ele demorava uns quinze minutos para prepará-las. Quando terminava, balançava a prova no ar, anunciava que tinha terminado e a depositava numa gaveta com chave. Se Lance estava colando – e Elliot tinha certeza de que estava – ele *com certeza* tirava suas respostas dessa gaveta. Não havia nenhuma outra cópia da prova.

A fechadura era inexpugnável sem ferramentas, Elliot explicou, mas a mesa em si era leve o suficiente para ser aberta com uma alavanca. Tudo que era preciso fazer era usar uma régua como alavanca, e o conteúdo da gaveta ficaria exposto. Elliot geralmente atacava a mesa na hora do almoço, enquanto os professores e

estudantes estavam na cantina. As alergias de Elliot exigiam que ele visitasse a enfermaria todo dia ao meio-dia, para tomar um anti-histamínico. E a sala do sr. Douglas ficava, convenientemente, ao lado da enfermaria.

– Você tem mesmo alergias? – eu perguntei.

– O que você acha? – foi sua resposta.

Elliot assumiu que Lance estava roubando o teste nas noites de quarta. Como capitão do time de basquete, ele devia ficar quinze minutos depois do treino para guardar os cones e as bolas. Quando sai do ginásio todos os dias, os corredores já estão desertos, dando-lhe bastante tempo para atacar a mesa de Douglas. Claro, ao fazer isso *depois* que Elliot já tinha tido a chance de adulterar a prova, ele, sem querer, deixou aberta a possibilidade de ser sabotado.

– Você tirou as respostas? Assim, ele não poderia colar?

Elliot balançou a cabeça.

– Se eu tirasse as respostas, Douglas saberia que alguém tinha aberto sua mesa. Deixei as respostas, claro. Mas umas que não seriam muito úteis.

Depois de copiar o teste de Douglas na hora do almoço, Elliot foi até a enfermaria e fingiu estar sofrendo um forte ataque de alergia. James chegou imediatamente e o levou para casa, onde os dois criaram um exame falso para Lance roubar algumas horas depois. James sofreu para replicar a letra de Douglas. Eles mantiveram as perguntas do sr. Douglas intactas, mas substituíram as respostas. Quando terminaram a falsificação, James levou Elliot de volta para a escola, assim ele poderia plantar as respostas na mesa de Douglas. Enquanto Lance treinava arremessos livres no ginásio, Elliot caminhava escondido por corredores vazios e, em silêncio, selava o destino do meu oponente político.

Por um tempo Elliot ficou espionando o escritório do sr. Douglas da sala do outro lado do corredor. E, claro, depois de mais ou menos uma hora, viu Lance entrar e copiar as respostas da prova falsa. Depois que Lance saiu, Elliot tirou sua prova fraudulenta e retornou o original do sr. Douglas.

Na manhã seguinte, quando o sr. Douglas lia suas perguntas durante a classe de história, Lance escreveu as respostas de Elliot, totalmente convencido de que estavam certas.

– Era como um homem acidentalmente assinando sua própria sentença de morte – ele me contou. – Ou cavando equivocadamente sua própria cova.

– Então você colocou respostas erradas? – perguntei.

– Não exatamente – continuou Elliot. – Mesmo se Lance tirasse um zero na prova, ele não receberia nenhuma ação disciplinar. Ele poderia ter afirmado que não tinha estudado. Todo mundo tem direito a um dia ruim, mesmo eruditos como Lance.

– Então o que você fez? Como conseguiu que ele fosse acusado de colar?

– Não fiz isso – respondeu Elliot, entregando sua prova modificada. – Eu o coloquei em uma situação muito, muito pior.

1) Que organização terrorista terrível surgiu no sul durante a década de 1940?

A Organização das Nações Unidas.

2) Que decreto de 1871 é normalmente chamado de “pior lei do Brasil”?

A Abolição da Escravatura.

3) Que série de leis, desde então, foi desmascarada como uma injusta perversão da democracia?

A lei de liberdade de imprensa.

E assim continuava, cada resposta mais condenatória do que a anterior.

– Lance não foi punido por colar – explicou Elliot. – Foi punido por seu odioso sistema de crenças.

Eu imaginei Lance, sentado com seus pais na sala do diretor, pesando suas terríveis opções. Ele deveria escolher entre ser um ladrão plagiador ou um racista horrível. De todas as formas, sua campanha presidencial estava acabada.

Elliot tirou o exame falso das minhas mãos, segurou-o perto da janela e colocou fogo com um isqueiro.

– Um já foi – disse. – Agora vamos para o próximo.

James abriu o teto solar e a fumaça saiu da limusine. Ele estava falando no celular, mas a janela à prova de som estava fechada, então eu não podia ouvir nada.

– Onde seu pai encontrou o James? – perguntei.

– É uma longa história – ele respondeu. – Uma de que você vai gostar muito.

Estava a ponto de começar a contar quando a limusine parou de repente na frente de um prédio de granito sem nenhuma identificação.

– Que lugar é esse? – perguntei.

Elliot suspirou.

– O clube do meu pai – ele falou.

Terry veio cambaleando os degraus de pedras em direção ao carro, o rosto absurdamente vermelho. James saiu da limusine e abriu a porta para ele, discretamente segurando seu cotovelo para que não caísse.

– Seymour! – ele exclamou. – É sempre um prazer vê-lo. Como estão as coisas?

– Ótimas, sr. Allagash – eu respondi. – Elliot estava a ponto de me contar a história sobre como o senhor encontrou o James.

– Como eu encontrei o James? Por favor. Não tenho a energia ou a paciência para encontrar ninguém. *James* é que *me* encontrou!

Elliot terminou sua bebida e ficou olhando pela janela.

– Vou contar a história toda – Terry começou. – Não queremos que esse aí a destrua. Vou contar no meu escritório, mas sem interrupções!

Há quinze anos, eu estava olhando minha correspondência nesta mesma mesa, quando encontrei um cartão-postal muito estranho. O lado brilhante mostrava uma horrível gravura de um crânio. O outro, uma mensagem curta, escrita à mão.

– Os Giants vão ganhar o Jogo Um – dizia.

Joguei o cartão numa gaveta especial que meus advogados me obrigam a manter para ameaças de morte e me esqueci dele até a semana seguinte, quando outro cartão-postal mórbido pousou na minha mesa. Mostrava dois esqueletos dançando – e previa outra vitória dos Giants. Eu ignorei este cartão também – e o seguinte e o seguinte. Mas depois de sete semanas recebendo esses misteriosos cartões, com sua ilustração mórbida e resultados de futebol, comecei a prestar mais atenção. Explico: todas as previsões estavam corretas.

Quando recebi o oitavo cartão – que previa que os Giants iam perder para o fraco Eagles – decidi levar o anônimo doido a sério. Liguei para um amigo do meu clube e apostei no time da Filadélfia. O cartão estava correto, como sempre, e eu ganhei uma soma

considerável. Continuei a seguir o conselho do meu profeta pessoal, apostando mais dinheiro a cada semana, já que minha confiança na precisão dele aumentava. Na décima segunda semana, tinha ganhado uma quantidade de dinheiro tão obscena que era difícil recebê-la sem rir.

Quem estava mandando os cartões? Como tinha me achado? Por que estava me dando suas previsões de futebol? O que ganhava com isso? Descobri tudo quando o décimo terceiro cartão-postal chegou pelo correio.

“O período de teste terminou”, dizia. “Agora que já viu o que posso fazer, por que não assinar meu serviço?” Tudo que eu precisava fazer era enviar mil dólares para uma caixa postal em Poughkeepsie, e, ele prometia, uma décima terceira previsão ia chegar pelo correio, “entrega expressa”, bem a tempo para o jogo de domingo contra os Redskins.

Eu liguei para Duffy, um velho amigo de Harvard que joga tempo integral em Monte Carlo, e contei toda a história. A essa altura, minha teoria era de que meu profeta era um técnico ou juiz da NFL, alguém com informações internas que não podia correr o risco de apostar. Duffy negou essa hipótese no ato.

– Ele poderia se dar muito mal por enviar os cartões – disse. – Passar informações aos apostadores é tão ilegal quanto apostar. E, além disso, nenhum juiz arriscaria seu emprego por meros mil dólares.

– E se for alguém mais baixo, que é muito pobre para fazer apostas ele mesmo? Como um zelador do vestiário? Ele descobre alguma informação interna, mas não tem mil dólares à mão. Então ele compra um cartão-postal de dez centavos, vende sua informação para um bilionário e ganha seu lucro sem investir qualquer capital?

– Não é uma má teoria – disse Duffy. – Exceto por uma coisa: informação interna nunca é assim tão perfeita.

– E se os jogos forem manipulados?

– Jogos da NFL não podem ser manipulados – respondeu Duffy. – acredite em mim, já tentei isso. Há simplesmente muitas variáveis. Há sete juízes, uma dúzia de técnicos, mais de cem jogadores. Não é como pagar um boxeador para cair. Quero dizer, claro, você pode conseguir que o quarterback jogue umas bolas fáceis de serem interceptadas. Mas isso não garante nada.

– E se todo o time está conspirando junto?

– Ninguém conseguiu fazer uma conspiração com um time inteiro desde o Black Sox. E, além disso, seu profeta aposta que os Giants *vencem* de vez em quando. Será que os oponentes dos Giants estão entregando o jogo também? Não há como alguém ter comprado toda a liga. Eu teria ouvido falar nisso.

– Certo – concordou. – Talvez ele não esteja afiliado à liga. Talvez seja um especialista em jogo que é realmente talentoso em suas apostas.

– *Eu* sou um especialista em jogo muito talentoso nas minhas apostas. E nunca cheguei a oitenta por cento. Nunca. Se acerto cinquenta e cinco por cento é um grande ano.

– Então o que você está me falando? É realmente um profeta?

– Talvez seja o próprio demônio – respondeu Duffy. – Quem se importa? Só me passa essa décima terceira dica!

Até então, o profeta já tinha me feito ganhar tanto dinheiro que eu quase sentia que tinha uma dívida com ele. Então, com baixas expectativas, enviei o dinheiro para a caixa postal. Sua dica chegou no dia seguinte, conforme prometido, e, como sempre, era muito boa. Ganhei uma quantia absurda de dinheiro dos meus colegas de

clube. Teria ganhado mais, mas a maioria deles não queria mais apostar contra mim em jogos dos Giants.

O próximo cartão do profeta pedia cinquenta mil dólares.

– Você precisa pagar! – gritou Duffy, várias vezes, por uma hora. Eu acabei desligando na cara dele e fiquei refletindo sobre a situação no meu escritório. Ainda não sabia quem era meu profeta ou como ele sabia tanto sobre futebol. Mas sabia uma coisa: ele não tinha motivos para me dar informações ruins. Afinal, se escolhesse um perdedor, eu poderia parar de pagar pelas dicas. Era mais interessante para ele me passar os ganhadores.

No final, decidi fazer a coisa mais racional: vendi a dica para Duffy por sessenta mil dólares. Ele me enviou o dinheiro imediatamente e eu enviei cinquenta a Poughkeepsie. O cartão-postal chegou em quarenta e oito horas. Mostrava algum tipo de altar feito de ossos e previa a vitória dos Giants. Fui até o clube no domingo pela manhã, mas não consegui convencer ninguém a apostar contra mim. Estava bastante frustrado, até que o impensável aconteceu: os Giants perderam. Esperei que outro cartão-postal chegasse, mas nunca aconteceu.

Então, minha curiosidade cresceu a um ponto tão extremo que interferia em meu cotidiano. Pensava no profeta constantemente: quem ele era, como operava, esse tipo de coisa. Por isso, despachei um dos meus investigadores pessoais até Poughkeepsie, para espionar a agência de correio e encontrar o profeta. Não foi fácil. Ninguém tocou na caixa por dias. Ou, pelo menos, nenhum *cliente* fez isso. Nós acabamos descobrindo que meu profeta tinha, de alguma forma, conseguido um *emprego* como zelador no correio. Era o único que tinha acesso às caixas da uma às nove da manhã – e era quando ele retirava suas cartas. No final, não tive outra escolha a não ser pedir um favor a um amigo no Banco Central.

Enviamos ao profeta um maço de notas marcadas (com um pedido de mais dicas), seguimos sua distribuição e descobrimos que saíam da casa dos pais dele na periferia. Quando as fotos dos detetives chegaram, achei que tinham cometido algum tipo de erro. Meu profeta era um moleque magricela de dezessete anos, com cabelo comprido e acne. O garoto se chamava James.

Foi relativamente fácil sequestrá-lo depois que soubemos sua identidade, e minha gente conseguiu extrair uma confissão completa sem violência excessiva. Foi uma coisa incrível de ouvir.

O pai do garoto vendia diamantes e joias de alta qualidade e meu nome e endereço estavam listados em sua agenda. Foi onde o garoto conseguiu *todos* os seus endereços. Entenda: eu não era o único a receber cartões-postais! No começo da temporada de futebol, o garoto enviou previsões a todos os vinte mil contatos de seu pai. Contou a dez mil pessoas que o time deles ia perder e a dez mil que o time ia ganhar. Na semana seguinte, ele determinou quais pessoas tinham recebido previsões corretas e mandou a eles um segundo cartão. Novamente, contou a uma metade que o time ia ganhar e à outra que o time ia perder. Continuou a reduzir a lista dessa forma, semana após semana, até que chegou o Jogo número 13. Nesse ponto, só continuavam vinte e dois nomes. Vinte deles estavam suficientemente impressionados para "assinar" seu serviço. E, na semana seguinte, dos doze milionários ingênuos que sobravam, seis concordaram em pagar cinquenta mil por sua dica no Jogo 15. Ele me perdeu naquela semana, juntamente com três outros. Mas dois nomes continuaram e concordaram em pagar cem mil dólares pelas "previsões" de James para o Jogo 16. Uma das previsões estava certa. E havia ainda um homem, algum barão do aço de Pittsburgh, que ficou tão espantado com os acertos de James

em relação ao Steelers que estava disposto a pagar um milhão de dólares por sua dica no Super Bowl.

Quando encontrei James, ele tinha conseguido milhões de dólares com seu golpe do futebol. Foi um grande investimento – todos os selos e cartões-postais –, mas ele foi capaz de bancar com os lucros de outros golpes. Ele já tinha realizado centenas nessa época, um mais ousado do que o outro.

– Você vai me matar? – ele perguntou, quando me apresentei no final das quatro horas de interrogatórios.

– Meu Deus, claro que não! – falei. – Quero contratá-lo!

Encontrei Elliot do lado de fora do escritório, lendo um velho e grosso livro militar.

– Por que você saiu no meio da história? – perguntei.

– Já tinha ouvido – ele respondeu.

– É bem incrível que seu pai tenha contratado esse cara.

Elliot mexeu a mão com desprezo.

– Minha família sempre empregou pelo menos um trapaceiro em tempo integral. Terry não foi o primeiro Allagash a pensar nisso.

– Não é arriscado contratar criminosos?

– Não, se você é o único que conhece os crimes deles. Se James tentar atacar a família, poderíamos revelar seus golpes às autoridades. Isso o mantém na linha.

– Você acha que ele *quer* atacar sua família?

– Provavelmente não. Pagamos um salário absurdo para ele, mais suas despesas. E sempre lhe damos um mês de férias todo ano,

assim ele pode viajar pelo mundo e visitar todas as prostitutas estrangeiras que mantém.

Ele pegou sua caneta e começou a sublinhar uma longa passagem em seu livro.

– Elliot? – perguntei. – O seu pai tem outras histórias como essa?

Elliot fechou o livro.

– Por que não bate na porta do seu escritório e descobre? – ele gritou. – Ele provavelmente está esperando por você no vestíbulo, com a orelha encostada na porta para ouvir quando se aproxima! Vá em frente!

Ele tirou um lenço do bolso e tossiu violentamente; seu pequeno corpo tremia de tanto esforço. Pensei em dar uns tapinhas em suas costas, mas, no final, achei melhor não. Depois de um tempo, seu ataque diminuiu e ele se encostou na parede, exausto.

– Se quer ouvir uma boa história – ele falou, ofegante. – Deveria ouvir meu plano para eliminar a Ashley.

Senti uma onda de culpa. Não me importei quando Elliot conspirou contra Lance ou o Winchester. Mas Ashley era uma garota muito legal. Sempre era voluntária para decorar os bailes da classe, apesar de nem participar deles. Na sétima série, o sr. Hendricks tinha nos colocado como dupla para o Projeto Anual de Arte Casa de Pão Doce, e passamos toda uma tarde em seu apartamento, rindo de novelas e comendo nossos materiais de trabalho. Não éramos exatamente amigos, mas ela nunca tinha me chamado de balofo, mesmo no auge da popularidade do meu apelido. Uma vez ela me pegou cantando a música “Barbie Girl”. Era o verso que dizia: “I’m a Barbie girl, in a Barbie world”, e eu estava cantando bem alto. Ela poderia ter contado a alguém sobre o incidente, mas nunca falou nada.

– Você não vai fazer nada ruim com ela, vai?

Elliot parecia não me ouvir. Ele ligou para James.

– Talvez não seja uma boa ideia – falei, finalmente. – Quero dizer, é só a presidência da classe. Não me importa muito se eu ganhar.

Elliot fechou o telefone com uma batida e olhou para mim.

– Se você acha que é algo menor ser presidente da classe, você é ainda mais tonto do que eu imaginava! Isso é apenas um degrau – um degrau para outro degrau e *para outro degrau e para...*

Ele parou de repente e forçou uma estranha risada.

– Olha – ele disse –, não me importa nada o que você faz. Para mim é só um jogo.

Ele deu de ombros.

– Você provavelmente está certo. Quem quer ser *presidente*? Digo honestamente, quem tem paciência para ficar posando para todas aquelas drogas de fotos?

– É – concordei –, fala sério.

Elliot assentiu.

– Certo. E participar de todas aquelas estúpidas reuniões com o senado estudantil? E aquelas entrevistas ridículas com a *Gazeta de Glendale*?

– É... é tudo tolice.

– É mais do que tolice! Todo mundo puxando seu saco o tempo todo para conseguir isso ou aquilo! E Jéssica e seu comitê de dança idiota? Dá para imaginar ir até a casa dela para planejar uma dessas abominações?

– Hã...

– Além do mais – ele continuou –, seus pais nem vão se importar se você perder a eleição. Na verdade, eles devem até estar *esperando* que você perca.

Ele abriu seu livro e continuou a sublinhar a passagem onde tinha parado.

– Claro – ele acrescentou, em voz baixa –, bem que poderia ser uma experiência interessante.

Eu me sentei perto dele.

– O que você vai fazer com a Ashley?

Elliot deu de ombros.

– Algo elegante.

– Isso é ruim?

Elliot riu.

– É “ruim” comer um bispo com uma torre? É “ruim” matar uma bola usando uma cruzeta? Isso é política!

– Talvez você esteja certo – falei.

– Claro que estou certo – ele respondeu. – Agora, vamos jogar um pouco de bilhar.

Só depois da eleição é que percebi que não tinha perguntado muitos detalhes de seu plano. De alguma maneira, na época, me convenci de que foi um descuido, que eu tinha permanecido ignorante das maquinações de Elliot simplesmente por acidente. Que eu não sabia no que estava me metendo.

– **S**abe, ainda não conhecemos o Elliot – disse meu pai. – Por que não o convida para o seu aniversário? O pai dele também pode vir, se não estiver muito ocupado.

– Não sei – falei. – Elliot é muito exigente com comida.

– A gente pensa em algo – ele falou. – Sempre posso fazer uns hambúrgueres. Todo mundo gosta de hambúrgueres, certo? Passe o *ketchup*.

Eu passei a embalagem para ele, que a apertou sobre seu frango. Uma gota do líquido vermelho caiu do bocal.

– Droga – falou.

Ele virou a garrafa de cabeça para baixo e esperou que o *ketchup* escorresse.

– Talvez devêssemos sair para jantar? – sugeriu minha mãe. – Podíamos ir ao St. Regis, talvez, ou Tavern on the Green. Sabe... algum lugar...

Meu pai riu.

– Algum lugar *o quê?*

– Algum lugar... divertido – respondeu minha mãe. – Quero dizer, é uma ocasião especial, certo? Catorze é uma grande idade!

Meu pai assentiu.

– Vamos fazer um bolo – ele disse.

Meu pai era professor assistente de Economia em Fordham. Ele às vezes escrevia artigos em revistas, longos ensaios com notas de rodapé, diagramas e gráficos. Ele também havia escrito um livro, que um agente tinha recentemente apresentado a editores. Eu estava realmente orgulhoso do fato de meu pai ter escrito um livro inteiro, e só quando Elliot pediu que eu o descrevesse foi que percebi que não tinha ideia do que se tratava. “Algo sobre Marx”, foi tudo que pude dizer.

– Oh – retrucou Elliot. – Um desses.

Eu pisquei. Não sabia que outras pessoas tinham escrito sobre esse Marx antes. Torci para que meu pai soubesse disso.

Minha mãe trabalhava às tardes como fonoaudióloga, mas, na noite do jantar para os Allagash, ela ligou falando que estava doente, assim podia se concentrar na comida. Quando cheguei em

casa da escola, havia tantos aparelhos ligados ao mesmo tempo na cozinha que era preciso gritar para nos comunicarmos.

– Olhe na sua escrivainha! – ela disse. – Papai e eu compramos um presente pra você!

Eu dei um forte abraço nela e saí correndo pelo corredor. Só tinha pedido uma coisa esse ano – *NBA Live 97* – e sentia que minhas chances eram boas. Meus pais não gostavam de videogames, mas eles tinham me comprado o *NBA Live 96* no ano anterior. Na minha mente, isso significava um forte precedente. Desembrulhei o pacote lentamente, ensaiando em minha mente o olhar de surpresa que iria mostrar a minha mãe quando o jogo finalmente estivesse em minhas mãos.

Eram roupas. Havia um cinto marrom, uma blusa azul-escura com um colarinho firme e um estranho par de sapatos marrons sem cordões. Segurei o pacote por um tempo, com a esperança de que minha mãe tivesse escondido o jogo embaixo das roupas, como piada. No final, desisti e gritei o “obrigado” mais alegre que consegui fingir.

Coloquei minha camiseta do Knicks e fui até a cozinha para diminuir minha dor com um pouco de leite com chocolate. Quando passei por minha mãe, ela tinha uma expressão de pânico no rosto.

– Você não vai experimentar suas roupas novas? – perguntou.

Demorou algumas tentativas para ajeitar a camisa, mas terminei conseguindo. Quando voltei para meu segundo leite com chocolate, meus pais estavam discutindo sobre algo.

– Não – meu pai estava falando –, estávamos guardando esse. O da Itália.

– Tem certeza? – perguntou minha mãe. – Achei que estávamos guardando a outra garrafa.

Meu pai riu.

- Não importa – ele falou. – Você já abriu.
- Ele olhou para mim – e depois voltou para minha mãe.
- Essas roupas são novas? – ele perguntou.

Havia um filme que passou quando eu era criança chamado *Os Flintstones encontram os Jetsons*. No filme, as duas famílias se dão bem quase imediatamente e terminam trabalhando juntas para salvar o mundo. Talvez tenha sido por ter visto esse filme tantas vezes que me senti tão otimista em relação ao nosso jantar com os Allagash.

Elliot e Terry entraram usando chapéus-coco. Isso deixou meu pai visivelmente mal, mas ele se recuperou rapidamente e estendeu a mão.

– Obrigado por virem – ele falou. – Fico feliz que puderam comparecer.

– É um prazer finalmente conhecê-los! – exclamou Terry.

Ele tirou o casaco e olhou a sala, girando o pescoço um pouco. Demorou um bom tempo para perceber que nenhum empregado viria pegar seu casaco e maleta. No final, colocou-os de qualquer jeito sobre uma cadeira. Os adultos começaram a conversar sobre o tempo, e Elliot e eu fomos até meu quarto.

– Que tipo de roedor é esse? – Elliot perguntou, apontando para minha gaiola de rato.

– É um rato – falei. – O nome dele é Houdini. Estou tentando treiná-lo para que fique de pé. Estou quase conseguindo.

– Mostre-me – pediu Elliot.

Eu segurei uma bolinha de comida acima de sua cabeça e gritei: “De pé!” algumas vezes. No final, depois de alguma deliberação, Houdini lutou para ficar sobre as patas traseiras e agarrou a comida

com suas garras. Eu acariciei sua nuca e dei mais comida como recompensa.

– Nada mal – elogiou Elliot.

– Você tem algum animal de estimação? – perguntei.

Elliot olhou para mim por um momento.

– Não exatamente – falou.

– Que bom que você gostou do bolo – disse minha mãe.

– Está *delicioso* – falou Terry. – Que bom que deixei espaço para a sobremesa!

– Que pena que você não gosta de hambúrgueres – disse meu pai a Elliot. – Ainda está com fome? Há um pedaço de frango na geladeira, se não se importar de comer sobras.

Elliot olhou confuso para meu pai.

– So... bras?

Houve uma longa pausa. No final, Terry limpou a garganta e sorriu para meu pai.

– Elliot me contou que você escreveu um livro – ele falou. – Meus parabéns!

Meu pai riu de forma estranha.

– Está sendo avaliado – ele falou. – Poderia facilmente terminar na gaveta de algum editor.

– Ele está sendo modesto – disse minha mãe. – Há interesse real de duas editoras acadêmicas. Uma em St. Louis e outra no Canadá.

Meu pai suspirou.

– Que maravilha – disse Terry. – Tenho alguns amigos no meio editorial. Conhece a Bishop House?

– Conheço – respondeu meu pai. – Na verdade, foram os primeiros a me rejeitar.

– Disseram que era muito “acadêmico” – explicou minha mãe.

– Na verdade, acho que a palavra que usaram foi “chato” – disse meu pai. – Mas dá no mesmo. Tem certeza de que não quer mais vinho, Terry? É um bom italiano.

– Não, obrigado – ele falou.

Meu pai serviu um pouco em sua própria taça. Percebi que era o único que estava bebendo.

Minha mãe olhava ansiosa para a fatia de bolo intocada de Elliot. Quando ficou evidente que ele não ia experimentar, ela serviu um copo grande de leite e colocou-o, esperançosa, ao lado de sua mão ossuda.

– Então, Elliot – ela falou. – Ouvi dizer que você é um bom jogador de basquete! Não posso acreditar em quanto vocês dois estiveram treinando. Você deve adorar!

Dei um olhar desesperado para Elliot; ele suspirou exausto.

– Sim – ele respondeu na maior cara de pau –, meu esporte favorito é o basquete.

– Bom, isso é ótimo! – disse minha mãe. – Simplesmente maravilhoso.

Ela retirou o leite, apesar de Elliot nem ter tocado no copo.

– Entre o *basquete* e o *clube de asbestos* e *ser o gerente de campanha do Seymour*, não sei como você tem tempo para a lição de casa! Em quantas atividades extracurriculares você está envolvido?

– Muitas – ele respondeu.

Meu pai levantou sua taça de vinho contra a luz e a girou lentamente, olhando para os sedimentos que tinham ficado no fundo.

– Você gosta de beber vinho? – ele perguntou a Terry.

– Gosto – respondeu Terry. – Na verdade, acabo de sair de uma degustação. Se não tivesse sido tão completa, eu o acompanharia

num brinde. Mas infelizmente não posso tomar mais nada.

Meu pai assentiu e olhou para minha mãe, do outro lado da mesa.

– Eu normalmente só tomo vinho em ocasiões especiais – ele explicou. – Por exemplo, um dos meus colegas trouxe uma garrafa de vinho da vila de seus pais na Itália. Ia guardá-la para o dia em que vendesse meu livro. Mas agora percebo, ei, e se eu não vender? Um livro fracassado não é motivo para perder um vinho, certo?

Terry limpou a garganta.

– Meu Deus, Seymour – ele falou. – Esqueci de lhe dar seu presente!

Ele se levantou e tirou um pacote de sua grande maleta. Estava embrulhado num papel prateado brilhante e amarrado com uma grossa fita dourada.

– Oh, você *não precisava!* – gritou minha mãe.

O embrulho era tão elaborado que demorei um tempo para rasgá-lo. Quando finalmente consegui e o presente ficou exposto, um silêncio tomou conta da sala. Era um novíssimo *videogame* Sega Dreamcast.

Eu havia lido artigos em revistas de videogame anunciando seu lançamento, mas nunca tinha visto um. Era uma linda máquina, brilhante e prateada. Quando a tirei da caixa, soltei um grito involuntário; havia mais de uma dúzia de jogos escondidos embaixo dela.

– Oh, meu Deus – falei. – Oh, meu Deus.

Eu percebi que estava de pé. Tentei me recompor, sentei-me e agradei muito ao sr. Allagash.

– *Realmente* não precisava – repetiu minha mãe.

Terry fez um gesto com a mão.

– É um prazer! – ele exclamou.

– Não – reforçou meu pai. – Realmente não precisava.

Levei o presente para meu quarto e um bilhete curto, escrito à mão, caiu de dentro da caixa. Estava escondido embaixo da montanha de jogos e eu não o tinha percebido inicialmente.

Caro Seymour,

obrigado por passar tanto tempo com meu estranhíssimo garoto. Como ele é? Você deve me lembrar de perguntar pessoalmente em algum momento.

Terry

Coloquei o bilhete bizarro na gaveta da minha escrivaninha e voltei para a festa. Mas quando cheguei, ela estava terminando. Todos estavam parados ao lado da porta da frente – exceto meu pai, que ainda estava na mesa, terminando seu vinho e olhando para a pilha de papel de presente.

– Tem certeza de que não quer ficar e jogar algo? – perguntava minha mãe. – Charadas? Imagem & Ação?

– Oh, não sei – disse Terry. – Está ficando tarde.

Ele começou a colocar seu casaco.

– Também temos Uno e Boggle.

– Obrigado pela oferta – ele agradeceu. – Mas acho que estamos muito cansados.

Meu pai colocou sua taça na mesa, fazendo barulho.

– Que tal Banco Imobiliário? – ele sugeriu.

Terry parou de repente. – Você disse Banco Imobiliário?

Terry e Elliot sentaram-se de um lado do tabuleiro, de frente para meu pai. Minha mãe e eu já tínhamos ficado completamente na bancarrota nos primeiros trinta minutos do jogo. Assim só restaram meu pai e os Allagash, que tinham decidido jogar como uma equipe.

– A hora de dormir é às dez – disse minha mãe. – Então acho que quem estiver ganhando daqui a cinco minutos, é o vencedor!

– Parece razoável – disse Terry.

– Nenhum três, quatro ou seis – murmurava meu pai, balançando os dados na mão. – *Nenhum três, quatro ou seis.*

Ele balançou um pouco mais os dados, enrolando. Os Allagash tinham estabelecido hotéis em todas as três propriedades laranja e ele estava a uma jogada ruim da falência.

– Sabe, não é tarde demais para aceitar nossa oferta – Terry falou para ele. – Mil e cem dólares é uma soma generosa pela Avenida Pensilvânia.

– Na verdade, nossa oferta era *mil e duzentos* – disse Elliot. – Mesmo assim, é um excelente negócio.

Meu pai largou os dados e olhou para eles.

– Já falei – ele respondeu. – Não vou desistir do meu monopólio. Por nenhuma quantia em dinheiro.

Terry sorriu.

– Tudo bem.

Parecia haver muita coisa em jogo ali. Normalmente, se eu oferecesse a meu pai uma troca, ele aceitaria automaticamente. Mas quando ofereci um cartão de liberdade da prisão por Short Line Railroad, ele rejeitou no ato. Meu pai jogou os dados; eu segurei a respiração enquanto eles voavam pelo tabuleiro. Eles colidiram com alguns hotéis dos Allagash e acabaram parando perto das cartas do Cofre Comunitário: um três... e um quatro.

– Sete! – gritei. – É a Parada Livre.

Meu pai comemorou com o punho fechado e fez um barulho de satisfação.

– Isso! – ele gritou. – Isso!

Eu levantei a mão; ele deu um tapa forte.

– Que horas são? – perguntei. – Já são dez, mãe?

– Hum...

– São dez! – disse meu pai, balançando seu relógio no ar. – São exatamente dez! Fim do jogo!

Ele inclinou-se para a frente e agarrou a enorme pilha de dinheiro do centro do tabuleiro, enquanto ria e mexia no meu cabelo.

– Parabéns – disse Terry, esticando a mão.

Meu pai cumprimentou-o.

– Não se sinta mal por perder, Terry. Sou professor de Economia, então esse jogo tem mais a ver comigo.

– Sabe – disse Elliot –, falando de forma estrita, a “Parada Livre” não é parte oficial do...

Terry o cortou.

– Obrigado pela noite – ele agradeceu. – Nós nos divertimos muito.

Meu pai se encostou na cadeira enquanto minha mãe terminava de limpar a mesa.

– Você viu a cara do Terry? – ele perguntou. – Quando eu tirei o sete?

Minha mãe recolheu algumas migalhas com a mão e voltou para a cozinha sem responder.

– Foi ótimo, papai – elogiei. – Realmente muito bom.

– A gente pensa que um magnata sabe algo sobre Banco Imobiliário! Principalmente um ladrão como Terry Allagash! Oh, nossa... essa família não foi derrotada dessa forma desde a Lei de Sherman!

Não tinha ideia do que ele estava falando, mas eu ri mesmo assim. Não o via tão feliz desde que terminara seu livro havia seis semanas.

– O truque é *controlar o tabuleiro* – ele falou. – Eu sabia que eles estavam na palma da minha mão com aqueles Verdes então eu...

O telefone tocou. Ele atendeu com um alegre “Alô!”, mas seu sorriso logo morreu.

– Sim... está bem... entendo...

Ele levou o telefone para o quarto e fechou a porta. Minha mãe, que estava olhando da cozinha, se sentou perto de mim.

– O que está acontecendo? – perguntei.

Ela não respondeu. Só ficou olhando para a porta fechada. No final, a maçaneta girou e meu pai voltou para perto de nós. Seu rosto estava pálido. Ele não falou nada.

– O que foi? – sussurrou minha mãe. – Quem era?

– Meu agente – ele respondeu. – Eles venderam meu livro.

– Ah, meu Deus! – gritou minha mãe, abraçando-o. – Estou tão orgulhosa de você! Ah, precisamos comemorar!

Ela serviu o restinho de vinho numa taça e entregou para meu pai.

– Qual foi? A de St. Louis?

– Não.

– A canadense?

– Não.

– Então... quem foi?

– Foi a Bishop – ele respondeu, forçando um sorriso. – Eles mudaram de ideia. No meio da noite.

Ele olhou para a taça de vinho por um momento e a devolveu para minha mãe.

– Tintim – falou.

Meus pais normalmente controlavam o que eu assistia na televisão, mas estavam discutindo sobre algo no quarto deles e não tinham tempo para se preocupar comigo. Eu fiquei sentado no sofá da sala por horas, assistindo a velhas séries de comédia, tentando entender o que os dois estavam falando. No final, eles saíram do quarto e se sentaram perto de mim, um de cada lado. Eu pedi desculpas por estar assistindo à TV até tão tarde, mas dava para ver que eles não estavam bravos. Minha mãe desabotoou o colarinho da minha camisa e esfregou meu pescoço.

– Desculpe pela camisa pinicar tanto – ela falou.

– Tudo bem – respondi.

– Você não precisa usar de novo – ela falou.

Meu pai desligou a televisão, pegou um copo de água para mim e se sentou de novo ao meu lado.

– Pai? – perguntei. – Eles vão publicar seu livro?

Meus pais se entreolharam.

– Vão – respondeu meu pai, finalmente. – Claro que vão.

Eu o abracei.

– Uau, primeiro o Banco Imobiliário e agora isso!

Meu pai riu.

– Qualquer um pode parar na Parada Livre – ele disse. – Mas obrigado, filho.

Minha mãe trouxe meu aparelho dentário, e os dois me colocaram na cama, acendendo a luz do banheiro quando saíram.

Eu estava caindo num sono profundo quando o telefone tocou violentamente em todo o apartamento. Eu sabia que era Elliot ligando (quem mais poderia ser?) e que aquele barulho iria acordar meus pais. Mas estava muito sonolento para atender de imediato.

Quando consegui sair da cama e agarrar o aparelho, minha mãe estava na outra linha. Ela parecia desorientada. Acho que nunca tinham ligado tão tarde.

– Está tudo bem, mamãe – falei. – Eu atendo.

– Boa noite – ela falou. – Boa noite, querido.

Assim que ela desligou, Elliot começou um monólogo. Ele falava tão rápido que no começo era difícil entendê-lo.

– Elliot, me desculpe – falei. – Não posso falar sobre a eleição agora.

– Não tem a ver com a eleição – ele disse. – É um esquema completamente novo. Quando eu estava sabotando Douglas, encontrei uma forma de colar na prova final dele.

– Por que você precisa colar, Elliot? Você é *bom* em história. Você está sempre lendo esses livros sobre guerras e coisas assim.

– Verdade, *isto é* mesmo história. Não o *desfile* de besteiras de Douglas, esses contos de fada socialistas! Eu me recuso a dedicar um segundo de esforço mental para descobrir quais mitos ele quer que eu invoque! Diversidade cultural? Susan B. Anthony? Zumbi? *Zumbi*? Ela era um escravo!

– O quê?

– Ouça: *se Douglas acha...*

– Elliot, você pode contar isso pra mim amanhã? Estou cansado.

Ele continuou falando. Uma música clássica alta estava tocando no fundo e não dava para ouvir bem sua voz.

– É tão óbvio! – ele gritou. – O sr. Douglas escreve suas provas finais no fim de semana, então não há como roubá-las de sua mesa. Mas se alguma autoridade superior exigir ver a prova antecipadamente, Douglas não teria outra solução a não ser apresentá-la! Sei o que você está pensando: que autoridade, certo?

– Elliot...

– Uma falsa! Vou fazer com que James finja ser o chefe da organização de prêmios escolares. Ele escreve uma carta para o sr. Douglas em papel de carta oficial, com um selo de cera. “Caro sr. Douglas, há tempos sabemos de seu talento para elaborar provas e gostaríamos de considerá-lo para o prestigioso Prêmio Gladys Violet...”

– Elliot, ouça...

– James pedirá que ele mande sua próxima prova final de história como um exemplo de seu trabalho. Eu memorizo as respostas, consigo uma nota perfeita... E aqui está a jogada: faço minha prova com tinta roxa! Entendeu? Gladys *Violet*? Roxo? Ele vai saber que eu orquestrei tudo! Claro, ele não vai ter como provar nada e mesmo se *pudesse* estaria muito envergonhado para me confrontar. Ele poderia até se convencer de que foi uma coincidência e que ele realmente foi indicado a algum tipo de prêmio de ensino. Mas lá no fundo, a vergonha vai envenenar seu coração, crescer com o passar dos anos, roer seu ego, levá-lo à beira da loucura...

– Elliot, ouça, é tarde. Preciso dormir.

– Claro que não. Temos trabalho a fazer.

– Estou realmente cansado.

– Confie em mim, você vai querer ser testemunha disso! Desça. James vai pegá-lo em cinco minutos e você vai passar a noite aqui.

– Tenho de acordar cedo amanhã. Meu pai vai fazer *waffles*.

– Você não gosta de *waffles*. Se vier aqui, James vai fazer uma torta para o café da manhã, uma daquelas horríveis de que você gosta tanto, com a camada de açúcar por cima.

– Realmente não posso. Mas, ei, prometo que vou aí amanhã, assim que puder.

– Bom Deus, eu não *estou nem aí* se você virá ou não! Jesus! Simplesmente não entendo por que você escolheria uma comida que

detesta em vez de outra que gosta.

– É domingo e meu pai sempre faz *waffles*; nós levamos para minha mãe na cama. É como uma tradição porque...

– Ótimo, tanto faz! Não me importa!

– Certo, a gente se vê amanhã, Elliot. Elliot? Você ainda tá aí?

Eu estava saindo correndo da aula de francês – era dia de taco na cantina – quando o sr. Hendricks deu um tapinha no meu ombro.

– Seymour – ele me chamou –, tudo bem se conversarmos por um momento?

Ele deve ter sentido meu nervosismo, porque rapidamente acrescentou:

– Não se preocupe, você não está metido em problemas.

Suspirei aliviado e o segui de volta para a sala de aula vazia.

– Como está indo o clube? – ele perguntou.

– O quê?

– O... clube antiasbestos?

– Ah! – exclamei. – Está indo bem.

Ele assentiu entusiasmado.

– Que ótimo – ele continuou. – E como está indo a campanha?

Notei que você não colocou nenhum cartaz.

Assenti com a cabeça.

– Elliot é o gerente de campanha – falei. – Então está nas mãos dele.

O sr. Hendricks concordou.

– Ashley colocou muitos pôsteres mesmo, não? – ele falou.

– É – concordei –, são bem legais.

– Ela está *superanimada* com a campanha. Não sei se você sabe, mas vou ser o conselheiro no ano que vem.

– Parabéns.

– Obrigado! – ele agradeceu. – É divertido, não? Em todo caso, Ashley já me mandou *cinco* propostas: para venda de bolos, bailes e atividades de caridade. Não é incrível?

Eu fiz que sim com a cabeça, sem saber aonde ele queria chegar.

– De qualquer maneira – ele falou –, a razão pela qual queria conversar com você é que eu fiz um pequeno *brainstorming* recentemente e queria lhe contar. Esta manhã, eu estava andando pelo parque e pensei comigo mesmo: “Ei, espere um minuto! Temos dois candidatos excepcionais, que são apaixonados pela escola... por que não colocá-los para trabalhar juntos? Não teríamos de nos preocupar com discurso ou pôster. Poderíamos simplesmente esquecer as eleições e ter copresidentes!”. O que você acha?

– Isso parece muito bom – falei. – Vou conversar com Elliot e ver o que ele acha.

O sr. Hendricks esticou o pescoço para ver se alguém estava no corredor. Então ele se aproximou e continuou com voz mais baixa.

– Ouça, Seymour – ele falou –, só estou falando isto porque acho que você é maduro o suficiente para não contar a ninguém: a Ashley está tendo um ano bem difícil.

– Como assim?

– Você e Elliot têm o clube antiasbestos. O Lance tem a equipe de basquete. Ela não tem nada parecido com isso. Se ela não conseguir ganhar... acho que vai ficar bastante chateada. Não falei para ela da ideia de copresidente ainda, mas acho que se *você* sugerir, ela vai ficar animada. Acho que *todo mundo* ficaria.

Assenti. Meus pais ainda ficariam orgulhosos de mim se eu fosse copresidente e também sairia no anuário. Além disso, não sabia

como ser presidente. Seria mais fácil fazer isso com a Ashley do que sozinho – e provavelmente mais divertido. Poderíamos organizar outro concurso de biscoitos de gengibre caseiros; se fôssemos os juízes, poderíamos comer um monte de graça.

– Então você vai pensar nisso?

– Com certeza – respondi.

– Oh, que ótimo!

– Apesar de que... eu realmente preciso conversar com o Elliot primeiro.

O sr. Hendricks suspirou.

– Claro – ele concordou.

Elliot terminou seu martíni e pediu outro pelo elevador. – Você sabe o que significa ser “copresidente” numa eleição com dois candidatos? – ele me perguntou.

– O quê?

– Chegar em último.

Ele deu uma tacada e andou ao redor da mesa de bilhar algumas vezes, parando apenas para pegar sua nova bebida.

– Acho que poderia ser uma boa ideia – falei. – Quero dizer, eu ainda seria presidente. Mas não teria de ferir os sentimentos da Ashley ou arriscar perder.

Elliot bateu seu pequeno punho na mesa. Quase não deu para ouvir o som da pancada no feltro verde.

– Se eu estou gerenciando a sua campanha – ele falou –, *não é um risco!*

Ele me entregou sua bebida enquanto se preparava para a próxima tacada. Seu copo estava quase transbordando; eu instintivamente dei um gole para evitar que caísse. O gosto era forte – como uma nuvem de spray anti-insetos –, e eu imediatamente comecei a tossir.

– Você não entende o que está acontecendo aqui? – disse Elliot.
– O sr. Hendricks está *com medo* de você. Ele tem medo de que você derrote a Ashley! Você está *ganhando*, Seymour, e nós ainda nem fizemos nada!

Ele deu uma tacada longa.

– O sr. Hendricks acha que você é algum tipo de jeca. Não posso esperar para ver o rosto dele quando você for o presidente!

Lembrei-me de como Ashley tinha ficado desapontada na última eleição, segurando as lágrimas e confortando Han Wo, o estudante estrangeiro que era seu único aliado. Mas aí imaginei o diretor anunciando meu nome, no palco, na frente de todos. Eu me vi posando sozinho na foto do anuário, usando o terno novo que meus pais tinham comprado agora que eu era muito magro para o antigo.

– Acho que seria bem legal – concordei.

Dei um segundo gole na bebida de Elliot. Foi tão ruim quanto o primeiro, mas eu consegui não tossir dessa vez.

– O que o sr. Hendricks estava usando quando ele o chamou para conversar? – perguntou Elliot. – Deixe-me adivinhar: aquele terno xadrez, com os botões de madeira.

– É – respondi. – Como você sabe?

– Bom, o cara só tem dois ternos – ele falou. – E usou o marrom ontem. Então...

– Raciocínio básico.

– Exatamente!

Elliot deu sua tacada e pegou o giz. Fui devolver a bebida, mas ele me parou com um gesto.

– Fique com essa – ordenou. – Peço outra.

– Então, deveríamos trabalhar no discurso? – perguntei.

– Vamos fazer isso amanhã – ele respondeu. – Tenho algumas coisas para resolver antes.

Seymour, que agradável surpresa. Elliot saiu de carro com James. Não precisa ir embora, ele vai voltar em uma hora. Por que não se senta aí, ao lado do meu urso? Tenho uma história incrível e longa que você deve ouvir agora mesmo. Sem interrupções.

Você está vendo esta estatueta estúpida? É uma das coisas que mais me orgulham: Campeão de Xadrez de Harvard, 1954. Nunca fui muito bom jogador de xadrez, veja bem, mas eu *sempre* fui um enganador talentoso. Este troféu é a prova.

Nunca vou esquecer o dia em que vi a Escada do Xadrez pela primeira vez, na sala de jantar de Harvard. Era uma coisa linda: uma prancha de mogno sólido, cheia de placas douradas com os nomes dos vencedores. Ao desafiar e derrotar seus superiores, você sobe gradualmente até os primeiros postos. É um ano inteiro de disputas; quem tem o posto mais alto na data da formatura é coroado o campeão de sua classe.

Quando olhei os nomes na escada, percebi que não reconheci nenhum deles. Nenhum tinha estudado na Exeter ou na Andover, nem participava de algum dos clubes sociais que eu frequentava. Alguns dos nomes eram até *estrangeiros*. Era uma meritocracia total. Pela primeira vez na minha vida, eu me senti excluído.

Nunca tinha jogado xadrez antes e não tinha nenhum interesse no jogo. Mas assim que eu vi o quadro, decidi que precisava dominá-lo.

Meu primeiro passo foi contratar um especialista em xadrez que me ajudasse a roubar. Encontrei um no MIT: um jovem nervoso chamado Fishman, que tinha dominado o torneio de xadrez da sua escola durante anos. Ele tinha empréstimos estudantis para pagar, então foi fácil contratar seus serviços.

Nas primeiras cinco partidas, usamos um esquema simples de linguagem de sinais. Quando meu oponente e eu nos sentamos, Fishman e seu amigo montaram o próprio jogo numa mesa próxima. Quando meu oponente fazia uma movimentação, eu comunicava a Fishman com uma série de sinais criados para imitar o esforço mental (suspiros, coçadas de cabeça, xingamentos etc.). Fishman, por seu lado, fazia sinais mostrando o movimento correto para mim, usando o mesmo código. Os sinais que usávamos garantiam que Fishman parecia absorvido em seu próprio jogo, quando, na verdade, estava pensando no meu. Nosso sistema parecia óbvio, às vezes. Durante uma partida, meu oponente moveu sua torre por todo o tabuleiro, e eu tive que repetir a palavra "sacana" oito vezes consecutivas, em voz alta.

Meu oponente ficou espantado, mas todos os jogadores de xadrez possuem suas excentricidades, então ele não comentou nada. Eu sempre ficava calmo durante as partidas, mas a pressão sobre o pobre Fishman era intensa. Eu estava pagando muito dinheiro por vitória – diria que o equivalente a uma Bolsa Rhodes –, e no final de cada partida ele ficava ensopado de suor.

Enquanto eu subia a escada do xadrez, tornou-se cada vez mais difícil enganar os outros. As partidas do "Grupo Superior" aconteciam dentro do clube de Xadrez de Harvard – onde só os

membros podem assistir aos jogos –, e Fishman não era membro. Eu consegui colocá-lo no banheiro, mas só podia fazer um certo número de viagens até lá sem as pessoas suspeitarem. Experimentamos com rádios bidirecionais (na época, uma tecnologia nova). Mas isso exigia que eu ficasse fazendo comentários na minha lapela.

“Ah”, eu tinha de falar, inclinando-me para meu microfone do tamanho de um inseto, “vejo que pegou minha torre com seu bispo. Não a torre da esquerda, que estava perto da rainha, mas a outra torre”.

Os jogadores de xadrez não são muito confrontadores. Mas quando cheguei ao número cinco, meus oponentes estavam ficando mais ousados.

“Sabemos que você está roubando”, eles diziam. Ou: “É óbvio que você está roubando”. Ou ainda: “Por favor, Terry, por que não para de roubar?”.

Mas eles não conseguiam provar nada e as partidas continuaram. Na semana final das aulas, eu só tinha que ganhar mais uma para ser campeão. Ele era um desses adoráveis comunistas da Rússia, uma criatura magrela e barbuda, com olhos selvagens e malvados. Não me lembro de seu nome.

Havia vários obstáculos no meu caminho. Nesse ponto, a comunidade de xadrez estava me observando tão de perto que nenhuma das minhas velhas estratégias provou ser útil. O comunista só aceitaria meu desafio se eu me submetesse a uma variedade de condições humilhantes, criadas para frustrar meus esquemas. Íamos jogar numa tenda vazia, que o comunista traria, e nenhuma plateia seria admitida. Eu deveria tirar toda a roupa antes da partida para garantir que não havia anotações e aparelhos eletrônicos. E se eu

saísse da tenda durante a partida, por qualquer motivo, eu seria automaticamente desclassificado.

Eu estava confiante de que pensaria em uma saída. Encontrei-me com Fishman em nosso ponto de sempre, um banco perto do rio Charles. Paguei a ele pela partida anterior e contei sobre a próxima. O encontro estava indo bem, até eu mencionar casualmente o nome do meu oponente final.

– Com *quem* você vai jogar? – ele perguntou, sua gagueira mais pronunciada do que o normal.

Repeti o nome.

Fishman olhou perdido para a água. Sua camisa barata de Oxford, eu percebi, já estava manchada de suor.

– Quer dizer... que você nunca ouviu falar dele? – perguntou.

– Claro que não – respondi. – É um jogador de xadrez.

Fishman começou a contar a “carreira” do homem em um tom baixo e reverente. Veja bem: apesar de o comunista se considerar um revolucionário, tinha aparentemente devotado a maior parte de sua vida em dominar esse jogo de criança. Consequentemente, era muito bom.

– Estudei suas partidas em bibliotecas – contou Fishman. – Quando ele ganhou o torneio mundial em Zurique, a Liga de Xadrez Internacional batizou uma variação com o nome dele. E ele só tinha quinze anos.

Fishman olhou para o horizonte.

– Desculpe – falou. – Não posso ajudá-lo.

– Tudo bem – disse. – Quem você recomenda para ficar no seu lugar?

Ele riu incrédulo.

– Não entende? – perguntou. – Ele é o melhor que há. Não importa quem você contrate. Vai perder, sem dúvida.

Na manhã seguinte, eu me encontrei com o comunista em seu apartamento decrepito. Ele estava organizando algum tipo de reunião. Quando abri a porta, ele estava no meio de algum discurso.

– Deixo você continuar com sua reunião daqui a pouco – falei. – Mas primeiro gostaria de discutir seus termos.

O comunista revirou os olhos e murmurou algo a seus camaradas, que estavam entre os homens mais sujos que já vi.

– São bons termos – falei, cuidando-me para não tocar em nada na sala. – E concordo com todos eles. Com *duas* condições. Primeiro, gostaria de adiar a partida por uma semana.

– Para quê? – ele zombou.

– Para estudar – falei. – Só comecei a jogar há um mês. Tudo é novo para mim.

Ele engoliu em seco.

– Qual é sua outra condição? – ele murmurou.

– Você deve se submeter aos mesmos termos que eu – falei. – Se vou ser revistado, *você* também deve ser. Se não posso deixar a tenda, *você* também não pode deixar a tenda.

O comunista jogou a cabeça para trás e riu.

– Você honestamente acredita que eu trapacearia alguém como você?

Sorri para o comunista e dei de ombros.

– O que posso dizer? Sempre acreditei na justiça.

Apertei a mão do meu oponente, lavei a mão numa fonte próxima e voltei para meu clube. O velho administrador me entregou minha bebida de sempre, mas eu recusei. Ele examinou o copo para ter certeza de que tinha feito a mistura correta e quando viu que tinha, imediatamente perguntou se eu estava doente.

– Estou bem, Claverly – respondi. – Só estou me preparando para uma importante partida de xadrez.

- Há algo que posso trazer ao senhor?
- Sim, na verdade – falei –, alguns livros.
- Sobre xadrez?
- Não – respondi. – Sobre nutrição.

Na manhã da partida, uma pequena multidão se reuniu no Jardim de Harvard. Eram principalmente os membros do Clube de Xadrez, mas havia alguns seres humanos normais também, incluindo um repórter e um fotógrafo do jornal estudantil. O comunista e eu posamos para uma foto na frente da tenda, depois seguimos o presidente do Clube de Xadrez até um banheiro próximo, assim ele poderia nos revistar para ver se tínhamos algum aparelho.

– Você perdeu peso? – ele me perguntou, quando tirei minha camisa.

Dei de ombros.

– Estudando muito, talvez – respondi.

Depois de olhar nossos ouvidos e procurar em nossos corpos algum fio, ele nos levou de volta ao sol, ao Jardim de Harvard, onde a tenda tinha sido armada. Estava vazia, como prometido, exceto por uma mesa e um tabuleiro.

– Podemos pedir um pouco de café? – perguntei ao comunista. – Ou isso vai contra seus termos?

O comunista hesitou.

– Certo – ele concordou. – Café.

O presidente do Clube nos trouxe duas garrafas térmicas de café e colocou-as na mesa, perto da Estatueta do Campeonato. Depois fechou as abas da tenda.

O comunista fez o primeiro movimento – algo com o bispo, acho. Encostei na cadeira, cruzei os braços e sorri para ele.

Dez minutos se passaram.

– Pare de enrolar – ele falou.

– Isso não é xadrez de velocidade – retruquei. – Vou demorar quanto quiser.

Passaram-se outros dez minutos.

– Você só está adiando o inevitável – ele falou. – Faça sua jogada.

Sorri para o comunista e me aproximei.

– Oh, mas eu *estou* fazendo minha jogada – sussurrei. – Estou fazendo exatamente agora.

Seus olhos selvagens viajaram pela tenda.

– Do que você está falando?

Levantei minha garrafa de café e derramei seu conteúdo lentamente, na grama.

– Quem deixar a tenda, por qualquer motivo, perde a partida.

– E?

– *E* eu subsisti a uma dieta de proteínas nos últimos quatro dias. Não consumi nada diurético em uma semana e evitei líquidos e sólidos de todos os tipos por trinta e seis horas. *Você* acabou de tomar toda uma garrafa de café.

Suas sobrancelhas grandes e escuras se fecharam com raiva e choque.

– Você é louco – ele xingou. – É uma pessoa louca.

Eu me encostei na cadeira.

– Vamos ver – falei.

Doze horas depois, movi um peão aleatório, e ele o comeu com seu bispo. Depois se passaram mais quatro horas.

O comunista tentou ao máximo ficar bem, mas obviamente experimentava sérias dificuldades físicas. A cada minuto, ele fechava o punho e fazia umas caretas por alguns segundos. Essas caretas, percebi, estavam acontecendo a intervalos cada vez mais curtos.

- Você é um bastardo – ele acusou. – Um bastardo do inferno.
- Pensei que os comunistas não acreditavam no inferno... – falei.
- Certo – ele murmurou. – Ofereço um empate técnico.

Suas pernas, notei, estavam firmemente cruzadas.

- Por que eu aceitaria? – perguntei. – Estou ganhando.

Algumas gotas de suor escorreram lentamente por sua testa. Podia ver que ele estava pesando suas opções. Teoricamente, podia se aliviar dentro da tenda. Mas e sua dignidade? Ele ainda era um ser humano, afinal, comunista ou não.

Ao completar vinte e duas horas, depois de me olhar pela última vez com desgosto, ele saiu da tenda, as mãos já tentando abrir o barato cinto marrom. Eu saí segundos depois, com o troféu na mão. Foi o momento de maior orgulho da minha carreira universitária. De alguma forma, eu tinha usado minha reputação como um trapaceiro para me ajudar a cometer a trapaça mais suja na história do xadrez!

Todos os espectadores tinham ido embora, exceto o presidente do Clube de Xadrez, cujo rosto estava vermelho de raiva.

– Vamos colocar um asterisco ao lado do seu nome – ele me informou.

- É bom mesmo – falei.

Ele bufou com raiva.

– Então você ganhou um troféu – ele disse. – *E daí?* De que vale um troféu se ele não representa nada?

Eu ri.

– Nada? Meu bom Deus, homem, tenha alguma perspectiva! Há jogos mais importantes neste mundo do que *xadrez*.

— Sim, eu sei, já ouvi um milhão de vezes. Dieta de proteína. Muito esperto.

— Você não gosta dessa história?

— O que tem de mais? — perguntou Elliot. — É vulgar em quase todos os níveis possíveis.

Era o dia da eleição. James tinha me pegado no caminho para a escola, assim poderíamos discutir sobre meu discurso — que Elliot ainda não tinha me mostrado. Eu tinha um monte de perguntas a fazer, mas estava muito nervoso.

— Há um rumor de que Ashley tem algum tipo de surpresa para o final de seu discurso — falei. — O que você acha?

— Não se preocupe com o discurso dela — falou Elliot. — Concentre-se em memorizar o seu.

Ele me entregou umas folhas de papel. Não havia mais do que cinquenta palavras digitadas nela.

— O que é isso? No final?

— É um refrão — respondeu Elliot. — É só repetir isso várias vezes e todo mundo vai segui-lo.

— Tem certeza de que vai funcionar?

Elliot assentiu.

— Refrãos são a ferramenta mais eficiente para controlar as massas. Junto com a propaganda.

— Onde você aprendeu isso?

— Num livro — ele respondeu.

Ele me entregou um boné de Glendale, com o brasão do leão — o mascote oficial da escola.

— Quando você for chamado ao palco, coloque isso — ele ordenou. — Mas *não* coloque antes de começar o refrão.

A limusine chegou à escola.

— Só isso? — perguntei.

Elliot assentiu.

– Só isso.

Elliot tinha prometido “eliminar Ashley”, mas, na manhã da eleição, ela ainda estava concorrendo. Os corredores estavam cheios de seus cartazes amarelos, repetindo seu slogan “Esforço, Energia e Eficiência”. Ela tinha entregado uns broches alguns dias antes da eleição; quando entrei no auditório, percebi que alguns alunos o estavam usando.

– Eu poderia tê-la desclassificado antes da eleição – Elliot tinha explicado. – Mas ganhar por desistência é exatamente o mesmo que perder. Uma vitória não tem significado a menos que você derrote alguém... e derrote de forma humilhante.

Eu entendia sua lógica. Mas ainda não via como poderia derrotar Ashley, não importava quão bem o discurso de Elliot estivesse escrito.

Minha confiança diminuiu ainda mais quando seu nome foi chamado e ela marchou até o palco parecendo cautelosamente confiante numa roupa de adulto. Seu discurso era cheio de fatos, estatísticas e várias palavras sérias. Ela estava tentando olhar diretamente para o maior número de pessoas possíveis e isso fazia com que seu rabo de cavalo ficasse balançando atrás dela, como um pêndulo.

– Se melhorarmos o número de vendas de bolos em vinte por cento – ela falou. – E redirecionarmos nossos fundos, poderíamos aumentar muito o número de eventos de recreação.

A maior parte de seu discurso era difícil de acompanhar, já que eu não sabia nada de governo estudantil. Mas meus ouvidos ficaram mais animados quando ela chegou ao final.

– Há um rumor de que planejei uma surpresa para vocês hoje. O rumor é verdadeiro! Nos últimos anos, muitos candidatos prometeram um placar. Sempre achei que era uma ideia realmente divertida e estou muito animada em anunciar que com a ajuda do sr. Hendricks e a generosidade de Shamba Electronics, eu consegui um!

Um electricista careca com macacão verde entrou pela porta lateral.

– Desculpe o atraso – ele sussurrou na ponta do palco.

– Tudo bem – disse Ashley. – O senhor chegou bem na hora.

Ashley ficara olhando o relógio durante seu discurso. Eu assumi que era para ter certeza de que ela não excederia seu limite de cinco minutos. Na verdade, ela estava esperando que seu placar chegasse. Não pude deixar de me sentir traído. Não me importava se o sr. Hendricks estava torcendo para Ashley, mas ele não precisava ajudá-la a arranjar um *placar*.

O electricista trouxe uma grande lousa negra coberta com um pano branco até o palco e todo mundo começou a aplaudir. Os professores tentaram esconder sua animação, para serem justos, mas poucos segundos depois, estavam batendo palmas, acho até que um deles assobiou. Procurei por Elliot na plateia; ele estava sentado no fundo, com uma expressão impassível no rosto.

Olhei para meu discurso. Por sorte, era curto. Tudo que precisava fazer era ir até lá, repeti-lo e ir embora. Falei para mim mesmo que seria embaraçoso perder, mas não era vergonhoso ser derrotado por alguém como Ashley. Ela tinha trabalhado tão duro por tantos meses e claramente queria isso mais do que eu. Provavelmente tinha

dedicado muitas horas àquele placar, embora o sr. Hendricks deva ter feito a maior parte da burocracia.

Eu já estava ensaiando como ia dar a notícia para meus pais quando o eletricista me olhou – e acenou com a cabeça. Ele saiu pela porta antes que eu pudesse olhar para seu rosto. Mas até com a careca e o bigode, eu tinha certeza: era James.

– Senhoras e senhores – anunciou Ashley. – Sem esperar mais, apresento o novo placar do *Glendale Lions*!

Ela puxou o pano; o aplauso gradualmente foi morrendo. Não conseguia ver o placar de onde estava sentado, mas dava para ver a cara de Ashley: estava pálida e os olhos tinham uma expressão de horror. Alguns garotos começaram a rir. A risada se espalhou como uma reação em cadeia por todas as fileiras do auditório. Ashley procurou freneticamente o eletricista, mas claro que ele já tinha ido embora.

Virei o pescoço e dei uma olhada no placar. Estava totalmente em branco, exceto por um gigantesco tigre e as palavras “Avante West Side Prep”.

Ashley murmurou algo sobre um erro e voltou para sua cadeira. Aí o diretor bateu seu martelo, para acabar com o tumulto e anunciou meu nome. Eu repassei o discurso mais uma vez, coloquei-o no bolso e caminhei até o pódio.

– Não fiz tantas pesquisas quanto minha oponente – comecei. – E não tenho tanto conhecimento sobre política escolar. Mas tem uma coisa que eu sei: os Lions são os melhores!

Coloquei o boné e comecei a repetir o refrão.

– Lions... Lions... Lions...

– Lions! – gritou Elliot, abafando a voz com um lenço. – Lions!

Um par de outros garotos também se acrescentou ao coro, inclusive Lance, e, em pouco tempo, todo mundo estava cantando.

Todo mundo exceto Ashley, claro. E continuei cantando enquanto ela saía em silêncio pela porta e corria para a solidão do banheiro.

—Parabéns – cumprimentou Lance. – O discurso foi ótimo. Ele fechou o punho e eu dei um soquinho, mas fui muito desajeitado.

– Tenho uma boa ideia para uniformes de basquete – ele continuou. – A gente se senta para almoçar amanhã e eu te conto.

Elliot e eu descemos as escadas, até o hall de entrada. Eu me sentia culpado pelo que tinha acontecido com Ashley, mas não havia muito tempo para pensar nisso. Muitas pessoas estavam me cumprimentando por minha vitória.

– Como você sabia que isso funcionaria? – perguntei a Elliot.

– As pessoas são animais – ele explicou. – Tudo que você precisa fazer é tratá-los como...

– Ei, Seymour!

Eu me virei e Jéssica estava na minha frente, com shorts amarelo e top decotado. Um professor tinha entregado um blusão e uma calça de moletom durante a reunião, mas, evidentemente, ela não tinha trocado de roupa. Jogou as roupas de ginástica numa cadeira e me abraçou.

– Parabéns! – ela falou. – Tenho algumas ideias para bailes, vamos conversar logo!

Ela pegou as roupas e foi caminhando até o banheiro, virando-se uma vez para sorrir para mim.

– Oh, meu Deus – falei.

– Ouça – disse Elliot. – Agora que você vai sentar na mesa do Lance, preciso lhe ensinar algumas estratégias básicas de poder.

– Você viu aquilo? – perguntei.

– Sempre sente-se à *esquerda* do Lance. Se você se sentar à direita, ele nunca vai considerá-lo uma ameaça real. Isso existe desde os dias do combate mano a mano. Se você estiver segurando uma espada na mão direita, vai querer que seus rivais estejam à sua esquerda, para facilitar a destruição deles com sua espada.

– Não posso acreditar que ela quer conversar comigo sobre bailes! Você acha que isso significa que ela vai ligar pra mim?

– Se o Lance começar a contar uma história, levante-se e vá ao banheiro sem dizer nada. Sei que isso não *parece* muito agressivo, mas confie em mim, vai mandar uma mensagem. E nunca vire sua bandeja de lado! A mesa é um pedaço de território; você precisa disputá-la o máximo possível.

Foi quando eu pensei: Elliot ficaria sozinho na terceira mesa.

– Ei – falei. – Por que não se senta conosco amanhã?

Elliot parou no ato.

– O quê?

– Vamos lá – incentivei. – Aposto que vão deixar. Quero dizer, se eu contar que você é meu amigo e coisa e tal, tenho certeza de que consigo um canto pra você.

Os olhos de Elliot se entrecerraram.

– *Você... consegue um canto... para mim?*

– Claro – respondi –, por que não?

Elliot cerrou os dentes e, tenso, respirou pelo nariz. Comecei a pedir desculpas, mas antes que pudesse falar algo, ele se virou e saiu para a rua. Estava andando tão rápido que duvido que tenha notado Ashley, parada perto de sua limusine, olhando para o rosto no banco do motorista.

– É maravilhoso! – exclamou minha mãe. – sr. Presidente da Nona Série!

– Vai ser uma loucura – disse meu pai. – Lembre-se: o poder corrompe!

Ele e minha mãe começaram a rir, mas foram logo interrompidos pelo toque do telefone. Minha mãe foi até a cozinha atender.

– Talvez seja a Jéssica – falei.

Meu pai olhou para mim, chocado.

– Quem é Jéssica?

– Só uma garota que conheço.

Meu pai engasgou – ele estava bebendo um copo de água.

– Quer saber uma coisa? – ele falou, depois de ter se recuperado.

– Estou superorgulhoso de você. Quando eu tinha sua idade, nunca tive a maturidade para me impor assim. E agora você está conhecendo novas pessoas, fazendo novos amigos.

– Lance disse que eu poderia me sentar com ele amanhã no almoço – contei.

– Que ótimo – disse meu pai. – Ele é legal?

Dei de ombros.

– É provavelmente o cara mais importante da turma.

Ele olhou para mim. Não falamos mais nada até minha mãe voltar e começar a limpar os pratos.

– Quem era? – perguntei.

– Nada – ela respondeu, forçando uma risada estranha. – Foi só... algo louco.

Ela revirou os olhos.

– Era a *mãe* da Ashley – falou.

– O que ela queria? – perguntou meu pai.

– Ah, é simplesmente ridículo. Ela acha que você e Elliot organizaram algum tipo de... nem quero falar, é tão impensável.

– Organizaram algum tipo de quê?

– *Não sei* – ela falou. – Uma *conspiração* ou algo assim. Algumas pessoas simplesmente não sabem perder.

Ela sorriu para mim.

– Seymour, você não sabe do que essa mulher está falando... sabe?

Do outro lado da mesa, meu pai olhou para mim.

– Sabe? – ele perguntou.

– Não! – respondi. – Claro que não.

Peguei outro pedaço de carne do prato, num esforço para parecer casual, mas eles continuaram olhando para mim enquanto eu cortava a carne, com uma expressão que nunca tinha visto antes. Não percebi, até estar a ponto de engolir, que tinha pegado o último pedaço.

Vá para a Prisão

Formulário para Harvard (trechos)

Nome: Seymour Herson

Lugar de Nascimento: Nova York

Escola Atual: Glendale Preparatory School, Décima segunda série

Nota Média: 10

Etnia: Caucasiano, Nativo-americano (ver suplemento "Documento Oficial Tribal Nativo Genízaro")

Ocupação Principal do Progenitor: Professor Associado de Economia, escritor pela editora Bishop

Por favor, liste suas principais atividades extracurriculares e *hobbies* na ordem de seus interesses. Inclua eventos específicos e/ou grandes conquistas.

Atividades	Ano/s Envolvido/s	Horas/ semanais	Descreva Detalhes
Atividades antiasbestos	9, 10, 11, 12	20	Servia à comunidade
Presidente da classe	9,10, 11, 12	20	Desenvolvimento de habilidades de liderança

Pesquisa independente no laboratório	9, 10, 11, 12	4	Tentativa de curar a doença Pasternak-Schwarzschild
Pintor	9, 10, 11, 12	20	Composição de trabalhos abstratos (ver suplemento "Green Waters")

Já foi declarado responsável por alguma violação disciplinar?

Não.

Já foi condenado por algum crime?

Não.

Por favor, escreva um ensaio sobre um tópico de sua escolha. Esse ensaio nos ajuda a conhecê-lo melhor como pessoa, além dos cursos, notas e resultados de provas.

"Um colar de esperança", por Seymour Herson

Quando as pessoas me dizem que é impossível fazer algo importante e que eu deveria abrir mão da esperança neste mundo, fecho meus olhos e penso no maior professor que já tive. Ele não me ensinou como resolver equações ou escrever bibliografias. Na verdade, ele nem podia ler ou escrever. Mas eu aprendi o suficiente com ele a ponto de encher centenas de livros. Sua classe era a rua. E sua aula? Era a vida.

Para a maioria das pessoas, Hal Sagal era somente um mendigo típico. Um "vagabundo" ou "nômade" a ser ignorado, cuspidado e esquecido. Mas quando o conheci, embaixo de uma ponte, eu percebi que existia uma grande sabedoria por trás de seu rosto duro e rubicundo.

Meus colegas de classe falavam que eu estava louco.

– Por que você passa tanto tempo com esse homem? – eles perguntavam. – É só um sem-teto.

Só um sem-teto. O que eles sabiam sobre as guerras em que Hal havia lutado? Ou dos animais de que ele cuidava, embaixo de sua ponte, até ficarem bem de saúde?

É fácil tornar-se cínico neste mundo. E houve um tempo em que eu teria escutado meus colegas e virado as costas para Hal. Mas isso foi antes de ele adoecer e me ensinar sua lição mais importante.

Passei três meses ao seu lado durante aquele cruel inverno, levando comida, cobertores e, talvez o mais importante, uma mão amiga.

– Por favor, deixe-me levá-lo ao hospital! – eu pedia. – Ou, pelo menos, avisar as autoridades!

Mas ele negava com sua cabeça sábia e sorria. No começo, eu não entendi. Mas agora entendo: quando se vive uma vida tão completa quanto a de Hal, você não tem nada a temer.

Pouco antes de Hal falecer, ele tirou seu colar de madeira e apertou-o contra a minha mão. Pode não ser um acessório descolado, mas vou usá-lo com orgulho pelo resto da minha vida.

É o meu diploma.

Recomendação acadêmica

Em todos os meus anos como professor de francês, nunca vi um estudante passar por uma transformação tão dramática quanto a de Seymour. Quando ele entrou pela primeira vez na minha classe, na sétima série, estava tão atrás dos outros estudantes que eu escrevi uma carta para seus pais encorajando-os a que fizessem testes para dificuldades de aprendizado. Ele sempre ia mal nas provas, incluindo testes básicos de vocabulário com substantivos simples.

Em algum momento da oitava série, no entanto, Seymour "virou a mesa". De maneira inesperada, que ainda não consegui entender totalmente, ele se transformou de um estudante fraco a uma estrela.

Seymour tem um domínio natural do francês raramente encontrado fora da França. Não são somente as notas de suas provas – que são imaculadas –, mas também seus instintos de conversação. Nas provas orais, ele parece saber instintivamente o que eu pretendo perguntar, antecipadamente. Em várias ocasiões neste ano, ele me deu a resposta correta antes mesmo de eu terminar de ler minha pergunta! Se isso não é fluência, não sei o que é.

Seymour é um linguista tão talentoso que eu às vezes me preocupo se minhas aulas não atrapalharam seu progresso. Ele me confessou em particular que se sente desconfortável falando espontaneamente na aula, porque não quer deixar seus colegas embaraçados com uma amostra de sua fluência superior. Espero que em Harvard ele encontre um ambiente melhor para seus talentos.

*Sinceramente,
sr. Hendricks
Recomendação externa*

*Eu gosto dele.
– T. Allagash*

Certifico que todas as informações apresentadas neste processo de admissão – incluindo o formulário e o ensaio pessoal – foram feitas por mim, são verdadeiras e apresentadas honestamente.

Assinatura: Seymour Herson

Decisão: Aceito.

— Ei, Elliot? O que significa rubicundo?

— Não significa nada. É uma palavra sem sentido.

— Deixa disso. Deve significar *algo*.

Elliot poliu seu taco e encaçapou uma bola.

— Você quer saber o que significa rubicundo? — disse Elliot. — Significa: “Eu sei o que significa rubicundo”. É *isso* que significa!

— Não posso acreditar que eles acreditaram nesse ensaio. Não poderia ser mais ridículo.

— O que você esperava? — disse Elliot. — Os formulários de faculdade se transformaram em meros exercícios de autodegradação! Um humilhante pedido de desculpa de uma classe média liberal que se sente culpada por um poder que eles só *pensam* que possuem! Enfim... parabéns.

Caminhei até o elevador.

— Quer uma bebida?

— Já tomei várias — ele respondeu.

Eu assenti e pedi um uísque, num copo alto, com limão.

— Ei, Elliot, você pode me conseguir um quarto individual no ano que vem? Aqueles dormitórios perto do jardim parecem pequenos.

— Tenho quase certeza de que são designados aleatoriamente.

— *Aleatoriamente?*

Ri.

— Vamos lá, Elliot, sempre tem uma solução. Que tal alguma deficiência? Poderíamos dizer que tenho Crohn.

— Acho que eles notariam que você chegou à escola sem a doença.

— Se eu for pego, poderíamos culpar um erro de diagnóstico! Pagar algum médico pra falar que ele confundiu os resultados!

Elliot sorriu orgulhoso.

– Quanto está o jogo? – ele perguntou.

– Acho que estamos empatados – respondi.

– Quem diria?

O elevador subiu com minha bebida, acompanhada de uma grande cesta de doces.

– Esse maldito *chef* – murmurou Elliot. – É o maior lambe-botas que meu pai já contratou.

Peguei um *croissant* e dei uma mordida na casca quente e macia. Um jato de chocolate tomou conta da minha boca. Era tão gostoso que tive de me sentar. Já conhecia Elliot havia quatro anos, mas de vez em quando ainda ficava chocado pelos luxos que o cercavam.

– Novo *chef*? – perguntei.

Elliot suspirou.

– É uma história longa e ridícula – ele falou.

Dei outra mordida no *croissant* e esperei que Elliot me contasse.

– No ano passado, depois do segundo ataque cardíaco de Terry, seus médicos exigiram que ele tivesse um *personal trainer* em tempo integral. Ele acabou contratando um alemão, para que os médicos parassem de encher o saco – um ex-medalista olímpico chamado Dolf. Mas, no mesmo dia, contratou Passard.

– Quem?

– Jacques Passard. É sem dúvida o melhor *chef* confeitoiro de sua geração.

– Jesus – falei, a boca cheia de migalhas. – Esses caras se conhecem?

– Está brincando? – disse Elliot. – O *hobby* favorito de Terry é incitar um contra o outro. Eles *vivem* no mesmo apartamento. Sem interrupções.

Eu terminei o *croissant* e peguei outro.

– Terry paga um modesto salário-base para os dois – explicou Elliot. – Mas o grosso da renda deles vem em forma de bônus baseado no desempenho.

– Como assim?

– A cada mês, Terry vai ao apartamento deles e assina um cheque enorme. Depois sobe na balança. Se perdeu peso desde a última visita, dá o cheque a Dolf. Se ganhou peso, dá a Jacques.

– Então, eles vivem em guerra constante.

Elliot assentiu.

– Você deveria ver a cara do Dolf quando Jacques faz merengue. Seu rosto brilha e os músculos parecem querer estourar no pescoço. Esses dois homens se odeiam mais do que você pode imaginar.

Enquanto Elliot organizava o jogo seguinte, me ocorreu que nunca tinha mencionado nenhum dos ataques cardíacos do pai. Queria perguntar se tinham sido sérios, mas, claro, sabia que não devia.

Ofereci um doce a Elliot; ele negou com o movimento de mão de sempre. Fiquei imaginando se Elliot tinha sua própria equipe de médicos. Se tivesse, era claro que não estava dando ouvidos para nenhum de seus conselhos. Sempre que eu o visitava, ele parecia menor e mais fraco do que antes. Por um tempo, assumi que era uma ilusão de óptica. Eu estava passando por um drástico estirão e todo mundo na classe parecia estar diminuindo. Mas ninguém estava diminuindo tão drasticamente quanto Elliot. Ele normalmente usava uma roupa nova todo dia, mas, de vez em quando, eu reconhecia um par de calças de dois ou até três anos atrás. E, uma vez, eu podia jurar que o vi usando o mesmo par de botas que havia usado no primeiro dia em Glendale, lá na oitava série. Era possível, às vezes pensava, que ele não tivesse mudado em nada.

Elliot deu a volta e aproveitou a oportunidade para repetir a palavra “rubicundo”, assim eu não a esqueceria. Em algum momento, no final da oitava série, eu tinha começado a carregar um pequeno caderno vermelho no meu bolso. Elliot sempre sabia quando o sr. Hendricks ia fazer suas provas e eu queria ter as datas à mão, assim saberia quando estudar. Em pouco tempo, eu estava escrevendo as perguntas também – e, depois disso, não demorou muito para copiar as respostas. Não me sentia culpado. O francês era, obviamente, uma língua inútil. No mínimo, colar estava *melhorando* minha capacidade de aprender, ao permitir que me concentrasse nas outras matérias, mais importantes.

No décimo ano, eu estava colando em todas as matérias, incluindo, de alguma forma, cerâmica. E, no último ano, estava enchendo o caderno com informações que não tinham nada a ver com a escola. Havia resumos de livros que eu devia ter lido, significados dos quadros que eu devia ter criado, a enciclopédia de doenças que eu devia estar tentando curar e uma chocante lista de sem-tetos com quem eu supostamente tinha uma relação de amizade. O caderno se tornou tão incriminador que eu desenvolvi o hábito de revistar meu bolso a cada minuto, para garantir que ainda estava comigo. Queria destruí-lo, mas não conseguia: havia muita coisa importante nele.

Ocasionalmente me sentia culpado por meu sucesso, mas, no geral, parecia merecido. Eu tinha trabalhado duro para isso. Perpetuar tantas mentiras era difícil, e eu estava fazendo tudo sozinho. Ou *a maior parte* sozinho.

Recebi uma ligação no meu celular, e apesar de Elliot estar debruçado sobre a mesa de bilhar e meu telefone estar no vibrador, ele notou.

– Não atenda – ele mandou.

Esperarei até o celular parar e abri para ouvir a mensagem de voz.
– Viva voz – exigiu Elliot.

Eu coloquei o telefone na mesa e ouvimos juntos, em silêncio.

"Ei, cara. Sei que já deixei uma mensagem, mas queria ter certeza de que você soubesse que a festa ainda tá rolando. Sei que provavelmente deve estar ocupado, mas todo mundo fica perguntando onde você se meteu, então acho que querem te ver. Bom, se precisar do endereço, é só ligar."

Eu peguei o telefone e estava a ponto de ligar – quando Elliot estalou seus dedos.

– O que você acha que está fazendo?

– Retornando para o Lance – respondi. – É a terceira vez que ele liga.

– Mais um motivo para ignorar suas ligações! Quero dizer, honestamente, você percebe como é patético?

– Bom, sim, mas... é o aniversário dele.

– Se ele não tivesse ligado ou convidado, então *talvez* sua festa valesse a pena.

– Então eu só deveria ir a festas para as quais as pessoas não me convidam?

– Você não deveria ir a festa *nenhuma* – respondeu Elliot. – Se conseguir.

– Eu prometi que ia – contei. – O que vou dizer a ele?

– Nada – respondeu. – Quanto mais evasivo você for a respeito de suas atividades, mais impressionantes elas parecerão às pessoas. Já falamos sobre isso mil vezes.

– Mas se eu nunca for a festas, as pessoas não deixarão de me convidar? Tipo, é a metade do último ano e ainda não fui a nenhuma.

– Claro que não foi a nenhuma – ele explicou. – Você é muito popular.

Eu ri.

– Nunca saio com ninguém, Elliot, nunca. Sou popular só no papel.

– Que outro tipo de popularidade existe?

Ele rabiscou um bilhete e jogou no elevador.

– Vou mostrar algo – falou. – É o artefato mais desejado e invejado em toda a coleção Allagash.

– Pode me mostrar depois da festa?

Ele me ignorou e girou a roda. O elevador fez um barulho ao chegar no andar de baixo e alguns segundos depois ouvi o som de passos agitado, seguida por uma série elaborada de cliques e estalos.

– A gente mantém isso escondido – explicou Elliot.

Houve mais alguns cliques e estalos. Aí, a roda começou a girar na direção oposta – e o elevador voltou com uma caixa.

Elliot deu um longo e preguiçoso gole em seu martíni. Eu percebi que ele estava enrolando de propósito.

– Vamos lá – pedi, finalmente. – O que tem aí?

Ele deu outro lento gole e depois, finalmente, abriu a caixa.

Continha uma pequena e pesada chave oxidada. Era verde-escura com manchas marrons, mas dava para ver que tinha sido dourada ou prateada.

– Você já ouviu falar do Clube dos Sete Círculos? – ele me perguntou.

– Claro que não – respondi.

– Então ouça bem – ele falou. – E sem interrupções.

Antes de ser completamente destruído no Grande Incêndio de 1835, o Clube dos Sete Círculos dominou a cena cultural de Nova York. Havia muitos proeminentes clubes de cavalheiros naqueles dias. O Clube Excelsior era tão rico que dois dos funcionários que limpavam os banheiros se tornaram conhecidos filantropos depois da aposentadoria. E o Clube Vanitas era tão velho que seu endereço – Rum Way, 24 – não está ligado mais a nenhuma rua. Mas o Sete Círculos era mais velho e mais rico do que todos eles – e muito mais exclusivo. O *status* de um clube é normalmente medido pelo número de nomes importantes que atrai. Mas o Clube dos Sete Círculos era tão famoso pelas pessoas que deixava entrar quanto pelas que rejeitava. Nos primeiros dez anos de funcionamento, a diretoria tinha rejeitado três milionários, cinco senadores dos Estados Unidos, o homem que curou o escorbuto, Lewis e Clark, e o único filho de George Washington.

– Por que o rejeitaram? – perguntei.

– Porque o pai dele era fazendeiro – respondeu Elliot.

O Sete Círculos ocupava um prédio em formato de cúpula, que originalmente fora a mansão de Peter Stuyvesant. Era formado por sete círculos concêntricos, um dentro do outro, como os anéis de Saturno. A parte mais externa era tão decadente quanto qualquer clube em Nova York, Paris ou Londres. As paredes circulares estavam tomadas de grandes obras da Renascença. Mordomos com uniforme circulavam continuamente, oferecendo aos membros gim britânico e cigarros importados da Turquia. Mas “o primeiro círculo” era praticamente monástico comparado com o “segundo círculo”. Dos quarenta membros do clube, somente vinte tinham as chaves

da gigantesca porta de latão que levava à sala em forma de anel seguinte.

Dentro do compartimento seguinte, membros eram tratados com absinto francês, cocaína brasileira e uma exibição de quadros *verdadeiros* da Renascença. (Os quadros do primeiro círculo, na verdade, eram excelentes falsificações – uma brincadeira com os membros menos prestigiosos do clube.)

Somente dez membros tinham chaves para o terceiro círculo. Era todo de vidro e repleto de relíquias cristãs e, ao contrário, dos dois primeiros círculos, não tinha nenhum funcionário. Era dentro *desse* círculo que os membros aprendiam a verdadeira missão do Clube dos Sete Círculos: rejeitar o mal e abraçar a Cristo. A sala estava cheia de genuflexórios de granito, assim os membros podiam suplicar e orar pelos pecados que tinham cometido antes de ascender ao terceiro círculo.

O quarto círculo era uma sala de ópio. Os cinco homens com chaves fumavam cachimbos de rubi, dormiam com prostitutas do Oriente e se congratulavam pela hilária piada que tinham criado para os tontos que ainda estavam no terceiro círculo.

A quinta sala era feita de madeira das palmeiras da Judeia, que estavam extintas desde o tempo de César. A sexta sala, e isso era previsível, era feita de *verdadeiras* palmeiras da Judeia. E a sétima sala – bom, essa estava aberta a debate. Um ministro contemporâneo afirmava que continha um pedaço da verdadeira cruz. E uns dois cientistas da Universidade de Columbia insistiam que continha o último pássaro dodô vivo, ainda vivo, mas tendo que se virar com uma dieta baseada principalmente em gim. Havia muitos rumores, mas o único homem que conhecia seu conteúdo com certeza, o único membro do Sete Círculos que possuía a

cobiçada sétima chave era o próprio fundador, o ancestral de Elliot – o primeiro Allagash norte-americano!

– Então, o que havia na sétima sala?

– Um *banco* – anunciou Elliot triunfante. – Feito de madeira.

– Madeira extinta?

– O quê? Não. Madeira comum.

– Ah.

Elliot piscou algumas vezes, exasperado pela minha reação.

– Não entende? – ele falou. – O conteúdo era irrelevante! A única coisa que importava era a espessura das paredes, a impregnabilidade das fechaduras! Quatro homens diferentes tentaram assassinar Cornelius só para conseguir a chave. Dizem que *ele mesmo* começou o Grande Fogo, para ter certeza de que seu clube queimaria antes que alguém descobrisse a verdade. Ele passava oito horas por dia naquela pequena sala, ganhando poder e prestígio a cada segundo, só ficando sentado ali! *É assim* que se joga!

Imaginei o ancestral de Elliot sentado sozinho no escuro, cercado por sons de risos e copos.

– Não seria mais divertido ficar em outra sala? Como a que tinha ópio?

Elliot jogou a chave de volta no elevador e se sentou, exausto.

Lance ligou de novo e meu telefone saiu pulando na mesa de madeira.

– Vá em frente – permitiu Elliot, sem fôlego. – Que me importa?

—Continue em frente – falei ao taxista.
— Aqui é a 76 com a Lex – ele disse.
— Ähn... eu quis dizer a rua 75.

Saí do taxi, fiquei atrás de uma árvore e vi meus colegas de classe entrando e saindo da casa do Lance. Eram 2h45 da manhã, mas a música ainda saía alta pela janela do segundo andar. Lance tinha convidado a sala inteira e quase todo mundo tinha vindo.

Era convidado a muitas festas, mas Elliot sempre me convencia a não ir. Eu discutia de vez em quando, mas ele sempre tinha argumentos. Falava horas sobre a “pouca importância” dos outros convidados, referindo-se a eles como “animais” e “animais do lixo”. Normalmente, quando terminava de expor seus argumentos, era muito tarde para ir a qualquer lugar e eu passava a noite na casa dele.

Mas Elliot não conseguiu impedir que eu fosse à festa de aniversário do Lance. Era o maior evento do ano. Ele tinha distribuído convites. Se eu não fosse a essa, a qual iria? Na escola, minhas interações sociais consistiam principalmente de pessoas se aproximando nos corredores e me cumprimentando por coisas (como ser reeleito como presidente da classe, entrar em Harvard ou salvar a vida de um sem-teto). Elliot tinha mandado que eu ficasse o mais distante possível do corpo estudantil – e eu entendia sua lógica. Mas às vezes, enquanto corria pelos corredores, eu ouvia duas pessoas rindo por algo que tinha acontecido numa festa e me sentia excluído, apesar de ter sido convidado.

Olhei meu cabelo no retrovisor de um carro estacionado e saí atrás da árvore. Alguns dos meus colegas estavam sentados nos degraus da entrada, trocando números de celular com alunos de escolas diferentes. Eu até reconheci o pessoal de outros graus – até

alguns do nono ano. Uma festa deveria ser muito legal se tinha até gente do nono ano.

Olhei de novo meu cabelo. Tinha recentemente começado a ir ao cabeleireiro do Elliot, um cara de Milão. Dava para ver que ele tinha feito um bom corte, porque demorou quatro horas, e quando terminou, seus assistentes tiraram fotografias. Mas eram um corte realmente difícil de manter. Eu devia passar um pouco de gel nas laterais toda manhã e precisava ir ao instituto de beleza todo sábado para uns retoques.

Eram quase três da manhã. Se eu aparecesse na festa tão tarde, o pessoal na entrada iria me perguntar onde eu tinha estado. Seria necessário uma resposta muito excitante para justificar um atraso tão extremo. Talvez eu pudesse falar que estava em outra festa incrível? Ou que tinha ficado lendo algum livro importante? Mas e se me fizessem algumas perguntas sobre isso? Não sabia de nenhuma outra festa acontecendo naquela noite e não havia lido nenhum livro em meses. Voltei para trás da árvore, para pensar.

A verdade era que a festa do Lance estava quase acabando. Seria besteira aparecer quando todo mundo estava indo embora. Uma coisa estava clara: não dava para ficar onde eu estava por muito mais tempo. Se alguém me visse escondido, a noite seria uma catástrofe total. Meu estômago doeu: e se já tivessem me visto? E se estivessem me espiando justo agora?

Peguei meu celular e fingi fazer uma ligação – então se as pessoas *estivessem* olhando, pensariam que eu estava falando sobre algo importante.

– Tudo bem – imaginei um dos convidados falando. – Eu estava errado: ele não está se escondendo atrás da árvore. Só está falando ao telefone, antes de entrar na festa.

– Ah, com certeza. Esse Seymour é um cara realmente ocupado, não?

– É. Por isso que sempre chega tarde às festas, ou nem vai.

Eu levantei minhas sobrancelhas e assenti solenemente.

– Olhe isso. Ele acabou de ouvir alguma notícia importante.

– Fico imaginando com quem ele está falando. Provavelmente alguém importante, se é tão tarde. Tipo, uma celebridade.

– Ei, olha isso... ele está indo embora.

– Está indo *rápido*.

– Acho que ele tem algo importante para fazer e não pode esperar um segundo.

– Isso é muito ruim. Eu estava realmente querendo conversar com ele.

– É. Eu também.

Minha respiração voltou para seu ritmo normal enquanto a música diminuía atrás de mim. Eu corri e virei a esquina, enfiando o celular no bolso. Que droga tinha acabado de acontecer?

– Seymour?

Lance jogou fora o cigarro enquanto Jéssica me abraçava.

– Não acredito que não te vimos! A gente saiu pra fumar.

– A gente deve ter perdido a noção do tempo – disse Lance, com um sorrisinho.

Lance tinha sido aceito em boas faculdades, eu ouvi dizer, mas havia rejeitado todas para jogar basquete em um time da Segunda Divisão. Ele ainda era o cara mais alto da classe. E apesar de eu estar me aproximando, ainda precisava olhar para cima.

– Então – ele continuou –, como está minha festa?

– Ótima! – respondi. – Realmente... ótima.

Jéssica se levantou do banco e segurou o braço de Lance.

– Você viu o Lance tocar?

– Minha banda tocou algumas músicas – ele falou. –
Principalmente covers.

– Foi ótimo – disse Jéssica. – E eles distribuíram *camisetas*.

Ela se virou algumas vezes para mostrar a que estava usando. Era rosa choque e parecia feita para um bebê. Ela estava usando um piercing novo no umbigo.

Os professores não puniam mais Jéssica por suas roupas. Monitorar suas violações do código tinha ficado muito exaustivo e então eles simplesmente desistiram. Jéssica ainda dava um jeito de ficar de castigo de vez em quando, no entanto, sempre com a ajuda de Lance. O casal recebeu sua primeira citação por DAP (“demonstração de afeto em público”) na nona série. No último ano, eles tinham acumulado tantas que sempre que um professor gritava “Ei!” no corredor, os estudantes instintivamente olhavam para eles para ver o que estavam fazendo.

– Mudamos o nome da nossa banda – disse Lance. – Somos *The Fuzz* agora.

– É um nome legal – elogiei.

– Eu *falei* pra você – sussurrou Jéssica para ele.

Lance revirou os olhos, evidentemente chateado por Jéssica ter me dado a autoridade em nomes de bandas.

– Não sei – ele falou. – Pode ser que mudemos de nome outra vez.

Tentei não olhar quando Lance enfiou a mão na parte de trás dos jeans de Jéssica. Ele tinha começado com apenas a ponta dos dedos, mas agora a maior parte de sua palma estava inserida. Minha garganta se ressecava e se fechava enquanto eu via como ele ia se enfiando cada vez mais. Em algum momento, percebi que Jéssica estava falando algo para mim.

– Como tá indo a pesquisa?

– O quê?

– Cê sabe – ela continuou. – A pesquisa para aquela doença? A que você tá tentando curar?

– Ah – falei. – É, sabe como é... é complicado.

Jéssica assentiu solene. Dava para ver que ela me respeitava, ou, pelo menos, respeitava as conquistas que eu afirmava ter conseguido. Mas eu ainda ficava tão nervoso perto dela como na oitava série. Tinha tantas mentiras na minha cabeça, e sempre que ela falava comigo, eu temia que todas fossem descobertas.

– Provavelmente é algo grande demais pra gente entender – ela disse.

Não sabia como responder, então fiquei apenas olhando para ela em silêncio.

– Bom, estamos todos torcendo por você – disse Lance, puxando o braço de Jéssica. – Ouça, a gente tem que voltar...

– É – concordei. – Não... eu preciso ir. Tenho muitas coisas pra fazer.

Apertei as mãos deles desajeitadamente e fiquei olhando virarem a esquina, de mãos dadas. No momento em que desapareceram da minha vista, meu telefone começou a tocar. Nem precisei olhar o visor: quem mais poderia ser?

– Como estava a festa do Lance? – ele perguntou. – Tranquila e divertida?

Pensei por um momento em mentir para ele. Mas ele já tinha começado a rir – um cacarejo alto e insano – e era evidente que, de alguma forma, ele já sabia exatamente o que tinha acontecido.

O pino do meu pai estava de lado, congelado em sua pose final e patética. Um cinco e um seis tinham enviado seu pino direto pelo tabuleiro, de suas pacíficas casinhas em Water Works até o hall do Hotel Boardwalk. Suas notas eram uma pilha desorganizada e multicolorida. Não havia por que contar: ele estava arruinado.

Eu podia ver meu pai mexendo os dados em sua palma, pedindo a Deus por um par de seis – como segurava a respiração em silêncio enquanto eles voavam pelo tabuleiro – e depois minha mãe, ficando de pé, rindo, batendo palmas e exigindo seus dois mil dólares. Ela ficou se vangloriando por um ou dois segundos – e depois mudou completamente, beijou meu pai no rosto e xingou o azar dele.

Eu tinha abandonado as noites de Banco Imobiliário durante o ensino médio, mas meus pais ainda jogavam toda sexta-feira. Eles sempre deixavam o tabuleiro montado até sábado de manhã, caso eu quisesse ver como o jogo tinha terminado. Eu passava direto quando entrava em casa, chateado por eles pensarem que eu me importava com algo tão infantil. Mas, nas últimas semanas, ficava estudando o tabuleiro, às vezes por muito tempo, tentando entender o que eu havia perdido.

Passei pela sala e fui até o corredor. Era um apartamento novo, com mais quartos do que o último e eu ainda estava me acostumando com todos os interruptores de luz. Bati algumas vezes na parede, depois desisti e fui andando com os braços esticados, como um cego. Em poucos segundos, senti algumas das caixas de fotos que minha mãe estava pendurando aos poucos. Xinguei, bati na parede e fui me arrastando até meu quarto.

Quando encontrei o interruptor, meus pais estavam parados na minha porta.

– Está tudo bem?

– Está – respondi. – Boa noite.

– Desculpe por sermos chatos – insistiu meu pai. – A gente ouviu você... no corredor. Não parecia bem.

– É, bom, estou bem.

– Está com fome? – perguntou minha mãe. – Tem carne.

– Comi na casa do Elliot.

Meus pais assentiram.

– Você perdeu um jogo bem divertido – contou meu pai. – Deu uma olhada no tabuleiro?

– Não.

– Ah. Bem... foi muito bom. A mamãe ganhou.

Percebi que era a conversa mais longa que tínhamos em meses. Não porque não estavam interessados na minha vida: eles escutavam cada palavra, como médiuns numa sessão. Mas raramente me faziam alguma pergunta. Tinham tantas, eu imaginava, que nem sabiam por onde começar.

Quando anunciei que ia para Harvard com Elliot, eles ficaram em silêncio por quase um minuto. Eu já tinha me inscrito, sem contar a eles, e era a primeira vez que me ouviam mencionar o assunto. Eles me cumprimentaram muito, claro, mas eu podia detectar um pouco de medo na voz deles. Era como se eu anunciasse que era, na verdade, um alienígena e tivesse recebido ordens para voltar a meu planeta. Assinaram os formulários que eu entreguei e compraram um par de blusões de moletom. Mas nunca pediram para ver meu formulário completo.

Comecei a fechar a porta, mas meu pai me bloqueou com o braço.

– Você deixou cair algo – disse minha mãe, enfiando sua mão pela abertura.

Tirei meu caderno vermelho da mão dela e rapidamente fechei a porta. Meu coração estava batendo forte, quando um pensamento

terrível me ocorreu: *eles podiam ter lido se quisessem*. E aí tive um pensamento ainda mais amedrontador.

Eles não quiseram.

—Harvard é um ótimo lugar, Seymour. E acredito que você vai se dar bem ali, melhor do que eu no começo. Sei que isso parece estranho, mas quando entrei em Harvard, eu tinha alguns genuínos interesses acadêmicos! É verdade: me inscrevi em alguns cursos bem tradicionais – um seminário de filosofia, uma eletiva de história, até uma aula de economia. Mas tinha uma agenda de bebida bastante rígida a seguir e logo descobri que minhas aulas interferiam nela.

Por sorte, meus amigos de clube me apresentaram um tipo diferente de curso em Harvard – o tipo criado para acomodar as necessidades dos ricos. Havia muitos desses cursos, e com a exceção de alguns jogadores de futebol analfabetos, os participantes eram todos herdeiros milionários. Uma das matérias se chamava “Barcos”. Seu nome verdadeiro era um pouco mais longo – “Exploração do Atlântico” ou algo assim – nunca cheguei a descobrir. O curso era ensinado por um velho professor de oitenta anos chamado Sherwood, cujo pai tinha doado mais de uma dezena de bibliotecas para Harvard no final do século XIX. Ele dava duas aulas por semana, das quatro até por volta das quatro e quinze. Discutia diferentes exploradores e seus barcos, mas sempre terminava em outros tópicos, como a história de sua mansão e “o problema do imigrante”. Ele bebia abertamente durante a aula e de vez em quando também fumava. Era difícil seguir suas aulas, mas

gostávamos da forma como falava e sempre que levantava as mãos para assinalar o final da aula, aplaudíamos.

A participação era obrigatória, mas um trabalho de dez páginas no final do semestre sobre “qualquer tópico relacionado com as aulas” era a única exigência. Para a maioria dos cursos, os membros graduados do meu clube passavam seus trabalhos para os mais jovens, que copiavam e entregavam como próprios. Mas havia tantos inscritos em Barcos a cada ano, que sentimos a necessidade de nos conter. Não podíamos *todos* entregar trabalhos antigos – mesmo um velho de oitenta e cinco anos ia perceber. Então nos limitávamos a um trabalho plagiado a cada semestre. Era chamado “Os Hábitos de Pesca de Henry Hudson”. O secretário do Clube mantinha o original numa caixa de vidro e, todo ano, na noite antes da data, tínhamos um concurso de bebida para determinar quem iria usá-lo. Era um ensaio genérico, com uma tese fraca e uma conclusão esquecível. A única coisa diferente era a capa, que mostrava um desenho bem pobre de um peixe. Era um floreiro incrivelmente desnecessário, mas sempre redesenhávamos, junto com as dez páginas copiadas. Quando me inscrevi em Barcos, o trabalho tinha sido entregue por trinta membros do clube e todos tinham recebido um A-.

Ganhei o concurso com facilidade e passei a manhã seguinte na biblioteca do clube, bebendo café irlandês, assim poderia ficar acordado tempo suficiente para copiar o trabalho. Parei antes de redesenhar o peixe, mas consegui transcrever todas as palavras e notas de rodapé, e dez minutos antes do prazo final, saí correndo para entregar.

Nossos trabalhos chegaram ao clube dois meses depois, pelo correio. O professor Sherwood tinha escrito umas palavras indecifráveis na margem de todos os trabalhos, que pareciam não

ter nada a ver com os ensaios em si, e tinha dado a todos uma nota positiva. Eu estava a ponto de seguir os outros até a sala de pôquer quando encontrei a *minha* prova, ou pelo menos, a que eu tinha entregado. Olhei a nota, joguei de lado – e depois voltei a pegá-la. Não podia acreditar. O velho tinha me dado um B+.

Olhei o trabalho, procurando comentários, mas as margens estavam em branco. As únicas palavras que ele tinha escrito estavam na última página. Era uma única sentença, rabiscada apressadamente com uma caneta-tinteiro:

“Onde está o peixe?”

Veja, Seymour, com certeza você vai se encaixar. É realmente o único lugar para você!

— Por que você disse a todo mundo que eu estava tentando curar essa doença louca?

— Não contei a *todo mundo*. Contei a um jornal local.

— Você contou ao *New York Times*.

— É um jornal local. Garçon?

Um homem de colete se aproximou, bloco de notas na mão.

— Quero um bloody mary.

O garçon hesitou.

— Perdão, sr. Allagash – ele falou. – Mas o barman só chega aqui às nove.

Elliot revirou os olhos.

— Acorde-o – mandou.

Tirei meu livro de vocabulário de francês da mochila e Elliot imediatamente o agarrou.

– O que é isso? – perguntou.

– Vai ter uma prova na primeira aula – expliquei. – E preciso ir bem. O sr. Hendricks está começando a suspeitar.

– Acho difícil. O cara escreveu uma recomendação muito positiva.

– Elliot, isso é sério. Peguei o elevador com ele ontem e o cara começou a falar comigo em francês, e eu não tinha ideia do que estava falando. Tenho *certeza* de que ele percebeu como eu estava perdido.

Elliot riu.

– Meu Deus, você não tem jeito – falou. – Eu vou a Paris por quatro dias e os dominós começam a cair.

– Você estava em Paris? O que estava fazendo em *Paris*?

Ele deu de ombros.

– O que estou fazendo em *Nova York*?

O garçom trouxe o bloody mary e Elliot pediu outro antes mesmo de provar o primeiro.

– Você frequenta a *escola* aqui – lembrei. – Você é estudante tempo integral de um colégio.

Elliot gesticulou desprezando.

– Não me lembre disso.

Nos últimos quatro anos, Elliot tinha feito grandes ações para se livrar da indignidade de frequentar o colégio. Na nona e na décima série, tinha fingido sofrer de uma série de doenças cada vez mais raras, começando com envenenamento por cádmio e culminando com dança-de-são-vito. Mas isso exigia muito tempo e pesquisa para encontrar novas doenças e conseguir as falsificações médicas apropriadas, e, no final, ele se cansou. No último ano tinha ficado com o diagnóstico de uma velha e boa mononucleose, complementada pelo ocasional “funeral no exterior”. Elliot só frequentava trinta e seis dias escolares por ano – o mínimo para se

formar – e sempre estava incrivelmente bêbado de forma que, no dia seguinte, tinha um motivo válido para ficar em casa.

– Essas *aparições* estão me matando – ele falou. – Quem sou eu? A rainha da Inglaterra em tempo de paz?

– Deveríamos ir logo – falei, pegando de volta meu livro de francês. – Vamos nos atrasar.

Elliot fez um gesto para o garçom e eu suspirei aliviado. Já eram quinze para as oito, mas se saíssemos em cinco minutos e o trânsito estivesse bom, James poderia nos deixar na escola antes do primeiro sinal. Eu quase tinha terminado de fechar minha mochila quando percebi que Elliot estava pedindo seu terceiro bloody mary.

– Num copo alto dessa vez – ele pediu ao garçom. – E não precisa colocar os enfeites.

Ele riu.

– Quem estamos enganando? – brincou. – Pode esquecer o suco de tomate também.

Eu bati o punho na mesa; nossos pratos pularam sobre a toalha. O garçom olhou por cima de seu bloco de notas e Elliot virou-se devagar em minha direção.

– Por favor – murmurei –, vamos chegar tarde.

Elliot olhou seu relógio de bolso e sorriu.

– Bom, eu vou – ele falou. – Seymour, por que você não disse nada?

– James sabe que estamos tomando café no St. Regis? – perguntei. – Você precisa ligar pra ele.

Elliot assentiu e enfiou a mão dentro de seu colete, mas tirou uma garrafinha. Eu xinguei baixinho e peguei meu próprio celular.

– Qual é o número dele? – exigi.

Elliot deu de ombros.

– Ele normalmente simplesmente *aparece* – falou. – Meu *deus ex machina* pessoal!

Ele olhava perplexo para sua garrafinha.

– Gostaria de ouvir algo interessante? – ele perguntou. – Eu roubei esta garrafinha. Estava numa loja em Londres e roubei. Havia muitos vendedores, mas eu fiz com que James os distraísse com algo. Não é uma história incrível?

Ele deu um longo gole.

– Esse uísque também é roubado – ele falou. – Que bela tarde foi aquela.

– Droga – falei. – Vamos de metrô.

Elliot riu.

– O quê?

Agarrei seu braço magro e o levei até a calçada, até a entrada do metrô na rua 59. Quando chegamos à escada rolante, suas pernas duras estavam se contorcendo de tanto rir.

– Você quer dizer *transporte público*?

Não sei por que me surpreendeu que Elliot nunca tivesse andado de metrô antes. Seria muito mais surpreendente se tivesse.

Peguei uns dólares do meu bolso e rapidamente enfiei na máquina para comprar a passagem. Tentei enfiá-los no buraco, mas a máquina ficava me devolvendo.

– Elliot, você tem algum trocado?

– Tenho o quê?

– Deixa pra lá – falei.

Encontrei umas moedas na minha mochila e comprei duas passagens. Quando olhei para Elliot, ele estava parado no alto de um banco próximo, examinando o terminal com assombro, como um explorador numa tumba recém-descoberta. Olhava um mapa na parede.

– Então ele se conecta com os ônibus? – falou. – Que inteligente! Apontou para um grupo de homens em roupas de trabalho, caminhando para reparar algum segmento da via.

– Olhe para eles! – exclamou. – Como uma colônia de ratos! Um dos trabalhadores começou a se virar e eu rapidamente puxei Elliot do banco.

– Estou ouvindo um trem vindo – falei. – Vamos embora. Entreguei uma passagem a Elliot. Ele a levantou para olhar perto da luz e ficou examinando, como alguém faria com uma nota estrangeira. O trem entrou na estação.

– Vamos! – gritei. Passei a catraca e corri até o vagão mais próximo. Quando as portas estavam se fechando, enfiei as mãos e um par de estranhos segurou a porta. Depois de um momento tenso, as portas voltaram a se abrir e eu entrei no carro. Os outros passageiros começaram a aplaudir quando o trem se moveu. Uma mulher mais velha deu um tapinha no meu ombro.

– Essa foi por pouco! – ela falou, rindo. Pouco antes de o trem sair da estação, olhei para Elliot, parado ao pé da escada rolante. Ia na direção errada; ele teria de pegar a escada. Balançou a cabeça algumas vezes, sem acreditar. Depois agarrou o corrimão e foi embora sozinho.

Corri pelo corredor e entrei na aula de francês, puxando minha caneta.

– Perdi?

O sr. Hendricks olhou para mim.

– O que você quer dizer, Seymour? – ele perguntou, coçando a cabeça. – Perdeu o quê?

Que droga estava acontecendo comigo? Era uma prova surpresa. Não devia nem saber de sua existência.

Limpei minha garganta.

– Perdi a *lição*? – perguntei, enfático.

Seus olhos se acenderam.

– Oh! – ele exclamou. – Oh, não, Seymour. Você chegou bem na hora!

Eu podia ouvir meus colegas sussurrando quando me sentei na mesa de sempre no centro da fileira da frente. Eram momentos assim que me faziam questionar a definição de Elliot para a palavra “popular”. Eu tinha subido da parte inferior de sua lista de *status* até o topo. Os dois lugares pareciam ter muito em comum.

O sr. Hendricks ficou de olho em mim e lançou um de seus monólogos rápidos de coisas sem sentido. Sorri e assenti até ele me entregar minha prova. Aí eu preenchi, entreguei e saí dali o mais rápido possível.

Comparei o incidente com todos os outros do mês; não chegava nem aos cinco maiores. Houve alguns momentos horríveis na aula de matemática, quando o professor saiu para fumar e me pediu para resolver a lição em sua ausência. E também a conversa terrível na cantina, com a senhora que servia.

– Só queria agradecer por tudo que está fazendo, Seymour. Sabe, meu tio sofre de doença de Pasternak-Schwarzschild.

– Oh! Sinto muito por isso. Ele está animado?

– Está em coma. Quero dizer... obviamente. É a doença de Pasternak-Schwarzschild.

– Certo. Claro. Certo.

Eu fui para a escada do fundo e subi devagar até a cobertura no telhado.

Estudantes não podiam subir ao telhado e a diretoria parecia séria sobre o assunto. Eles colocaram várias câmeras de segurança em toda a escada e se alguém fosse visto no monitor, a suspensão era automática. Mas com a ajuda de um dos mapas de Elliot, descobri uma rota alternativa. Primeiro, pegava a escada traseira até a sala da caldeira. Depois ia até o depósito do zelador, passando pelas fileiras de vassouras aposentadas. Ali, escondida atrás de uma estante sem uso, ficava a entrada dos velhos túneis de vapor da escola. Nesse ponto, tudo que precisava era digitar a combinação – não sei como Elliot tinha conseguido – e subir umas escadas. Depois de uns dez minutos subindo, o túnel me levava a uma passagem de vapor, que não funcionava havia mais de oitenta anos, desde que a escola parara de usar vapor de carvão.

O telhado em si era simples, exceto por uma torre de água e alguns canais. Dava para ver os dois rios e a maior parte do parque e do trânsito ficava tão remota, nem mesmo o mais horrível acidente de carro poderia chegar até você. A superfície de asfalto negro estava sempre morna por causa da luz solar – mas nunca muito quente. Demorava vinte e cinco minutos para chegar lá e eu ia uma vez por dia, pelo menos.

Quando descobri a rota pela primeira vez, fiquei tão orgulhoso que imediatamente liguei para Elliot para me gabar de minha descoberta. Mas quando ele atendeu o telefone e me perguntou

onde eu estava, instintivamente falei que estava em casa, no meu quarto. Deve ter sido a primeira vez que menti para ele.

Estava sentado na sombra da torre de água, estudando para o que seria a segunda prova do dia, quando percebi que não estava sozinho. Consegui ouvir passos atrás da torre de água, andando em círculos na minha direção. Meu corpo começou sua rotina de pânico padrão: coração batendo, garganta apertada, palmas suadas.

“É agora”, pensei, pela terceira ou quarta vez do dia. “É assim que tudo termina.”

Como sempre, um falso alarme. Era só a Ashley.

– Seymour, ei – ela cumprimentou. – Você conseguiu.

– Como você subiu aqui? – exigi saber.

Ela deu de ombros.

– Pelas escadas.

– O quê? – perguntei. – Tá falando *sério*?

Comecei a juntar minhas coisas.

– Eles provavelmente estão subindo agora mesmo!

Ela riu.

– Ah, cara – falou. – É melhor sair daqui!

Não sabia muito sobre maconha. Elliot nunca usava – ele a classificava como uma “droga de rua” – e, na verdade, era possível que eu nunca tivesse nem visto. Mas era evidente que Ashley estava bem chapada.

– Eu venho aqui todo dia – contei a ela, firme. – Já faço isso, tipo, há uns seis meses.

– Eu venho aqui há mais tempo – ela falou. – Vê? Tenho até uma cadeira.

Ela enfiou a mão embaixo da torre de água e puxou uma cadeira de praia, vermelha e branca. Parecia bem velha.

– Você deveria trazer uma cadeira – ela sugeriu.

Ashley tinha passado a nona e a décima séries distante de Glendale. Havia muitos rumores sobre para onde ela tinha ido, mas ninguém tinha certeza. A maioria das pessoas acreditava que ela havia sofrido algum tipo de crise, apesar de alguns afirmarem que ela tinha ficado grávida de Han Wo, o gerente de campanha estrangeiro, e dado à luz a gêmeos. O que as pessoas sabiam é que quando ela voltou, era uma pessoa completamente diferente. Tinha cortado sua trança e a falta dela era chocante, como se tivesse sido amputada. Suas notas se tornaram horríveis e ela nunca mais foi voluntária para nada. Eu preferia pensar que Ashley tinha saído de Glendale por várias razões e não só por causa daquela ridícula eleição da oitava série. Mas, claro, nunca perguntei. Duvido que alguém tivesse perguntado, nem mesmo seus antigos amigos do clube de matemática. Ashley nunca se sentava com ninguém na cantina. Ela só pegava seu prato de comida e ia embora – acho que subia até aqui.

– Eu vi você do lado de fora da festa do Lance no sábado – ela confessou. – Você estava fingindo falar no celular. Foi bem louco.

Ela balançou a cabeça e riu.

– Quero dizer, você parecia mesmo um cara louco.

– Preciso ir.

– Não se preocupe – ela garantiu. – Ninguém viu. Só eu.

Peguei meu caderno, mas ela o agarrou antes que eu pudesse colocar minhas mãos nele.

– Me devolve! – gritei. Quis que as palavras soassem como uma ameaça intimidadora, mas elas saíram como o pedido de uma criança. – *Me devolve* – repeti, com uma voz mais profunda.

Ashley balançava meu caderno na beira do telhado, cantarolando algum tipo de provocação infantil. Estaria doida o suficiente para deixar cair? Usaria para me chantagear e exigir que eu fumasse a

droga dela? Não achei que a situação pudesse piorar – até ela abrir o caderno e começar a bisbilhotar.

– Teste surpresa de inglês? Puta merda.

Comecei a gaguejar algum tipo de mentira, mas ela não parecia me ouvir.

– Por que você está colando? – ela perguntou.

– Quanta hipocrisia – respondi. – Quero dizer... você usa *drogas*.

Ela riu.

– Não estou dizendo que você não deve colar – ela falou. – Só que me parece muito trabalho, só isso. Afinal, é só um *teste*.

Ela tirou o cabelo dos olhos e sorriu para mim.

– Precisa de ajuda? – ela perguntou. – Vamos lá, eu posso te ajudar.

Eu puxei o caderno das mãos dela e voltei pela passagem de vapor.

– Boa sorte – ela falou.

Terry me encontrou na porta, usava jaqueta e botas de montaria.
– Bem-vindo! – cumprimentou.

– Obrigado – respondi. – Divertiu-se andando a cavalo?

– Não saí de casa nos últimos quatro dias – ele disse. – Quer um bolinho?

– Não, obrigado – agradei. – Ouça, é melhor eu encontrar o Elliot. O James foi me pegar. Parecia urgente.

Terry hesitou.

– Elliot não mandou o James te pegar – disse Terry. – Ele está tendo o que pode ser carinhosamente chamado de “dia ruim”.

– Oh – murmurei.

Houve um silêncio na conversa; ouvi um barulho de algo se quebrando.

– *Eu* mandei o James – disse Terry, animado. – Só porque Elliot está se sentindo um pouco mal, não quer dizer que não podemos ser sociáveis.

Ele me agarrou pelo cotovelo.

– Vamos até meu escritório – ele falou. – Vou contar uma história incrivelmente longa.

Era apenas três e meia, mas a mesa de Terry já estava cheia de copos. Todo o escritório estava estranhamente desarrumado – livros no chão, almofadas jogadas pelo sofá. O urso, eu percebi, estava usando uma das cartolas de Terry.

– Eu preciso ir embora logo – avisei. – Quero dizer, se o Elliot não puder me receber.

– Besteira! – disse Terry. – Agora, vamos pensar... deve haver uma que você ainda não ouviu. Já contei sobre a vez que eu coloquei GHB num Bordeaux 64? Então o editor da *Wine Spectator* ficou parecendo bêbado em seu discurso anual?

Assenti.

– E sobre minha festa de aniversário de quarenta anos? Quando eu fiz todas aquelas bandas de rock se reunirem contra a vontade deles?

– Você me mostrou a fita – respondi.

– Contei o que fiz com aquela revista literária esnobe?

– Está falando de quando comprou um anúncio em cada página? Para transformá-la num catálogo de fotos?

– Isso, mas você se lembra que *tipo* de catálogo de fotos?

– Era... sexual?

Terry suspirou.

– Você já ouviu todas as boas.

Nunca tinha estado tão cedo no escritório de Terry. Era estranho vê-lo tão iluminado. Sua cadeira de couro parecia quase verde sob o brilho do sol; eu podia ver manchas de poeira por toda a sala. Terry pegou um bolinho, olhou para ele por um momento e depois colocou-o de volta na cesta. Inclinou-se para mim.

– Como ele está? – perguntou.

– Elliot? Ele... bem... acho que está doente.

Terry tirou um lenço do bolso e passou por seu rosto vermelho e inchado. Senti uma vontade repentina de ir embora, mas não tinha ideia de como fazer isso de uma forma educada.

– Sei que está doente – ele falou. – O que *mais*?

Lembrei do bilhete que Terry tinha entregado junto com meu presente de aniversário, na oitava série. Tinha demorado quatro anos, mas finalmente estávamos tendo a conversa que ele havia pedido.

Ele me olhou de alto a baixo, como se estivesse tentando decidir algo.

– Certo, Seymour – ele falou, finalmente. – Vou contar uma que você não ouviu.

Minha esposa, quando eu me casei com ela, era absurdamente mais jovem do que eu. Não vou dar os números exatos. Digamos que a diferença de idade era tão extrema que meu padre se recusou a realizar a cerimônia, apesar de minha família ter pagado pela construção da igreja.

Tecnicamente, ela era uma princesa, apesar de ficar vermelha e protestar sempre que alguém a chamava por seu título oficial. Eu a conheci em Monte Carlo, num casamento ou funeral – estava muito extasiado para me concentrar em qualquer coisa que não fosse ela. Há uma estátua dela, de ouro sólido, no Vaticano, no centro do jardim sagrado. Bom, de acordo com a placa, é a Virgem Maria. Mas o papa instruiu seu escultor a usar minha jovem esposa como modelo. Ela tinha um tipo de rosto, você entende, que simplesmente exigia a adoração.

Ela não fora educada formalmente, pelo menos não no sentido acadêmico. Foi criada num castelo, entenda, por empregados. Podia tocar harpa, mas não sabia dirigir. Era fluente em espanhol, alemão, francês e inglês, mas precisava dos dedos para contar. O que era, claro, adorável.

Seu pai era muito velho – ela era a mais nova de onze irmãos. Falei que ia contratar uma equipe de enfermeiras para ele quando nos casamos, mas ela insistiu que o pai viesse morar conosco. Queria ela mesma tomar conta do velho.

Quando ele chegou a nossa casa, estava completamente louco. Era um veterano condecorado da Segunda Guerra Mundial – tinha recebido a *Croix de Guerre* em 1939, sob as ordens de Charles de Gaulle – e acreditava que a guerra ainda estava acontecendo. Costumava folhear os tabloides diários desgostoso, furioso de que ninguém estivesse cobrindo o conflito europeu. Quando suas ilusões persistiram por algum tempo, minha esposa reuniu os empregados e implorou a eles que não contradissem seu pai. Se ele pedisse uma atualização sobre a guerra, eles deveriam dizer: “O exército russo está se aproximando”, ou “Hitler está fugindo”. Ele sempre ficava furioso quando via mulheres usando náilon, já que o material era necessário “para o esforço de guerra”. Assim, minha esposa

baniu as meias finas da casa. Também proibiu televisões, algo que meu sogro achava confuso. Vivemos a Segunda Guerra Mundial em nossa casa por todo aquele ano. No leito de morte de meu sogro, ela lhe contou que tínhamos vencido. Era esse tipo de mulher.

Alguns anos depois que Elliot nasceu, ela desmaiou num cruzeiro pela Grécia. Tinha ido ao deque para tomar um pouco de ar, e se eu não a tivesse seguido, quem sabe quanto tempo teria se passado antes que alguém a encontrasse. O médico do barco, um incompetente, um idiota, prescreveu aspirina. E o capitão, confiando nos conhecimentos do médico, se recusou a desviar da rota. Eu conversei com ele, ameacei sua vida, mas ele não se abalou. No final, concordamos numa quantia de uns quatrocentos mil dólares.

Atracamos depois de uma hora e peguei um táxi para o hospital mais próximo. Minha esposa insistia que estava se sentindo melhor, mas eu não ia correr nenhum risco.

No final, ela estava com problemas no rim que não tinham sido diagnosticados. Cada médico que consultei, concordou: ela precisava encontrar um doador, em poucas semanas. O melhor especialista, um cirurgião em Park Avenue, me contou que havia falta de órgãos nos Estados Unidos – e que minha esposa teria de entrar em algum tipo de lista de espera oficial. Assenti e peguei minha carteira, assumindo que ele estava pedindo dinheiro. Mas, aparentemente, a lista era verdadeira e estrita.

Em poucas horas, James arranhou um encontro com um professor premiado de Oxford, chamado dr. Highsmith. Ele tinha sido conselheiro médico da Família Real Britânica, entre outros nobres, até ter sido banido por aceitar suborno de seus pacientes. Depois de examinar suas credenciais, voei para a Inglaterra e entreguei um cheque em branco.

O médico me ligou quarenta e oito horas depois, da Tailândia. Tinha encontrado um convento cristão no interior. Havia quarenta freiras e todas estavam com a saúde perfeita, graças a uma vida de humildade abstinência. Oito tinham o mesmo tipo sanguíneo de minha esposa; quatro eram pobres o suficiente para vender um rim. Ele comparou e contrastou suas estatísticas vitais – idade, histórico genético etc. Mas, no final, confessou, não poderia determinar a qualidade de seus rins sem removê-los de seus corpos e examiná-los de perto. Não dava para saber qual freira dissecar.

Até aquele momento, o dr. Highsmith tinha me parecido um homem especialmente não sentimental, alguém direto, que eu podia encarar nos olhos. Mas quando sugeri que ele removesse os quatro rins e escolhesse o melhor, ele protestou.

– O que eu faria com os outros três? – ele perguntou.

– Doe para algum hospital de caridade – respondi.

– Seríamos pegos imediatamente – ele redarguiu.

– Então, guarde-os – falei. – Caso, minha esposa precise de outro.

– Não são *bifes* – ele disse. – Não dá para “guardá-los”.

– Então jogue-os no lixo – retruquei. – Coloque-os num saco e jogue dentro de uma lata de lixo.

Houve uma longa pausa.

– Senhor – ele disse –, comprar órgãos é algo incrivelmente ilegal, sob qualquer padrão da lei. Mas comprar órgãos e *descartá-los...*

Pensei em minha adorável esposa, conversando com seu pai sobre os avanços do exército de Stalin.

– Não tenho tempo para isso – falei. – Responda-me em dez segundos.

Estava a ponto de desligar quando o ouvi limpar a garganta.

– Tudo bem – ele concordou. – Mas isso vai afetar o valor.

Então voamos para a Tailândia. Subornamos as pessoas apropriadas, compramos o equipamento necessário, contratamos o médico certo e compramos os rins corretos, escolhemos o melhor órgão e jogamos fora o resto. E, mesmo assim, ela morreu.

Terry reacendeu seu charuto e voltou a fumar, de forma casual.– Foi uma história terrível – ele falou. – Eu deveria ter contado a do urso.

Ele apontou para o gigante animal empalhado.

– Essa é bem mais divertida.

– Quantos anos tinha Elliot? – perguntei. – Quando tudo isso aconteceu.

Terry deu de ombros.

– Quem sabe da vida daquele?

– Ele nunca me contou essa história – falei.

– Ele não a conhece – disse Terry. – Espero, algum dia, que pergunte por ela.

Deu um longo gole.

– Eu não o espiono, sabe – falou.

– O quê?

– Seria fácil contratar um espião – continuou. – Tenho três investigadores privados contratados em tempo integral, poderia segui-lo, mas não faço isso. Não mais. Porque não me importa, Seymour. Não me importa nem um pouco. James me escreve um relatório semanal – ele já faz isso há anos – e eu joga no lixo. Jogo direto no lixo.

O sol tinha diminuído, mas Terry não tinha acendido nenhuma luz. Eu me levantei e cruzei o escritório escuro.

– Fique! – ele mandou. – Sente-se, tome um *brandy*.

– Está ficando bastante tarde – falei.

– Vou contar sobre o urso – ele continuou. – É uma boa história!

– Eu realmente preciso...

– Acontece num circo e envolve uma profissional gorda.

– Não deveria.

– É sexual.

– Não posso.

– Você gostaria de... ver um quadro? Vou mostrar um quadro de minha coleção... algo que ninguém nunca viu.

– Sr. Allagash, me desculpe, mas preciso ir pra casa. Meus pais provavelmente estão ficando preocupados.

Terry piscou algumas vezes e deu um largo sorriso.

– Certo – ele concordou. – Está tudo bem. Tudo bem.

Saí para o corredor, meus olhos queimando com a claridade e fechei a porta pesada atrás de mim.

Até onde podia me lembrar, meus pais sempre tinham se comunicado comigo por meio de post-it. Eles normalmente me deixavam dois ou três recados por dia, me contando quem tinha ligado ou onde eu podia encontrar o jantar na geladeira. As notas eram sempre um indicador do que meus pais pensavam de mim. Não era o que estava escrito – eles só conseguiam colocar umas poucas palavras nos pequenos quadradinhos amarelos. Era *onde* eles colocavam na casa. Por exemplo, quando eu estava na oitava

série, eles colocavam todos os meus post-its na gaveta de bolachas, sabendo que era o único lugar no apartamento que eu sempre visitava. Em algum ponto do ensino médio, eles tinham começado a enfiá-los na minha estante de livros – convencidos, evidentemente, de que eu tinha me transformado num erudito. Ultimamente, no entanto, tinham começado a colar os post-its no meu espelho.

Elliot ligou – 5X

Jéssica ligou

Ignorei o primeiro bilhete e olhei para o segundo, convencido de que tinha lido errado. Como a Jéssica tinha descoberto meu número? O Diretório de Classe ainda listava o do apartamento antigo. Eu tirei o post-it do espelho e o segurei contra a luz. Parecia irracionalmente substancial nas minhas mãos, como se o nome dela tivesse se unido ao papel.

Peguei o diretório, encontrei o número dela e liguei.

– Laura? – ela perguntou.

– ãhn, não – respondi. – É o Seymour.

– Quem?

– Seymour?

– Ah!

– Você ligou, né?

– Ah, sim! O sr. Hendricks me deu seu número. Ele falou: “Você precisa de um tutor para a prova de francês”, aí eu falei: “Que tal o Seymour? Ele sabe tudo!”, e ele respondeu “Tudo bem”, então eu liguei pra você!

Cobri o bocal e limpei a garganta.

– Dá pra acreditar na quantidade de provas precisamos fazer? – perguntei retoricamente. – É tão *insano*.

Jéssica riu. Era um som milagroso, como moedas caindo de uma máquina de cassino.

– Pare – ela exclamou, rindo. – Pare! Deixa disso!

Ouvi alguns murmúrios, seguidos por alguns barulhos abafados.

– Jéssica?

– Desculpe – ela falou, ofegando. – Lance está sendo chato.

– Ah – falei.

– Você está livre na quarta? Porque a prova é na...

Ela gritou de novo – mais alto dessa vez – e derrubou o fone em algum tipo de superfície dura. Dava para ouvir as duas vozes agora, mas o som era muito abafado para entender alguma palavra. Eu pensei em desligar, mas não queria ser mal-educado. Então fiquei sentado ali por uns minutos, esperando que eles terminassem o que estavam fazendo.

Não havia como ser tutor de Jéssica – seria um desastre. Como eu poderia ensinar uma língua que eu nem sabia falar?

Jéssica suspirou no fone.

– Desculpe – ela repetiu.

– Ouça, Jéssica, acho que não posso.

– O quê?

– É, estou muito ocupado.

– Ok, que tal na terça?

– Não posso nenhum dia. Preciso desligar agora.

– Ah, tudo bem. Ei, olhe, desculpe por incomodar! Só pensei, sabe, como você é bom em francês...

– É, tudo bem. Mas preciso desligar. Tchau.

– Certo, tchau...

Desliguei o telefone, fechei o diretório e joguei o post-it no lixo.

Deveria saber que tinha sido por isso que ela havia ligado – qual outra razão poderia ser? Eu a imaginei na sala do sr. Hendricks,

solenemente anotando meu número de telefone. E Lance, sabe Deus fazendo o quê, enquanto ela marcava os números, relutante. Mas não havia tempo para pensar em tudo isso – eu tinha problemas maiores. Quando Jéssica contasse ao sr. Hendricks que eu havia me recusado a ajudá-la, pediria uma reunião para perguntar por quê. Eu precisava ter um álibi concreto pronto, assim ele não ficaria com mais suspeitas do que as que já tinha. Peguei meu caderno e minha caneta e liguei para Elliot.

– Onde você estava? – ele exigiu saber. – Liguei para seu celular, sua casa, deixei mensagens na sua caixa postal e com sua *mãe*... quer dizer, *eu* não fiz essas coisas fisicamente. James fez, por mim. Estou numa banheira personalizada nas últimas quatro horas. Mesmo assim, era o tempo que James poderia ter passado inventando novos coquetéis para mim.

– Temos um problema – contei. – Jéssica me ligou e... ela pediu que eu fosse seu tutor. Eu disse que não podia, mas quando o sr. Hendricks descobriu...

– Bom Deus – retrucou Elliot. – *É por isso* que você está tão preocupado?

– Eu não falo francês, Elliot!

Ele riu.

– Assumo por seu tom que isso tem menos a ver com Hendricks do que com Jéssica.

– Do que você está falando?

– Dê-me um pouco de crédito, Seymour. Você achou, por um segundo, que talvez ela tivesse ligado porque...

– Elliot... isso é sério, está bem? Meus professores estão suspeitando.

Verifiquei se a porta estava trancada e continuei num suspiro.

– Não sou como *você*, está bem? As pessoas realmente se importam se estou mentindo pra elas.

Elliot riu.

– Você acha que ninguém presta atenção em mim? Tudo bem. Terry acha que meu registro de presença em Glendale é “estelar”. Preciso subornar James toda semana para falsificar seu “relatório”.

– É diferente. Quero dizer... seu pai nem lê esses relatórios.

Houve uma pausa.

– O que você está falando? – ele perguntou.

– Ele joga fora... me contou.

– Quando ele conversou com você sobre mim? O que mais ele falou?

– Você realmente se importa? – perguntei.

– Claro que não! – ele respondeu. – Só estava curioso, mas esquece.

Alguém bateu na minha porta.

– Preciso desligar, Elliot. Vou jantar.

– Agora?

– A gente se fala outra hora.

– Espere! Não desligue... Vou ajudá-lo com essa coisa do Hendricks.

– Agora não.

– Tenho uma solução, mas é complicada. Venha até aqui e a gente pensa junto.

– Não posso. Preciso desligar.

– Você vai querer ouvir essa, Seymour! Estive guardando essa. É a forma perfeita de acabar com ele!

– Tchau, Elliot.

– Mas...

– Tchau.

Descobrir as dinâmicas da família Allagash era como tentar resolver um complicado problema de matemática: se Terry pagava a James "X" dólares para escrever um relatório semanal sobre seu filho e Elliot pagava a James "Y" dólares para falsificá-lo e Terry jogava o relatório no lixo, quem estava ganhando? Quanto eles poderiam ter economizado só conversando? Como podem ter se afastado tanto?

Essas são as perguntas que me fiz aquela noite durante jantar, enquanto estava sentado com meus pais, em silêncio.

— **A**cho que esse é provavelmente o mais fodido – disse Ashley.

– Talvez – falei. – Mas é uma pesquisa útil.

– É um gráfico das saídas pra cagar do sr. Billings.

– Você disse que ia me ajudar – falei, tirando o meu caderno das mãos dela.

– Vou ajudar, vou ajudar – ela prometeu. – Mas você precisa me contar por que tem isso.

Apontei o dedo para ela.

– Se você contar a *alguém* sobre *isso...*

Ela riu.

– Eu sei, eu sei, você já me ameaçou.

– Não deveria falar com você – eu disse. – Honestamente, não sei por que estamos conversando.

– Seymour, por que iria dedá-lo? – ela perguntou. – Tipo, quem iria acreditar em mim?

Eu hesitei.

– Certo. Mas *sem interrupções*.

Abri o caderno e apoiei contra a torre de água.

– O sr. Billings é o organizador da escola. Isso significa que ele recebe antecipadamente uma cópia de toda prova final.

– É mesmo?

– É, assim pode guardar para referências futuras. Ele também tem os relatórios de cada estudante.

– Uau.

– Eu sei. É tão óbvio. Por isso é importante saber quando ele vai estar fora de sua sala.

– Assim você pode arrambar a mesa dele.

Hesitei.

– Nossa, Seymour, relaxa! – ela exclamou. – Não tem ninguém aqui em cima.

– Certo. Bem... basicamente, há duas coisas importantes pra saber sobre ele. A primeira é que ele sempre almoça ao meio-dia e meia. A segunda é que ele sofre de síndrome do intestino irritável. Normalmente depois do almoço, vai direto para o banheiro do quinto andar e fica lá por uns dez minutos. Mas *nesses* dias...

Apontei para o calendário.

– Ele vai para o banheiro do *décimo primeiro andar*. E fica lá por mais de meia hora.

– Por quê?

– Acho que é por ser mais remoto. O décimo primeiro andar só é acessível pela Escada B e quase ninguém usa. Acho que ele quer privacidade para o que vai fazer lá dentro.

– Não, quero dizer, por que ele demora *tanto* nesses dois dias? O que tem de especial?

– Ah – falei –, bom, é quando a cantina serve pizza.

Ela começou a rir alto, aumentando o volume ainda mais a cada respirada.

– *Ashley!* – sussurrei. – *Psii!*

Ela fechou olhos e bateu os dois punhos na torre de água. Eu continuei tentando calá-la, mas meus pedidos só pareciam fazer com que risse mais alto.

– O que é tão engraçado? – exigi saber.

Ela tentou responder, mas cada vez que recuperava o fôlego, a histeria retornava. No final, ela agarrou sua caneta e rabiscou algo no meu caderno.

Ele come pizza mesmo assim!

Era incrível mesmo. O sr. Billings sabia *exatamente* o que a pizza fazia com ele, mas duas vezes por mês, ele jogava tudo para o ar e comia mesmo assim.

Ashley desabou em sua cadeira, esgotada. A boca estava aberta; seu peito ofegava. Ela conseguiu recuperar o fôlego. Mas quando abriu os olhos e olhou para mim, tudo recomeçou – e nós dois ficamos rindo, batendo o pé no chão. Ela foi me empurrar e eu agarrei os dois punhos para que parasse. Tentamos recuperar o controle, mas sempre que fazíamos contato visual, recomeçávamos a rir. Quando finalmente paramos, dava para sentir a dor no estômago, como se tivéssemos feito cem abdominais. Havia lágrimas em nossos olhos.

– O que o Elliot acha do gráfico? – ela perguntou, depois de recuperarmos o fôlego.

– Na verdade, esse foi quase toda ideia minha.

– Bom, está muito bom – ela falou.

Fiquei corado.

Repassamos as respostas de Douglas para a prova final de História até que o sinal de dez minutos tocou ao longe.

– Você quer ouvir algo louco? – perguntei, antes de ir para o túnel. – Até hoje, nunca pensei até agora que havia algo engraçado naquele gráfico.

Ashley assentiu solene.

– Isso é louco – ela concordou.

Elliot subiu o elevador e pegou dois itens: um celular detonado e um exemplar das *Páginas Amarelas*. Folheou o livro até a seção “Acompanhantes Masculinos”, pegou o celular e começou a digitar os números aleatoriamente. Depois de umas cinco chamadas, colocou os dois objetos de volta no elevador e os baixou. Em seguida, pegou o caderno de inimigos e a caneta e fez uma pequena marquinha.

– Um garçom – explicou. – Ele tentou corrigir minha pronúncia.

– Ah – respondi, apenas.

Elliot tirou um lenço cor-de-rosa e dramaticamente limpou o rosto. Eu podia ver que ele queria que eu continuasse a perguntar. “Como você conseguiu o celular do garçom?”, por exemplo. Ou: “Como essas ligações vão afetar sua vida?”. Mas eu não estava a fim de ouvir história nenhuma.

Era minha primeira ida à casa de Elliot depois de quase duas semanas. Não queria evitá-lo, exatamente. Só não precisava tanto de sua ajuda como antes. Era trabalho duro, perpetuar a estranha identidade que Elliot tinha construído para mim, mas conseguia me virar. E, além disso, não seria preciso manter tudo aquilo por muito mais tempo. Só faltavam noventa e quatro dias para a faculdade, onde eu começaria uma nova vida como um calouro anônimo, livre

do meu personagem de Glendale e de toda a pressão que vinha com ele. Assim que pisasse no campus, deixaria os últimos anos para trás e voltaria a ser eu mesmo.

– O sr. Hendricks nunca disse nada sobre a coisa de ser tutor – comentei. – Então, é uma das coisas com as quais não precisamos nos preocupar.

Elliot me ignorou.

– *Steak tartare?* – ele perguntou. – Moluscos?

Balancei a cabeça.

– James disse que você precisava me contar algo. É importante?

Elliot riu.

As olheiras embaixo de seus olhos dele tinham adquirido um tom azul-escuro e dava para ver as veias em sua testa, como fios vermelhos.

– Um novo esquema – ele contou, enfim.

Neguei com a cabeça.

– Não tenho tempo – respondi.

– Certo – falou Elliot.

Eu ri, um pouco espantado por sua concordância.

– Certo – concordei. – Então acho... que te vejo mais tarde.

– A gente se vê – ele respondeu.

Vesti meu casaco, o abotoei e comecei a caminhar para a porta.

– O que era? – perguntei, de repente curioso.

– Como assim?

– O esquema.

– Ah – respondeu Elliot. – Nada importante.

– Algo da escola?

– Não – ele explicou –, só algo com a Jéssica.

Eu voltei.

– Sobre... a coisa de ser tutor?

– Não – ele respondeu –, nada a ver. – Deu um sorriso. – Ela é sua – ele falou. – Se a quiser.

Engoli em seco.

– Como assim?

– Acho que você sabe do que estou falando.

Meu coração estava batendo tão rápido, achei que ele ia sair do lugar. Era uma sensação que não experimentava desde a oitava série, quando tinha aparecido e me oferecido o mundo.

– O que eu teria de fazer?

Elliot sorriu.

– Tudo que eu mandar.

Segui Elliot pelo corredor e entramos em seu elevador antigo e barulhento. Ele girou a manivela e subimos até o último dos dez andares de sua casa.

– Acho que nunca subi aqui – falei.

– Não mesmo – ele concordou.

A porta se abriu revelando um corredor longo e estreito. Não havia luz, mas a lua brilhava com força através das claraboias no teto. As paredes estavam cheias de retratos. Alguns dos quadros eram tão velhos que a superfície tinha rachado. Dava para ver pelas roupas que cada pessoa usava que os quadros estavam dispostos cronologicamente. E o sorriso orgulhoso mostrava que pertenciam ao clã Allagash.

Eu fui até o primeiro retrato: um velho rei carrancudo com uma barba negra. Segurava uma espada em sua mão direita. Na

esquerda, um ramo de uvas. Uma pequena placa de bronze mostrava a data: “1254”.

– Este é o primeiro Allagash? – perguntei.

Elliot balançou a cabeça.

– É falso – respondeu.

– Quer dizer... não é um retrato de verdade?

– Não – insistiu Elliot. – Não é uma pessoa real. Nenhuma dessas pessoas existiu.

Ele me levou pelo corredor, passando pelos Allagash renascentistas e vitorianos.

– Terry mandou que fossem feitos alguns meses atrás. Para convencer uma condessa a fazer sabe-se lá o quê.

– Por que ela se importava tanto com sua família? – perguntei.

– Porque é uma mulher – respondeu Elliot. – E mulheres podem ser facilmente enganadas. Jéssica não é exceção.

Era estranho ouvir o Elliot se referir a Jéssica como “mulher”. Na minha cabeça, ela era uma garota. A única vez que pude me lembrar de usar a palavra “mulher” foi na aula de história, quando falei sobre o movimento pelo sufrágio universal.

– A mente das mulheres geralmente é bem confusa – continuou Elliot. – Elas acham que são atraídas por honra, talento ou linhagem, quando na verdade são sempre atraídas pela mesma coisa: dinheiro.

A gente se sentou num banco de mogno, em frente a um Allagash medieval blindado. Estava sangrando de uma ferida no peito e gritando algum tipo de bandeira.

– Não sei, Elliot – retorqui. – Deve ter *alguma* garota... ou, sabe, mulheres.... que se importem com outras coisas. Além de dinheiro.

– Claro que há – ele concordou. – Mulheres valorizam todo tipo de *commodities*: fama, conhecimento, glória, boas maneiras, aparência, poder, habilidade. Mas são moedas menores do mundo.

Os rublos, os francos e os euros podem ser comprados com o bom dinheiro norte-americano.

Ele olhou para mim com uma intensidade que prenunciava um longo discurso.

– As mulheres estão no mesmo nível mental dos pássaros. Elas veem substâncias brilhantes e as querem para si, mas são incapazes de entender por quê. Algumas mulheres, por exemplo, pensam que gostam de diamantes. Mas diamantes são apenas pedras! Mulheres, na verdade, são atraídas pelo valor em dinheiro dos diamantes.

Pensei, com algum embaraço, sobre minha mãe. Meu pai tinha dado a ela um colar de diamantes em um de seus aniversários e suas mãos tremiam tanto de animação que ela precisou de ajuda para colocar o colar.

– As mulheres se referem aos homens como “sofisticados” ou “inteligentes” ou “confiantes” – continuou Elliot. – Mas elas querem dizer “ricos”.

Pensei em Lance. Ele era rico, mas não tanto quanto outros caras na nossa classe. Jéssica gostava de Lance por outras razões mais importantes.

– E que tal ser bom em algum instrumento? – propus. – Isso não é algo que você simplesmente *compra*. Você precisa *nascer* com esse talento.

Elliot sorriu condescendente.

– Ah – ele falou. – Talento!

Ele se levantou e se pôs a caminhar.

– Lance conseguiu comprar uma guitarra, um amplificador e aulas suficientes para se tornar proficiente. Seu talento não custou mais do que cinco mil dólares a seus pais. Pense no talento que *eu* posso comprar.

– O que você está falando?

– Lance é só fogo de palha – ele explicou. – O *seu* disco vai ser uma sensação de crítica e de público.

– Que disco?

Elliot enfiou a mão no bolso e me entregou um disco.

– Fiz James compor as faixas ontem à noite – ele contou. – Chama-se *The Seymour Herson Project*.

– Elliot, eu nem sei tocar um instrumento!

– Sei disso – ele disse. – Por esse motivo não tive outra escolha a não ser dizer que você é um gênio experimental.

– Que droga significa isso?

– O álbum é basicamente efeitos sonoros. E poesia falada.

– Oh, meu Deus! – exclamei. – Parece horrível.

– As letras estão em francês.

– O quê? *Por quê?*

– Assim ninguém vai saber se são profundas. Por falar nisso, se alguém perguntar o que significam, você deve dizer que são “existenciais”.

Ele balançou a cabeça.

– É patético a gente ter que se rebaixar a isso – ele murmurou. – Na Roma Antiga, as únicas pessoas que tocavam música eram os *escravos...* e imperadores que ficavam loucos.

– Elliot... eu *realmente* não acho que isso vai funcionar. Tipo, quem vai querer ouvir algo assim?

Elliot revirou os olhos.

– Se Joe Kennedy conseguiu fazer de seu filho sífilítico um autor consagrado, e depois presidente dos Estados Unidos, acho que posso transformá-lo em um tipo de artista de vanguarda.

Coloquei o disco no banco.

– Não acho que quero isso – falei. – É muito. A coisa da escola tudo bem... vou sair de lá em pouco tempo. Mas esse é o tipo de

coisa que poderia realmente detonar minha vida.

– Duas coisas – disse Elliot. – Uma: já é tarde. Já enviei sua demo para todos os formadores de opinião em Williamsburg.

– Oh, meu Deus.

– Duas: vai funcionar.

Ele abriu a porta do elevador e me empurrou para dentro.

– Você confia em mim?

Não respondi.

– Seymour, tudo que já fiz foi para o seu bem.

Ele se inclinou tão perto que nossos rostos estavam praticamente se tocando.

– *Você confia em mim ou não?*

Eu assenti, sem muito entusiasmo.

– Certo – ele falou, recuperando o fôlego. – Certo.

Ele girou a manivela e o elevador começou a se mover.

– Descendo.

Passei correndo pela sala, evitando o contato com meus pais. Depois tranquei a porta, coloquei os fones de ouvido e, temeroso, inseri o disco de Elliot no aparelho de som.

Já conhecia Elliot Allagash havia mais de quatro anos. Ainda tinha medo dele, como sempre. Mas gostava de pensar que havia me acostumado, que ele tinha perdido a capacidade de me chocar. Gostava de pensar que já tinha visto o pior de sua loucura.

Respirei fundo e apertei o *play*.

O *The Seymour Herson Project* começou com uma longa faixa de som ambiente. Uns quarenta segundos depois, uma sirene começou

a tocar, acompanhada por tiros. Esses barulhos foram interrompidos pelo som de uma criança rindo e, por alguma razão, pela melodia do hino nacional. No final, entrou uma voz computadorizada, recitando um monólogo rápido em francês. A música, de acordo com a lista de faixas, se chamava "Estupro".

A demo era humilhante, mas quando tirei o fone de ouvido, acabei me sentindo um pouco aliviado. Não importava quantas demos Elliot enviasse: uma música tão ridícula nunca conquistaria os ouvintes. Jéssica nunca ficaria sabendo de sua existência, Elliot esqueceria o esquema e a vida voltaria a algum grau de normalidade.

A essa altura, eu já devia ser mais esperto.

— O uvi sua música no rádio – disse Lance. – É bem legal, acho. – Ele não entendeu que era uma alegoria – atalhou Jéssica.

– Entendi, sim – retrucou Lance, olhando para ela. – Eu ia dizer que era isso, antes de o crítico começar a falar.

– *Claro* – zombou Jéssica.

Lance apertou a mandíbula e foi embora da cantina.

– Ele não entendeu – explicou Jéssica, sorrindo maliciosamente para mim. – Mas eu entendi.

Ela usava uma calça de moletom com a cintura perigosamente baixa. Tentei não olhar quando a calça se mexeu na sua cintura, pouco escondendo as curvas de seus quadris.

– O cara no rádio disse que a música era existencial – ela falou. – É verdade?

Houve uma longa pausa.

– É – respondi, finalmente. – É.

Jéssica apertou os lábios e assentiu, como se refletisse sobre a minha resposta.

– Melhor eu ir – ela avisou, virando os olhos na direção do Lance.

Havia um leão de Glendale costurado na parte superior da coxa. E quando ela se afastou, percebi que a palavra “URRO” estava enfeitando a parte de trás de sua calça, duas letras por nádega.

Era provavelmente um bom momento para ligar para o Elliot.

Respirei fundo, digitei o número e tentei falar da forma mais calma possível.

– Que porra tá acontecendo? – perguntei. – Explica que porra tá acontecendo.

– Relaxe – ele falou. – É só um programa da rádio universitária! Eu subornei um DJ local.

– Jéssica e Lance *ouviram!*

– Claro que ouviram. Você ocupou o lugar do Lance na programação.

– Isso é insano! Jéssica acha que sou algum tipo de *artista*. Que merda eu devo fazer agora?

Elliot riu.

– Não sei, Casanova. *Você* é que fez o pedido. Eu sou apenas o entregador.

Eu me sentei num degrau.

– Acho que James poderia dar umas dicas – ele falou. – Se estiver realmente perdido nesse departamento.

– Preciso desligar.

– Seymour, preciso lhe dizer algo! Você parece menos *vibrante* do que eu esperava, dadas as circunstâncias. Não era isso que queria?

– Era! Mas... está acontecendo um pouco *rápido*.

– Rápido? Você perseguiu essa ninfeta durante boa parte desta década. E agora, quando ela está a ponto de render os dividendos, você está querendo *vender*?

– Não é isso – respondi. – Eu só... me sinto estranho com toda essa coisa.

Elliot suspirou pesadamente.

– Terry e eu voamos para a China há cinco anos – ele falou –, porque estavam a ponto de proibir o consumo de cérebro de macaco. Saímos do aeroporto e fomos direto ao Manchu Imperial, onde pedimos uma porção tamanho gigante. Mas quando eles enfiaram o enorme macaco gritando no centro da mesa e começaram a escarpelá-lo, Terry perdeu o apetite. Você não perdeu seu apetite, não é, Seymour? Porque cérebro de macaco é caro.

– Preciso desligar – avisei.

– Seymour...

– Preciso *desligar*.

Fechei o telefone e dei quatro voltas no quarteirão. O que havia de errado comigo? Elliot estava absolutamente certo – eu deveria estar me sentindo extasiado. Mas a única emoção que podia identificar em mim era um terror vago e premente.

Pela primeira vez em anos, voltei a pensar em videogames.

Antes de conhecer o Elliot, eu tinha um jogo chamado *Ninja Streets*. O jogo seguia as aventuras de Mack, um vigilante de bigode, enquanto ele abria caminho por uma cidade que, por razões desconhecidas, tinha sido *tomada* por ninjas. Não era um jogo muito desafiador. Os ninjas sempre gritavam ao se aproximar, o que acabava com o elemento surpresa. E eles só atacavam do lado direito da tela, então você nunca precisava se mover de verdade. Minha estratégia era dar socos no ar e esperar os ninjas caminharem até o alcance de meu punho.

Ninja Streets era mais um teste de resistência do que outra coisa. Os ninjas que Mack precisava enfrentar não eram muito talentosos, mas eram numerosos. Cada nível continha cento e vinte e oito ninjas. E se você parasse de dar socos por dois segundos – digamos, para responder a uma pergunta de sua mãe sobre o jantar, ou tirar o blusão – estava perdido.

De acordo com o site que eu frequentava na época, *Ninja Streets* tinha duzentos e cinquenta e seis níveis. Todos eram idênticos, exceto o último. Aparentemente, se de alguma forma você chegasse ao nível duzentos e cinquenta e seis, o jogo “dava pau”. Ninguém na sala de bate-papo podia me dizer o que isso significava, mas todos insistam que era real.

Eu ficava pensando como seria chegar ao final de *Ninja Streets*. (Será que Mack saía da cidade e se mudava para uma comunidade mais razoável? Seria eleito prefeito?) Mas eu sabia que a vitória era impossível. Eu havia jogado todos os dias por anos e nunca chegara ao nível cem sem perder o foco. Um dia, no entanto, li um post online e tudo mudou.

Ninja Streets Saúde Ilimitada: Seta para cima-Seta para baixo-Retorno-Direita-B-A-Selecionar

De repente, tudo era possível.

Peguei uma caneta e fiz uns cálculos. Cada nível tinha um limite de dez minutos. Mas, de forma realista, nunca demorava mais do que dois minutos e meio para derrotar cada grupo de ninjas. Se eu jogasse direto, sem parar para comer ou beber, poderia chegar ao final em menos de onze horas.

Na manhã seguinte, fingi estar resfriado, abri uma caixa nova de Oreos e fui à luta. Foi um dia extenuante e eu várias vezes perdi a concentração – mas não importava. Estava agora impenetrável aos

golpes dos inimigos. Num ponto, para quebrar a monotonia, decidi parar de dar socos por um momento. Um ninja gritou e entrou. Depois de uma breve pausa, ele começou a dar socos na minha cara. Quando percebeu que eu não estava interessado em retaliar, tomou coragem para fazer seu movimento especial: um chute na cara. Quando não respondi a essa agressão, ele começou a caminhar para frente e para trás, como se estivesse pensando. Acabei dando um soco na cara dele.

Cheguei ao nível duzentos e cinquenta e seis antes da hora de dormir. Começou completamente normal. Por um momento terrível, achei que tinha sido enganado. Mas aí aconteceu. Quando havia matado uns trinta ninjas, a metade direita da tela ficou preta. O lado esquerdo da rua ainda estava normal, e a música ainda tocava agressivamente no fundo, mas não havia mais ninjas vindo e nenhum lugar para ir.

Não acreditei quando o relógio começou a contar. Sete minutos se passaram, depois oito, depois nove. Eu apertava as setas com toda a minha força, mas tudo que conseguia fazer era correr pelo meio da tela, minha cara prensada contra a escuridão. No momento em que o tempo acabou, Mack se virou, como se estivesse me encarando. Punhos levantados para o alto e os olhos arregalados de horror. Ele ficou congelado nessa pose, na beira do vazio, depois desapareceu.

Fim de jogo.

Ashley pegou uma caixinha de leite achocolatado em sua mochila e despejou numa chaleira de cerâmica.

– Chocolate quente? – ela perguntou.

– Não – respondi. – Beba você.

– Não quero.

– É mesmo? – falei. – Ah. Então tudo bem... Ok. Obrigado.

Ela se agachou embaixo da torre de água e colocou a chaleira em cima de um cano de metal exposto ao sol. A gente se encontrava no teto todo dia já fazia algumas semanas, mas só recentemente tínhamos aprendido a fazer chocolate quente. Como todas as grandes descobertas, fora um acidente. Enquanto tentava pegar uma caneta que havia caído, eu queimara alguns dedos. Provavelmente teria começado a chorar se Ashley não estivesse ali para examinar a queimadura e afirmar: “Não foi nada”. Alguns segundos depois, ela estava agachada debaixo da torre de água, o rosto perigosamente perto do cano.

– Ei, cara! – ela chamou. – Dá para fazer chocolate quente!

A gente ficou sentado por uns minutos em silêncio, esperando o leite ferver.

– Aquela música é horrível – ela falou. – Alguém me mostrou no corredor. Tá tocando mesmo no rádio?

Assenti.

– Como isso aconteceu?

– Elliot.

Ela colocou o leite quente numa caneca e me entregou.

– Você vai se tornar uma estrela do rock agora? – ela perguntou.

– Não sei – respondi. – Realmente não sei.

Dei um gole. Era um dia nublado e dava para ver uma mulher vendendo guarda-chuvas na calçada. Quando as pessoas passavam ao lado de sua banquinha, ela apontava dramaticamente para o céu e gritava. Mas todos a ignoravam.

– Lembra-se daquela festa do Lance? – ela perguntou. – Quando você fingiu conversar no celular?

Meu rosto ficou vermelho.

– O que é que tem?

– Não fui também – ela contou. – Tipo, eu *fui*. Até a rua. Mas fiquei do lado de fora o tempo todo. É por isso que tenho certeza de que ninguém o viu. Porque eu estava espiando atrás da árvore ao lado.

– É mesmo?

– É – ela confessou. – Foi tão estúpido. Como no primário.

Um raio zigzagueou ao longe, seguido por um ruído preguiçoso de trovão.

– Quando eu estava no hospital – ela contou. – Conheci alguém que achava que controlava o tempo.

Assenti o mais casualmente que pude. Era a primeira vez que ouvia Ashley falar que esteve num hospital.

– Seu nome era Rei Elias – continuou. – Acho que era de Scarsdale. Era baixo e meio gordinho, com espinhas.

– Por que ele achava que controlava o tempo?

– Tinha a ver com visões que estava recebendo, em seus sonhos. Ele recebia mensagens de Deus, ou do Demônio, e depois tinha de decodificá-las, usando álgebra. Era muito complicado. Ele sempre pedia minha calculadora emprestada. Depois de umas horas, terminava com algum encantamento, para manipular o sol.

– Ah.

– Ele sempre tentava fazer o tempo ficar bom, mas choveu o inverno todo. E se sentiu culpado por isso. Falei que não me incomodava, que eu gostava da chuva. Mas ele sabia que eu estava mentindo e que só estava tentando fazer com que ele se sentisse bem.

– O que aconteceu?

– Foi uma loucura: outro deus se mudou para o lugar. Um menino de Long Island, chamado Cronos.

– Cronos?

– Bom, seu nome verdadeiro era Ben, mas ele *não* gostava quando o chamavam assim. Também controlava o tempo, mas não precisava fazer nenhum cálculo como o Rei Elias. Ele fazia as coisas acontecerem usando apenas a mente. Terremotos, tsunamis, quase tudo.

– Eram amigos?

– Não – ela respondeu. – Eles *não* se davam bem.

– Acho que entendo.

– É. Era especialmente estranho durante a terapia em grupo. No final, o Rei Elias parou de trabalhar tão duro em seus cálculos. Depois de algumas semanas, ele estava convencido de que Cronos era mais poderoso do que ele. E que não fazia sentido manipular o Sol, porque Cronos podia superá-lo. Parou de pedir minha calculadora e de se desculpar pela chuva. E umas semanas depois disso, foi embora.

Ela olhou para as nuvens e entrecerrou os olhos; tinha começado a garoar.

– Cronos provavelmente ainda tá lá. Mas aposto que o Rei Elias tá melhor.

Ela olhou para mim.

– Ninguém deveria ter de controlar o tempo.

Ela ficou ali, esperando uma resposta minha. O silêncio era tão grande que dava para ouvir nossa respiração.

O sinal tocou alto ao longe e eu rapidamente guardei meus livros.

– Desculpe – falei, devolvendo a caneca quase cheia. – Preciso ir.

Ela não respondeu.

– A gente se vê amanhã, no quinto período.

Eu passei pelo cano quente e comecei a entrar no meu túnel.

– Você não precisa – ela falou. – Não é preciso.

– O quê?

– Você não precisa vir – ela explicou. – Não estou marcando presença.

– Ashley...

– Conto uma coisa séria, algo que nunca contei *a ninguém*, e você só se levanta e volta pra seus testes estúpidos...

– Ashley, qual é...

– Por que eu continuo conversando com você? Tipo, você prefere descer por um *túnel* do que ser visto perto de mim!

– Ashley, não é isso, há uma câmera atrás da porta...

– Nunca nos encontramos na escola...

– Bom, o que você quer que eu faça? Eu tenho uma reputação a manter! Não posso caminhar por aí com alguém como...

Eu parei, mas obviamente já era tarde. Ashley virou a cabeça e olhou para outro o lado. A chuva caiu de repente, mas ela não se mexeu. Alguns fios de cabelo molhado grudaram sobre seus olhos. Os braços brilhavam com a chuva. Fiquei ali por um momento, com minha cabeça do lado de fora do túnel.

– Ashley...

– É melhor ir – ela disse. – Você vai se atrasar.

Elliot estava sentado ao lado do elevador, um telefone em cada mão.

– Mês seguinte em Paris – falou num deles. – Guarde uma garrafa para mim! – falou no outro.

Ele fechou os dois telefones ao mesmo tempo e suspirou cansado.

Normalmente, quando eu entrava na sala de bilhar, Elliot estava no processo de desligar um telefone. Dois telefones não era algo incomum. Havia, às vezes, até quatro, ao lado de sua bebida. Parado ali naquele dia, pensei em algumas perguntas inquietantes pela primeira vez: com quem ele estava sempre falando? Por que eles sempre parecem importuná-lo quando eu chego? Haveria pessoas reais do outro lado da linha?

– Desculpe – disse Elliot. – Preciso dar um jeito na minha correspondência.

Concordei com a cabeça.

– Mas vamos às novidades do dia! – ele exclamou. – Você vai aparecer na *televisão*. É uma produção chamada *Pequenos Milagres*. Um programa de entrevistas idiota, para vender lixo para mulheres.

Eu tinha visto *Pequenos Milagres* algumas vezes quando ficava em casa doente. Eles filmavam toda tarde num estúdio em Times Square. Havia uma audiência ao vivo e paredes de vidro, assim as pessoas na rua podiam segurar cartazes e aparecer na televisão.

– Elliot, isso é loucura. Tipo, o que eles querem que eu faça?

– Você não terá de *fazer* nada, Seymour. Só algumas bobagens ensaiadas e logo terá terminado. É amanhã durante seu tempo livre. James vai levá-lo.

– Está falando do quinto período?

– Isso.

Pensei em Ashley, sentada sozinha na torre de água, esquentando o chocolate e olhando para a boca do túnel de vapor.

– Acho que não vou poder – respondi.

Elliot suspirou, bravo.

– Diga-me por quê.

– Tenho que estar em outro lugar – expliquei.

– *Tem* que estar?

– Ou, sabe... *quero* estar. Quero estar em outro lugar.

Elliot cerrou os dentes.

– Onde? *Onde você poderia querer estar?*

Seus punhos estavam tremendo. Ele respirou fundo e relaxou a mão.

– Desculpe – ele falou. – Esqueço às vezes quanto sua mente precisa de explicação. Que eu preciso tratá-lo como uma criancinha.

Ele se serviu de um copo de uísque de um decantador de cristal.

– As mulheres *assistem* a esses programas. A opinião delas, ou a besteira reciclada que consideram ser a opinião delas, *se origina* neles.

– E daí?

– Daí que todo mundo de Glendale vai ligar para ver você. *Inclusive* Jéssica. Você a quer ou não?

Hesitei.

– Não sei.

– Você não sabe.

Ele terminou sua bebida e se serviu de uma segunda dose, derramando um pouco de uísque ao lado do copo.

– Sabe, Seymour, se queria aquela Ashley, era só ter dito. Eu poderia tê-la conseguido para você. Teria sido bem mais barato.

Eu parei. Como ele sabia sobre Ashley?

– Somos apenas amigos.

Elliot riu.

– Vocês são *o quê?*

– Amigos.

Elliot bateu as mãos.

– Uma aliança social com uma paciente mental. Essa é a sua nova estratégia.

– Não é uma *estratégia*, Elliot. Nem tudo é uma estratégia.

– Ah, não? Por que você acha que ela está falando com você? Para ouvir seus brilhantes *bon mots*? Ela está tentando se enrolar em você, para que a tire do fundo do poço.

– Elliot...

– Apaixonar-se por uma mulher é uma coisa, mas a Ashley? Cristo! É como um garimpeiro encontrar um quartzo e...

– Elliot, cale a boca.

– Certo, certo, meu Deus! Se você vai ser *irracional* assim, eu a consigo para você! Vamos começar a planejar isso agora.

– Não.

Elliot parou por um momento e forçou uma risada.

– Claro – ele falou –, você não precisa da minha ajuda para algo tão trivial. Vamos passar para outra coisa.

Ele começou a contar alguma nova ideia, porém eu o interrompi.

– Não é que não preciso de sua ajuda – falei. – É que não acho que você *possa*.

Elliot olhou para mim, respirando pesadamente.

– Como é?

– Seu eu quisesse ficar com a Ashley... você não saberia como me ajudar. Ficaria totalmente perdido.

Os olhos de Elliot se entrecerraram.

– Faça-me um favor, Seymour: não me diga que não sei como as coisas funcionam.

– Não sabe como *isso* funciona, Elliot. Não tem a menor ideia. Afinal, como poderia? Nunca teve um amigo em toda a sua vida.

Elliot se virou e pude ver seus ombros arquejando. Quando se virou de volta, o rosto estava vermelho e enrugado. Por um momento, quase parecia que chorava.

– Elliot – chamei. – Ouça...

Ele pegou seu decantador e o arremessou contra a mesa de bilhar. A garrafa quebrou, esparramando vidro e uísque por todo o feltro.

– Fora! – gritou. – Fora!

Eu corri para o corredor, fechando a porta pouco antes de uma bola de bilhar acertá-la.

– Posso acabar com tudo! – ele gritou, jogando outra bola contra a porta. – Tudo isso!

Corri para a escada, minhas mãos molhadas escorregando pelo corrimão.

– Tudo que preciso fazer é estalar os dedos! É só isso!

Dava para ouvir Elliot atrás de mim, gritando histericamente no alto das escadas.

– Você é só um *hobby*! Um ratinho para brincar! E agora estou cansado de brincar! Está terminado! Estou *cansado*!

Corri até o hall de entrada e abri a porta. A chuva tinha piorado. Parei por um momento, respirando fundo, olhei para o paredão de chuva.

E então corri para casa.

Meu querido Seymour,

Parabéns! Você é o orgulhoso destinatário de uma Desculpa Allagash. Sugiro que faça um quadro e o pendure na parede – provavelmente nunca mais verá outra!

Sinto-me horrível em relação a nosso encontro na outra noite. Nós dois dissemos coisas terríveis e sinceramente espero que possamos deixá-las para trás. Tive sérios problemas para dormir essa semana e odiaria que você confundisse um sintoma fisiológico com animosidade verdadeira.

Prometo parar de me meter nos seus assuntos. Você se transformou num indivíduo inspirador e não precisa da minha ajuda. A verdade é que nunca realmente precisou.

*Sinceramente,
Elliot*

P.S. Tentei cancelar sua aparição naquele estúpido programa de televisão, mas acho que você estava certo sobre minha inaptidão geral. Eles não aceitam não como resposta! Você é uma estrela, Seymour, goste ou não. Estarei assistindo de casa, torcendo como sempre.

Sentei-me ao pé da minha cama e peguei meu caderno. Em poucas semanas, Glendale finalmente terminaria e eu seria capaz de incinerar o sórdido volume. Sentindo-me nostálgico, o folheei inteiro, desde a primeira página:

Teste Surpresa de Hendricks – 18/4, 14h45 – “As lojas da França”

1) C

- 2) A
- 3) B
- 4) D
- 5) B

Crédito extra: o grupo *a cappella* do sr. Hendricks na faculdade se chamava *The Funktones*.

Pulei para a última página do caderno e escrevi meus últimos lembretes.

Entrevista Pequenos Milagres – 28/5, 13h30

- 1) Encontrar James no saguão durante quinto período
- 2) Letras das minhas músicas são “existenciais”

Foi um alívio quando descobri a carta de Elliot selada com cera, colocada (de alguma forma) dentro do meu armário. Tinha dito algumas coisas bem cruéis. E apesar de estar feliz por tê-lo enfrentado, não consegui evitar a sensação de culpa. Mesmo assim, devia estar certo de alguma forma; ou não havia como Elliot ter pedido meu perdão. Havia um tom novo em seu bilhete, algo parecido com respeito.

Minha mãe bateu de leve na porta.

– Seymour? Se estiver com fome, o jantar tá pronto.

– Certo.

– Vai comer com a gente? – ela perguntou.

– Só um minuto – respondi.

Folheei as páginas, maravilhando-me com a quantidade de texto rabiscado.

– Estou quase no fim.

Parado em frente ao meu armário, tentando soltar o nó da minha gravata, quando Jéssica para ao meu lado.

– Ouvi dizer que você vai aparecer na TV – ela começou. – É verdade?

– Quem te contou?

– Não me lembro – ela respondeu. – As pessoas estão comentando.

Assenti. Elliot provavelmente tinha espalhado o rumor em meu nome.

– O que você vai fazer? – ela perguntou.

Era uma boa pergunta. Se eu queria viver de forma mais independente e me basear menos na influência de Elliot, por que não começar agora? Imaginei James esperando lá embaixo, roboticamente escaneando o hall, me procurando. E imaginei Ashley no telhado, olhando seu relógio e esperando o sinal. Ainda não tinha pedido desculpas. A escolha não era óbvia?

– Acho bem legal – disse Jéssica. – Tipo, *televisão*.

Ela encostou as costas no meu armário e a barra de sua camiseta se levantou um pouco, revelando o umbigo. Eu estava guardando um livro e seu cabelo castanho-claro caiu gentilmente sobre meus dedos.

– É excitante – ela falou.

– Ah... bom... sabe. Nada demais.

Ashley não se importaria se eu faltasse um dia. Poderia pedir desculpas em outro momento. Sorri para Jéssica e fui para o hall.

– Como dizem no teatro: merda! – ela exclamou.

Pequenos Milagres era apresentado por um casal, Mike e Suzie. Tinha começado como um segmento no final do noticiário, mas tornara-se tão popular que a rede não teve outra solução a não ser criar um programa próprio. O primeiro segmento era normalmente devotado a uma pessoa com uma qualidade incomum, como uma dona de casa que tinha inventado um novo tipo de esponja ou um idoso que tinha escalado uma montanha. No segundo segmento, Mike e Suzie encontravam alguém que era pobre ou doente e davam-lhe algo de que precisava para sobreviver (como remédios caros ou um telhado novo para sua casa). No último segmento, eles ofereciam coisas para a audiência. Era normalmente maquiagem, já que o patrocinador era uma empresa de cosméticos (recentemente comprada, claro, pela Indústria Allagash).

Nunca havia sido entrevistado antes, sobre nada. Mas não estava muito nervoso. Se consegui aguentar quatro anos de Elliot Allagash, raciocinei, podia suportar trinta minutos de qualquer coisa.

Era a primeira vez que andava na limusine de Elliot sem ele. Estava orgulhoso por ter batido o pé e exigido que ele ficasse em casa. Mas me sentia estranho andando sozinho no carro com o James. A verdade é que em quatro anos nunca tínhamos tido uma conversa verdadeira. No meio do caminho até Times Square, decidi mudar isso. Afinal, poderia ser minha última chance.

– Deve ser um trabalho bem legal – comecei. – Viajar por aí com os Allagash, não?

James não respondeu, mas olhou para mim pelo retrovisor. Seus olhos eram fundos, escuros, mortos. Decidi não fazer mais nenhuma pergunta.

Quando chegamos ao estúdio, ele disse meu nome a uma mulher com uma prancheta. Tentei agradecê-lo por me levar, mas quando me virei, ele já tinha desaparecido.

A garota me levou até uma pequena sala verde, e me fez sentar na frente de um espelho, cercado de lâmpadas. Havia uma cesta gigante de frutas na mesa, com um cartão preso que dizia "Seymour Herson". Não tinha comido ainda e estava a ponto de abrir o celofane, quando outra mulher veio para me maquiar.

– Não coma nada – ela falou, quando terminou de passar pó de arroz. – Vai estragar tudo.

As duas mulheres saíram e eu fiquei sentado olhando as frutas, as nozes e o chocolate.

Alguém bateu na porta e Mike entrou no camarim. Usava um babador e seu rosto tinha uma camada de maquiagem rosa.

– Não venha me falar isso – ele disse. – Nem ouse.

Entrei em pânico por um momento, até perceber que ele estava falando com o *headset* do celular.

– Desculpe – sussurrou para mim. – Preciso resolver isso.

Ele parecia mais velho do que na televisão, e sua voz não era tão gentil.

– Foda-se – ele estava dizendo. – Não, não... você não pode agendar outro retardado. Já tivemos dois este mês.

Ele revirou os olhos para mim, pedindo desculpas, e levantou um dedo.

– Down? Leve ou total? Tudo bem.

Tirou o fone e removeu uma pilha de notas do bolso.

– Seymour Herstein! – exclamou.

– Herson – corriji.

– Certo – ele falou. – Então eu dou um sinal, você sai, fazemos umas perguntas e você responde. Não importa muito o que você vai dizer. A Suzie vai interrompê-lo de qualquer jeito. Mas é preciso sorrir. Entendeu? Vamos, deixe-me ver seu sorriso.

Sorri.

Ele se inclinou para trás e me olhou por um momento.

– Ok – ele disse. – Ótimo. Fique assim até o segmento de caridade. Quando ele começar, não se esqueça de fazer cara de triste. Assim.

Ele me mostrou.

– Quem vem depois de mim?

– Algum francês com problemas no coração.

– Como se chama?

Ele deu de ombros.

– Eu deveria saber. Ele vem aqui toda hora.

– É mesmo?

– É, eles estão sempre remendando o cara, e ele sempre piora. Já fizemos nove segmentos com ele em três anos, cada um mais triste do que o anterior. Honestamente, o cara é um presente de Deus. Vamos, deixe-me ver como você fica triste.

Fiz cara de triste.

– Nada mal. Certo, então você sorri no final, durante a promoção de maquiagens. Então é sorriso, tristeza, sorriso. Entendeu?

Assenti, desajeitado.

– Puta merda – ele falou, mexendo em seus cartões. – Você é um rapaz bem ambicioso!

Riu.

– Bom, parabéns – ele cumprimentou. – Você conseguiu.

O estúdio era menor do que eu tinha imaginado – só cinco ou dez fileiras de cadeiras. E quando a mulher com a prancheta me levou para os bastidores, eu me senti aliviado. O auditório de Glendale tinha mais de quarenta fileiras, mais um balcão e eu tinha subido àquele palco várias vezes.

Mas aí notei as câmeras. Havia três – uma à esquerda, uma à direita e uma no meio. Estavam todas apontadas para o palco, como três olhos enormes.

– Nosso primeiro convidado é um pintor, músico e cientista amador...

Nos comerciais de *Pequenos Milagres*, o anunciante dizia: “Descubra por que um milhão de nova-iorquinos acordam a cada dia com Mike e Suzie”. Um milhão de nova-iorquinos. Era muita gente.

– ... *linguista, ativista* comunitário...

Se os Knicks lotassem o Madison Square Garden, significava que vinte mil nova-iorquinos tinham aparecido no ginásio. Entrar neste palco significava aparecer para *cinquenta* MSG, cada um com ingressos esgotados.

– ... e ele ainda nem tem idade para votar!

A mulher com a prancheta me puxou pelo ombro; eu entrei no palco. As luzes eram tão brilhantes que não dava para ver a plateia.

Suzie apertou minha mão e me entregou uma caneca cheia de água. Estava usando tanta maquiagem que parecia uma máscara de argila; seus dentes eram da cor de um osso. Mike se aproximou e me deu um tapinha nas costas, sorrindo amplamente para a plateia.

– *Sorria!* – ele sussurrou, entre os dentes.

Sorri.

Mike começou a me fazer perguntas sobre todas as coisas que eu supostamente tinha conquistado. Não sabia realmente como responder a maioria delas, mas felizmente, Suzie falou mais do que eu. Num ponto, Mike me perguntou por que eu escrevi minhas letras em francês e eu murmurei algo sobre o existencialismo. Estava aterrorizado de que Mike continuasse nessa linha, tipo “o que é existencialismo?”, mas depois de uma breve pausa, Suzie levantou e apontou para mim.

– Você já convidou alguém para *o baile de formatura*?

A plateia explodiu em gargalhadas; Mike cortou para um comercial.

Não podia acreditar: tinha terminado. Eu me levantei animado, mas Mike colocou sua mão no meu ombro.

– Aonde você vai, garoto? Ainda há dois segmentos.

Eu me sentei de novo.

– *Existencialismo* – ele zombou. – Meu Deus. Você deve estar pegando todas as meninas do colégio.

Ele olhou para Suzie sem dissimular a repugnância. Os olhos dela estavam fechados e dois velhos estavam mexendo em seu rosto com bolas de algodão.

– Aproveite enquanto puder – aconselhou Mike.

Ele se virou para a câmera, sorrindo, pouco antes de voltar ao ar.

Ele apresentou o próximo convidado e um homem idoso entrou no palco. Suzie descreveu sua condição cardíaca e parecia horrível. Ele tinha realizado nove operações e nenhuma delas tinha resolvido completamente o problema. Ele ainda tinha ataques o tempo todo, ela contou, e se não tomasse uma pílula, morreria. No entanto, essas pílulas eram caras, e ele não estava mais conseguindo comprá-las. Mike entregou um cheque gordo o suficiente para um suprimento vital de pílulas para o coração. A plateia aplaudiu. O

velho disse algo em francês e Suzie fez uma piada sobre como ela deveria ter estudado mais no colégio. A plateia riu. Mike cortou para outro comercial. Havia só mais um segmento.

O francês se sentou perto de mim no sofá, evitando me olhar. Era careca e tinha manchas na pele, o rosto muito enrugado. Pela primeira vez naquele dia, eu me senti realmente culpado. Para mim, a aparição na TV era uma brincadeira – uma forma divertida de passar a tarde. Para ele, era uma questão de vida ou morte. Eles tinham filmado o homem com sua esposa andando de mãos dadas pelos vinhedos de sua propriedade. Sua condição cardíaca o impedia de trabalhar mais do que uma ou duas horas por dia, então seria necessário vender o pedaço de terra que tinham. Ficamos sentados em silêncio enquanto alguns produtores traziam várias caixas de delineador para o palco.

Eu só tinha visto *Pequenos Milagres* umas poucas vezes, mas sempre achei incrível como as mulheres na plateia ficavam animadas durante o terceiro segmento. Mike e Suzie davam batons ou máscaras para cílios no final de cada programa. Quando Mike terminava a conversa com uma pessoa necessitada e Suzie revelava toda aquela mercadoria, as pessoas ficavam doidas. Suzie tentava falar sobre o produto – sua maciez e suavidade – mas quase não dava para escutá-la por causa dos gritos das mulheres. No final, quando Suzie terminava de descrever o produto, Mike fazia algum tipo de sinal com a mão e as mulheres corriam para o palco, agarrando a pilha com as duas mãos até ela desaparecer.

Se respondiam assim à maquiagem, dá para imaginar como elas reagiriam se algo *realmente* chocante acontecesse.

Suzie começou a ler suas linhas no teleprompter, mas antes de terminar a primeira sentença, ouvi um suspiro alto. Eu me virei. O francês estava agarrando a mesa com as mãos.

– É seu coração! – alguém gritou. – Ele precisa das pílulas!

Uma mulher na plateia gritou e todos os câmeras começaram a gritar em seus walkie-talkies.

– Onde estão as pílulas dele? – gritou Mike. – Onde estão?

O velho agarrou os cartões de Mike, rabiscou algo e entregou de volta. Mike olhou para o cartão, horrorizado.

– Está em francês!

De repente, do outro lado do palco, Suzie apontou para mim.

– Seymour! O Seymour consegue traduzir!

Mike me entregou o cartão. As três câmeras se viraram para mim.

– Garoto, o que ele está dizendo? O que ele está dizendo?

O estúdio ficou em silêncio enquanto eu olhava para o cartão. O velho tinha rabiscado umas poucas palavras em francês, sublinhando cada uma para enfatizá-las. Não tinham nenhum sentido para mim.

– Droga, Seymour! O que está escrito?

– Leia o cartão! Leia o cartão!

O velho colocou a mão no peito, soltou um grito e desabou sobre a pilha de delineadores. A maquiagem se espalhou por todo o palco.

– Alguém fala francês? – gritei.

– *Você* não fala? – perguntou Suzie.

Olhei para as câmeras, ainda segurando o cartão nas minhas mãos.

– Jesus, garoto – disse Mike, balançando a cabeça em desgosto.

– *Jesus*.

A plateia fugiu do estúdio enquanto o velho se contorcia em agonia no chão. Seus braços estavam se mexendo em espasmos, mas assim que os câmeras gritaram “corta”, ele parou. Dei um passo na direção dele. De alguma forma, seus olhos pareceram familiares.

– Oh, meu Deus – sussurrei. – *James?*

Ele colocou um dedo sobre os lábios.

– Jesus Cristo – gritei.

Ele se levantou e se arrumou. O estúdio estava tão tomado pelo pânico que ninguém pareceu notar que ele tinha se levantado. Dava para ouvir uma sirene ao longe. Ele tirou seu celular e apertou um único botão.

– Terminado – disse.

– Espere! – gritei. – James... você precisa explicar isso para os paramédicos! As pessoas vão pensar que eu...

Ele colocou a mão sobre minha boca e se aproximou. Seu hálito era fedido e sua maquiagem tinha rachaduras de transpiração. Era chocante; Elliot tinha me treinado, me ensinado, lutado por mim todos esses anos. Será que tinha guardado essa carta na manga o tempo todo, por precaução?

– Está terminado – avisou James. – Você pode ir.

– Como você pôde fazer isso comigo? – exigi saber.

Ele suspirou, cansado.

– Confie em mim, garoto – ele disse. – Você me deve uma.

Eu saí do estúdio e voltei para a escola, mas não consegui entrar no prédio. Dava para ver as pessoas que eu conhecia no hall de entrada, conversando, rindo, se cumprimentando. Provavelmente ainda não sabiam do fiasco, mas era só uma questão de tempo. O mundo havia terminado e eu era o único que sabia. Sem nem perceber o que estava fazendo, peguei meu celular e apertei o número do Elliot. Tocou duas vezes antes de perceber que ele não ia atender. Eu o imaginei sentado em sua sala de bilhar, acrescentando

meu nome ao seu livro de inimigos. Ele já o tinha riscado? Ou tinha apenas começado?

– Ei!

Soltei um soluço assustado. Jéssica estava parada ao lado do cano para prender bicicletas, fumando um cigarro.

– Eu gravei – ela contou. – Vamos assistir depois da escola. Eu, Lindsay, Tamara...

Assenti automaticamente enquanto ela recitava mais nomes, cada um deles parecia um soco na minha cara. O que essas pessoas iriam fazer comigo quando descobrissem que eu era uma fraude?

– Você tá bem? – ela perguntou.

– Estou – respondi.

– Você parece...

– Estou *bem*.

– Sabe, estive pensando muito na sua música e estava imaginando, tipo...

– Não quero falar sobre isso.

Ela jogou fora o cigarro.

– Não sou idiota, sabe? – ela falou.

– O quê?

– Não sou idiota!

Ela parecia distante, envergonhada.

– Ok, tudo bem, não entendo a música! Mas é porque ninguém me explica nada! As pessoas pensam: “Adianta? Ela não vai entender”. Bom, talvez eu entendesse se alguém me explicasse!

Ela olhou para os pés, piscava rapidamente. Não podia acreditar: estava chorando.

– Ouvi aquela música horrível centenas de vezes – ela disse. – E quando tento falar sobre isso, as pessoas riem! Você sabe o que é *isso*?

Pela primeira vez, pensei em como Jéssica deveria me ver. Nunca ia a festas ou falava algo legal para alguém. Tudo que fazia ou dizia era mais ou menos calculado para que ela se sentisse inferior.

– Jéssica...

– *O quê?*

– Eu também não entendo.

Ela levantou o rosto.

– O quê?

– Aquela música, a que eles tocam no rádio... não fui eu que a compus. Foi outra pessoa. Não tenho *a mínima ideia* do que significa.

Ela limpou o rosto, borrando um pouco a maquiagem.

– É mesmo?

– É – respondi. – E sabe o que mais? A pessoa que compôs aquela coisa também não tem ideia do que significa! Então se as pessoas dizem que você não entende, elas é que são estúpidas, porque não há nada para *entender*. A música é uma besteira!

– Foi o que eu pensei – ela sussurrou. – Não falei pra ninguém, mas é o que eu sempre pensei.

– Bom, você é que está certa – falei.

Ela riu por um momento, depois parou, cobrindo sua boca com as mãos. Olhou por sobre o ombro e depois sorriu para mim, conspirativa.

– Não vou contar a ninguém – ela disse. – Prometo.

– Está tudo bem – falei. – Não importa. Pode contar pra quem quiser.

Ela hesitou.

– Posso contar ao Lance? Ele vai ficar tão feliz: ele não entendeu a música também!

– Claro – concordei. – Conte ao Lance.

– Seymour... o que tá acontecendo com você?

Suspirei.

– Estou com um problema, Jéssica.

Seus olhos se abriram com uma preocupação verdadeira.

– Muito sério?

– Acho que sim.

Ela me deu um sorriso amigo.

– Vai ficar tudo bem, Seymour – ela assegurou. – Tipo, não pode ser tão ruim assim, né?

Retratação

The New York Times

Um artigo publicado em 15 de outubro, “Ativista de Colégio não comparece ao Baile de Formatura para Lutar contra Doença”, continha vários erros.

– A pessoa descrita no artigo, Seymour Herson, disse ser o secretário da “Liga Antiasbestos de Nova York”. Ele não tem esse cargo. Na verdade, tal organização não existe.

– O artigo equivocadamente afirmou que Seymour estava tentando curar a Doença Pasternak-Schwarzschild. Ele nunca tentou curar a doença.

– O artigo afirmou que Seymour fala quatro idiomas. Na verdade, ele fala apenas um: inglês.

– O artigo equivocadamente afirmou que o livro favorito de Seymour Herson é *O arco-íris da gravidade*, de Thomas Pynchon. Seymour Herson não leu esse livro.

– O artigo continha uma história, fornecida ao *Times* por um “amigo próximo”, na qual Seymour visitava um museu. Na história, Seymour ficou tão absorto por um quadro de Cézanne que quando um guarda falou que o museu estava fechando, ele não ouviu e precisou ser “fisicamente chacoalhado”. O evento nunca aconteceu.

– O artigo informou que Seymour Herson precisou escolher entre fazer uma pesquisa no laboratório e participar no baile de formatura de Glendale “com uma acompanhante”. Seymour não tinha, na verdade, uma acompanhante para o baile.

O *Times* pede desculpa pelos erros.

Art of America

Nossa síntese anual de quadros atribuiu erroneamente uma obra, *Green Waters*, ao artista Seymour Herson. Na verdade, o quadro é o trabalho de Terry Allagash. O lendário magnata diz que pintou o trabalho sob um pseudônimo para “receber uma justa avaliação dos críticos”. *Art of America* congratula o sr. Allagash por sua conquista.

Bishop House – Catálogo de Livros de Outono

Os editores da Bishop House gostariam de anunciar as seguintes mudanças em nossa programação: *Semiótica Marxista*, o terceiro trabalho do professor Herson da Universidade de Fordham, não será mais lançado este outono. O livro foi rejeitado e o contrato com o professor Herson, cancelado.

Genezaro Tribal Newsletter

Um artigo em nossa newsletter de dezembro, “Conquistas de um Filho da Tribo”, continha algumas inconsistências. Seymour Herson não é membro de nossa tribo. Seus documentos foram falsificados. O artigo também dizia que Seymour começaria a frequentar Harvard neste outono. Isso não é mais verdade: sua admissão foi negada.

A *Genezaro Tribal Newsletter* lamenta os erros.

– Seymour? Jesus, há quanto tempo você está aqui em cima?

– Ashley, se você contar pra *alguém...*

– Voltamos com as ameaças? Certo, ótimo, vamos ouvir. O que vai fazer comigo?

Eu saí de debaixo da torre de água. Minhas roupas estavam manchadas de betume e meu moletom, úmido, pois havia chovido na noite anterior.

– Meu Deus, cara – ela falou. – Você está escondido aqui desde ontem?

Fiz que sim com a cabeça. Tinha entrado pelo túnel logo depois de conversar com Jéssica. Só ia ficar um ou dois minutos, para planejar o que ia dizer aos meus pais. Mas demorou mais do que eu esperava para encontrar uma estratégia. Eu sabia que deveria começar com alguma besteira, para deixá-los confortáveis. Algo sobre o tempo, como “Tá chegando o verão” ou “Dá pra acreditar nessa chuva?”. Foi até aí que cheguei.

– Vi o sr. Hendricks conversando com um repórter na entrada – contou a Ashley.

– Ai, meu Deus.

– Relaxa, ele tá adorando a atenção.

Ela se sentou perto de mim e começou a folhear uma pilha de tabloides. Meu rosto estava em algumas das capas.

– Cara – ela falou –, você tá ferrado.

– É.

– Sabe com o que todos estão mais bravos? Com a coisa dos indígenas.

Assenti.

– Isso foi loucura demais – concordei.

Peguei os jornais e senti o peso deles. Quanto dinheiro os Allagash ganham com uma pilha assim? Ashley os agarrou e colocou na mochila.

– Ninguém vai ligar mais daqui uns dias – ela falou. – Alguma mulher em Omaha vai afogar seus filhos e as pessoas vão esquecer de você.

– Meu Deus, espero mesmo.

Ela riu.

– Vamos – ela chamou –, você precisa descer daqui. Isso é ridículo.

Balancei a cabeça, teimoso.

– Do que você tem medo? Já foi pego.

Estava me concentrando numa camada de piche para não chorar. Não estava funcionando.

– Seymour, vamos. O que o preocupa?

Limpei meus olhos com a manga da blusa.

– Vão me tratar mal.

– Quem?

– Todo mundo.

Ela assentiu.

– É – concordou.

Eu podia ouvir o sinal tocando ao longe, mas não me mexi.

– Ei – ela chamou –, eu vou te tratar bem.

Olhei para ela, com suspeitas.

– *Por quê?*

– Por que não? Não me *custa* nada. Não é nem meu chocolate! Eu roubo da cantina.

– Você não tá brava comigo?

– Estou – ela respondeu. – Porque você foi um *idiota*. Não porque você não é um indígena de verdade. E não estou mais brava.

Ela me entregou uma caneca.

– Aqui está, balofo. Beba.

– Ashley... preciso contar uma coisa. – Suspirei fundo. – Na oitava série, quando estávamos disputando a presidência da classe... eu e o Elliot, a gente fez com que você perdesse.

– Eu sei disso.

– Como?

– Tipo, sempre achei que vocês tinham roubado. Mas caso houvesse alguma dúvida na minha cabeça...

Ela procurou na sua mochila e me entregou um envelope pequeno e dourado. O selo de cera estava muito manchado para ler. Mas quantas pessoas usavam cera para fechar suas cartas?

– Quando Elliot mandou isso pra você?

Ela deu de ombros.

– Uns dois meses atrás. Acho que ele pensava que eu era uma má influência.

Olhei para ela, sem acreditar.

– Mas então por que você não disse nada? Quero dizer, por que você continuou se encontrando comigo?

– Porque era coisa de crianças, Seymour! Não sou mais *criança*. Você é?

Engoli em seco.

– Não.

Olhei para meu colo.

– Ashley?

– Quê?

Hesitei.

– Você vai ser minha amiga?

Quando olhei, ela estava sorrindo.

– *Sou* sua amiga – ela confirmou. – Seymour, eu *já* sou sua amiga.

– Ok – falei. – Acho que consigo descer.

Eu me levantei e comecei a caminhar até o túnel.

– Espere – ela chamou. – Pode ser... quer dizer... podemos ir pelo outro caminho?

Cruzei o telhado e segurei a mão dela. Ela sorriu.

– Não quero mais voltar aqui – falei.

– Está bem – ela concordou.

E nós dois cruzamos a porta.

Meus pais deviam estar atentos ao barulho do elevador, pois estavam me esperando no corredor. Meu pai me abraçou assim que a porta se abriu enquanto minha mãe gritava histérica no telefone. Eles me arrastaram para dentro, me sentaram no sofá e freneticamente examinaram meu corpo, procurando cortes e machucados. Eu estava desganhado depois de um dia como fugitivo, mas meus pais pareciam pior. O cabelo da minha mãe estava bagunçado e o pescoço do meu pai estava áspero, com a barba por fazer. Comecei a pedir desculpas – por me esconder, por tudo – mas os dois me cortaram, ao mesmo tempo.

– Podemos conversar sobre isso mais tarde – disse meu pai, enquanto desamarrava meu tênis.

Minha mãe encheu a banheira e eu mergulhei, algo que não fazia havia anos. Meu rosto ainda tinha maquiagem da TV. Enfiei a cabeça embaixo da água pelo máximo de tempo que consegui e dava para ver a maquiagem saindo.

Vesti um uniforme velho do Knicks e fui até a sala. Havia torta de carne na mesa. Meus pais estavam encurvados sobre uma caixa.

– É noite de Banco Imobiliário – disse minha mãe, na voz mais normal que ela conseguia fazer.

As reparações iam começar no dia seguinte e levariam meses. Mas primeiro meus pais se permitiram uma noite de tranquilidade doméstica.

Comemos em silêncio enquanto meu pai montava o tabuleiro. O telefone tocava a cada dois minutos. Meu pai atendia, murmurava “sem comentários” e desligava. Depois de sete ou oito ligações, ele tirou o fone do gancho.

Olhei para meu prato. Era horrível pensar na humilhação que meus pais teriam de enfrentar por minha causa.

Meu pai procurou na caixa até encontrar seu carrinho.

– Ei – ele falou –, filho, quer saber de uma coisa?

Dei de ombros.

Meu pai olhou para minha mãe, hesitou e depois limpou a garganta.

– Eu roubo no Banco Imobiliário – ele confessou.

Não tinha certeza de ter ouvido corretamente.

– Desculpe – falei. – Como é?

– Eu roubo no Banco Imobiliário – ele repetiu. – Há anos.

Levantou a mão para o ar.

– É isso mesmo – continuou –, sou um adulto que rouba num jogo de criança.

– Como?

– Roubo do banco – ele explicou. – É por isso que sempre concordo em ser o banqueiro, assim posso roubar. Também roubo da sua mãe.

– Jesus – falei. – Mãe, você acredita nisso?

– Eu sei há muito tempo – ela confessou. – E sabe o que é o pior? Mesmo assim ele perde às vezes.

Meu pai assentiu.

– Não sou bom jogando Banco Imobiliário – ele disse.

– Uau – falei. – Nunca soube disso.

– Você está bravo? – perguntou meu pai.

– Bom, um pouco, acho. Mas, sabe... vou superar.

Ele esticou o braço por cima do tabuleiro e segurou minha mão.

– É bom mesmo – disse. – Somos uma família.

O interfone tocou de repente; meus pais se levantaram ao mesmo tempo.

– Jesus...

– Não me diga que encontraram nosso *endereço...*

– Gente! – exclamei. – Tá tudo bem! Esqueci de dizer, convidei uma amiga.

Os olhos de minha mãe se abriram em pânico.

– Quem?

A campainha tocou. Meus pais estavam completamente petrificados quando cruzei o corredor e abri a porta.

– Oi – cumprimentou Ashley.

– Oi – repeti. – Mãe, pai? Esta é minha amiga, a Ashley.

– Oh! – exclamou minha mãe. – Oh!

– Prazer em conhecê-la! – cumprimentou meu pai. – Chegou bem na hora!

Ele trouxe uma quarta cadeira até a mesa e procurou outra peça na caixa do jogo. Ashley estava pensando se ia ficar com o dedal ou o pino quando senti meu celular vibrar no bolso. Tirei, hesitei e vagarosamente encostei-o no ouvido.

– *Seymour! Graças a Deus você atendeu!*

Ashley examinou o carro e jogou-o de volta na caixa.

– Seu celular estava fora de área. Ouça, precisamos conversar imediatamente. É urgente!

Ela colocou seu dedal no Ponto de Partida e meu pai alinhou as quatro peças.

– Sei que me comportei de maneira precipitada nesta semana. Tinha de ensinar uma lição a você. Sei que fui duro, mas era preciso. Você precisa entender, não há nada que fiz que não seja reversível, desde que ajamos rápido!

Minha mãe trouxe um prato para Ashley e meu pai serviu um pedaço de torta de carne.

– Qualquer um pode ficar paralisado na frente de uma câmera! Podemos explicar cada um dos crimes! Ou, melhor ainda, culpar outra pessoa! Várias pessoas! Não importa! Em três semanas, um mês no máximo, posso conseguir tudo de volta. Tenho jornalistas! Tenho relações-públicas! Seymour, está me ouvindo?

Meus pais olharam para mim.

– Isso é só um corte na linha do tempo! Daqui a vinte anos, vamos olhar para trás, para esse momento, e rir! Venha aqui esta noite, vamos começar a planejar. Já cuidei de algumas coisas, Harvard, Bishop House, a imprensa... Só preciso falar e eles resolvem tudo rapidinho! Podemos recuperar tudo e ter mais, Seymour! Mais!

– Querido? – perguntou minha mãe. – Você precisa atender esta ligação?

– Não – respondi. – Não preciso.

Desliguei o telefone. Quatro peças brilhantes estavam no Ponto de Partida, como corredores se empurrando para conseguir a melhor largada. Peguei o dado e o balancei sobre a nota de quinhentos dólares que meu pai tinha colocado sobre a casa de Parada Livre.

Aí, parei.

– Tudo bem – perguntei –, se jogarmos algo diferente?

Os quatro se entreolharam em silenciosa concordância.

– Vou pegar o quebra-cabeça – respondeu minha mãe.

Meu pai limpou o tabuleiro de Banco Imobiliário enquanto minha mãe procurava no armário. Só tínhamos um quebra-cabeça – um de mil peças – enterrado lá no fundo. A caixa não tinha tampa, mas ela jogou as peças em cima da mesa mesmo assim.

– Qual é o desenho? – perguntou Ashley.

– Acho que vamos ter que descobrir – respondeu meu pai.

Peguei uma peça e comecei a montar.

SORTE OU REVÊS

Ashley e eu estávamos comprando coisas para uma viagem no final de agosto quando encontramos Elliot Allagash. Ele estava caminhando até sua limusine, gritando ordens em seu celular. Um garoto desalinhado usando jeans folgado e camiseta regata andava ao lado dele. Não ia cumprimentá-lo, mas Ashley gritou seu nome.

Elliot olhou para nós, engoliu em seco e fechou o celular.

– Ora, ora – ele disse.

Segui Ashley até a calçada e pela primeira vez desde que nos conhecemos, Elliot e eu nos demos a mão.

– Este é o Doug – apresentou o Elliot, gesticulando para o jovem com cara de tonto parado ao lado dele.

– *Iaí?* – disse Doug. Ele levantou o punho para que Ashley e eu batêssemos.

– Doug vai me acompanhar em Harvard no mês que vem – anunciou Elliot. – Apesar de uma nota média de 2,3 pontos e três prisões por intoxicação pública.

– Parabéns – cumprimentei.

Doug balançou a cabeça.

– Vou fumar um atrás daquele lixo – ele avisou.

– Tudo bem – concordou Elliot.

Ele soltou um longo suspiro quando Doug foi para o beco ao lado.

– Acho que ele é retardado – disse Elliot –, mas eu o coloquei na melhor faculdade do mundo.

Todos ficamos parados por um momento, em silêncio. No final, Ashley me cutucou.

– Então – comecei –, como... ãhn... você fez isso?

– Não importa – Elliot gritou.

Houve uma breve pausa.

– Enfim, se você que saber: eu chantageei alguns professores e os enganei. Fiz parecer que um estava chantageando o outro.

Ele enfiou a mão no bolso e me entregou um pedaço de papel.

– Aqui... Aqui está o gráfico que fiz para ajustar tudo.

– Uau – elogiei. – Muito inteligente.

Virei para a Ashley, mas ela tinha ido olhar uma vitrine. Acenou para mim e ficou de costas.

Examinei o gráfico de Elliot; era impossível entender, mas dava para ver que tinha exigido muitas horas para ser produzido. Eu o dobrei cuidadosamente e o devolvi.

– Então... ãhn... como está o seu pai?

Elliot deu de ombros.

– Terry está se mudando de Nova York.

– É mesmo? – falei. – Para onde vai?

– Massachusetts – ele respondeu, olhando para o próprio pé. – Cambridge, na verdade.

– Ah, é?

– É. Ele comprou um prédio histórico perto de Harvard, um antigo edifício governamental. Destruíu tudo, para ódio de alguns professores locais. Bom, vou morar ali.

– Que legal que ele se mudou pra lá só pra ficar mais perto...

– É uma coincidência – explicou Elliot. – Seu chapeleiro favorito abriu uma loja em Newbury Street, e ele o seguiu por capricho.

– Oh – falei. – Bom, faz sentido.

– Claro – retrucou Elliot. – Não há bons chapeleiros nesta cidade, então...

– Claro – concordei.

Elliot assentiu.

– Estamos... Na verdade, estamos trabalhando num pequeno esquema agora – ele disse. – Terry e eu.

– É mesmo?

– É, Terry teve uma ideia para evitar que eu tenha que cumprir meus requisitos de matemática e ciência. É bastante astuciosa, mas muito complicada. Vamos ter de gastar muitas horas para que funcione.

– Tenho certeza de que vocês vão encontrar uma forma – falei.

– Claro – disse Elliot. – Já estamos bem adiantados.

Doug saiu de trás do lixo, passou por nós e entrou na limusine.

– É melhor eu ir – disse o Elliot.

– Tchau – me despedi.

Ele entrou no carro, que imediatamente acelerou.

Fui até Ashley, peguei sua mão e começamos a caminhar na outra direção. Estávamos na metade do quarteirão quando olhei por cima do meu ombro. A limusine de Elliot desaparecia por uma colina, mas tive a sensação de ter visto seu rosto sair pelo teto solar e olhar na minha direção.

Lembrei da adrenalina causada pelo vento no meu cabelo enquanto andava pela Park Avenue. Uma bebida na minha mão, o sol no meu rosto, o mundo todo a meus pés! Era uma lembrança tão emocionante que comecei a rir alto.



SIMON RICH tem 27 anos e redige quadros para o programa de comédia americano Saturday Night Live, em que suas histórias já foram interpretadas por celebridades como Anne Hathaway e Justin Timberlake. Ele também é roteirista e autor de duas coleções de humor, Free Range Chickens e Ant Farm. Rich escreve frequentemente para o jornal The New Yorker, sendo que um de seus textos já foi traduzido na revista Piauí por Reinaldo Moraes.

FIM